



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM
COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE - PPGCom

JANETE MONTEIRO GOMES

A COMUNICAÇÃO DA DOR DO LUTO PERINATAL NO *INSTAGRAM*

PALMAS (TO)
2022

JANETE MONTEIRO GOMES

A COMUNICAÇÃO DA DOR DO LUTO PERINATAL NO *INSTAGRAM*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins como requisito parcial à obtenção do grau de Mestra em Comunicação e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Rodrigues Lage.

PALMAS (TO)
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

M775c Monteiro Gomes, Janete.

A comunicação da dor do luto perinatal no Instagram. / Janete Monteiro Gomes.–
Palmas, TO, 2022.

165 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em
Comunicação e Sociedade, 2022.

Orientador: Leandro Rodrigues Lage

1. Comunicação. 2. Instagram. 3. Luto. 4. Mães de anjo. I. Título

CDD 302.2

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO
JANETE MONTEIRO GOMES

“A COMUNICAÇÃO DA DOR DO LUTO PERINATAL NO INSTAGRAM “

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora

Data de aprovação: 06/06/2022

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Leandro Rodrigues Lage
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
Orientador

Prof. Dr. Paulo Roberto Gibaldi Vaz
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Primeiro avaliador



Documento assinado digitalmente
Liana Vidigal Rocha
Data: 08/06/2022 16:53:07-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Liana Vidigal Rocha
Universidade Federal do Tocantins(UFT)
Segunda avaliadora

[...] queria saber como é morrer você me conta? Queria saber como fica o corpo morando assim, na nuvem. Você sente igual quando estava viva? A diferença é só que a gente não te vê mais?

(Aline Bei, O Peso do Pássaro Morto, vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura 2018)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor orientador Leandro Rodrigues Lage pela paciência e direção nesta pesquisa; aos professores Liana Vidigal, Líliam Ghizoni e André Demarchi pelas dicas preciosas, atenção e zelo pelo meu trabalho; aos amigos Ramiro, Lauane, Lídia Soraia, Aurielly, Joésia e Lima, Helan, Kamily, Marcela, Antonielly, Maria Erlene, Isadora e minha prima Lívia, assim como Albertina (Tina) e Arlete. A todos pelas horas de conversas e incentivo, bem como sugestões para melhoria da pesquisa.

A Fabiane pelas incontáveis horas de colaboração e apoio nas fases de elaboração de tabelas e gráficos, bem como o suporte desde o início do mestrado.

A minha mãe Jandira, meu irmão Eduardo e minhas Tias Adália, Tia Nega e Tia Quina por me apoiarem em todas as minhas iniciativas e aos meus velhos e bons amigos da turma do Piauí/Tocantins por entenderem certas horas de ausências e mesmo de longe continuam sempre perto com uma palavra de conforto, em especial: Márcia, Fernanda, Valéria, Bel, Simone, Patrícia (Paty), Rejane, Jonismar e Jocreane.

A Ana Mara pela ajuda importantíssima em várias fases do trabalho, em especial a ajuda concreta na fase de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP.

Ao Rodrigo pelo incentivo e, sobretudo, por me apresentar e orientar no uso do Iramuteq.

Aos colegas que não conheço pessoalmente, mas não se furtaram a ajudar e enviar material para ajudar na pesquisa como Suzette, Davino, Sarah Melissa e Lidiane e aos colegas da turma que participaram, com sugestões, dessa construção a exemplo de Maria Teresa, Eduardo, Maurílio, Caroline, Keila, Ana Cleia e Jesuíno que compartilharam conhecimento, dúvidas e anseios.

A Arielar (*in memoriam*) que com sua partida prematura me alertou que a vida é curta, que a saudade é longa e que morrer acontece, por isso, é importante falar sobre isso.

Ao meu pai querido, Neto de Sérvulo, como era chamado, pelas lições de vida ao longo da nossa jornada juntos e sobretudo pelo gosto pelas leituras.

Como o tema finitude é pertinente, eu saúdo ao amor, que não morre porque seu destino é viver. Assim, *in memoriam*, pelos seres generosos que são, por estarem vivos dentro daqueles que os amam, agradeço a vida eterna dos meus amados antepassados e avós Maria e José, Amália e Sérvulo; aos meus tios Sinval, Mazinho, Getúlio, Pedro e Tio Jesus, e em especial às mães: Dona Lili e Dona Betinha, (que partirem durante a escrita desta pesquisa) pessoas queridas que mesmo não sendo mães de anjo na acepção da palavra, são mães de pessoas que se importam e se importaram com a caminhada deste trabalho, portanto são anjos também: Ana e Fabi.

Por fim, agradeço às mães de anjo que participaram da pesquisa e aos servidores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins por proporcionarem o melhor que podiam nesta experiência.

RESUMO

A presente dissertação tem como temática a forma de comunicar a dor do luto na rede social *Instagram*. É objetivo desta pesquisa compreender o uso desta rede como espaço de interação e compartilhamento do luto perinatal. Este é compreendido como o luto pela perda do filho no período gestacional ou em até 28 dias após o nascimento. Objetiva-se também verificar se há reconhecimento social desse luto na opinião das mães enlutadas, cujos perfis foram aqui analisados, assim como pelas usuárias do *Instagram* que seguem estes perfis. Além disso, são objetivos específicos: conhecer quem são essas mães que se autointitulam mães de anjo e relatam suas dores na rede; como estas mães descrevem a experiência delas e a própria dor nas postagens e comentários; como se expressam diante da dor do outro e se há padrões de interação dentro destes perfis do *Instagram*. Para isso, este trabalho está alicerçado pela análise de conteúdo proposta pela Bardin (2016) e utilizou-se o software Iramuteq para observar a existência ou não de padrões de interação nos comentários publicações do *feed*. Algumas informações puderam ser representadas visualmente em formato de gráficos e tabelas. Concluiu-se que o *Instagram* funciona como suporte e apoio ao luto perinatal no que se refere ao local seguro para desabafo das mães, assim como para a sentirem-se ouvidas e compreendidas na dor. Verificou-se, também, por meio das entrevistas, que as mães, cujos perfis foram aqui estudados, consideram que não há, em geral, reconhecimento social desse luto. Há um padrão de interação em que relatos atraem outros relatos e muitas mães compartilham frases ouvidas durante o processo de luto. O estudo mostrou ainda que as mães utilizam o *Instagram* como o espaço de encontro e partilha das dores emocionais do luto vivido por elas.

Palavras-chave: Comunicação. Instagram. Luto. Mães de anjo.

ABSTRACT

This dissertation has as its theme the way to communicate the pain of mourning on the social network Instagram. The objective of this research is to understand the use of the social network Instagram as a space for interaction and sharing of perinatal mourning, (mourning for the loss of the child in the gestational period and up to 28 days after birth) as well as to verify if there is social recognition of this mourning in the opinion of the bereaved mothers, whose profiles were analyzed here, as well as by the users of the social network Instagram who follow these profiles. In addition, there are specific objectives: to know who are these mothers calling themselves mothers of angel, (mothers who lose babies in the perinatal phase) who report their pain in posts and comments; how they express themselves in the face of each other's pain and whether there are patterns of interaction within these Instagram profiles. For this, this work is based on the content analysis proposed by Bardin (2016) and Iramuteq software was used to observe the existence or not of interaction patterns in the comments of feed publications. Some information could be visually represented in chart and table format. It was concluded that Instagram works as a support and support for perinatal grief with regard to the safe place to vent mothers, as well as to feel heard and understood in pain. It was also verified through the interviews that the mothers, whose profiles were studied here, consider that there is, in general, no social recognition of this mourning. There is a pattern of interaction in which reports attract other reports and many mothers share phrases heard during the grieving process. The study also showed that those surveyed use Instagram as a meeting space and sharing of their experiences as the emotional pains of grief.

Keywords: Communication. Instagram. Grief. Angel mothers.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP	Conselho de Ética em Pesquisa com Humanos
IGTV	Instagram TV
UNICEF	Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a infância
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
PPGCOM	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade
UFT	Universidade Federal do Tocantins
USP	Universidade de São Paulo
Nippel	Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Perdas e Luto

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual por categoria do Perfil Angel.....	104
Gráfico 2 – Composição da categoria por subcategoria do Perfil Angel.....	106
Gráfico 3 – Percentual por categoria do Perfil Ariel.....	106
Gráfico 4 – Composição da categoria por subcategoria do Perfil Ariel.....	108
Gráfico 5 – Percentual por categoria do Perfil Agla.....	108
Gráfico 6 – Composição da categoria por subcategoria do Perfil Agla.....	110
Gráfico 7 – Similitude no Perfil Angel.....	114
Gráfico 8 – Similitude no Perfil Ariel.....	116
Gráfico 9 – Similitude no Perfil Agla.....	117
Gráfico 10 – Nuvem de Palavras do Perfil Angel.....	119
Gráfico 11 – Nuvem de Palavras do Perfil Ariel.....	120
Gráfico 12 – Nuvem de Palavras do Perfil Agla.....	120

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Criança amarrada à cadeira.....	32
Figura 2	– Mãe que perdeu um filho na atualidade e reivindica espaço de fala.....	34
Figura 3	– Plataformas sociais mais usadas no Brasil.....	59
Figura 4	– Tempo gasto em aplicativos de redes sociais no Brasil.....	60
Figura 5	– Bio de perfil.....	61
Figura 6	– <i>Feed</i> de Perfil.....	62
Figura 7	– Ilustração do <i>reels</i>	63
Figura 8	– Exemplo de IGTV.....	64
Figura 9	– Bio do perfil inFINITO.....	66
Figura 10	– Bio do perfil Devolvi meu filho pra Deus.....	68
Figura 11	– <i>Post</i> 1, Angel: “O #TBT de hoje é”.....	86
Figura 12	– <i>Post</i> 2, Angel: “Hoje estou aqui”.....	87
Figura 13	– <i>Post</i> 3, Angel: “Se seu filho morreu grande”.....	86
Figura 14	– <i>Post</i> 4, Angel: “Mas pelo menos foi no comecinho”.....	89
Figura 15	– <i>Post</i> 5, Angel: “Só mãe de anjo entende”.....	91
Figura 16	– <i>Post</i> 1, Ariel: “Muito obrigada filho”.....	93
Figura 17	– <i>Post</i> 2, Ariel: “Eu me liberto”.....	94
Figura 18	– <i>Post</i> 3, Ariel: “Uma mensagem para você”.....	95
Figura 19	– <i>Post</i> 4, Ariel: “Dia da Conscientização da perda perinatal”.....	97
Figura 20	– <i>Post</i> 5, Ariel: “Histórias para emocionar e incentivar”.....	97
Figura 21	– <i>Post</i> 1, Agla: “Qual a frase mais dolorosa que ouviu no processo de luto?”.....	99
Figura 22	– <i>Post</i> 2, Agla: “Em qual fase do luto você está hoje”.....	100
Figura 23	– <i>Post</i> 3, Agla: “Só quem saiu...da maternidade com os braços vazios sabe realmente o que é sofrer por amor!”.....	101
Figura 24	– <i>Post</i> 4, Agla: “Me conte sua história”.....	102
Figura 25	– <i>Post</i> 5, Agla: “As palavras mais difíceis que já ouvi foram...infelizmente, não encontramos batimentos cardíacos”.....	103

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias do Perfil Angel.....	105
Tabela 2 – Categorias do Perfil Ariel.....	107
Tabela 3 – Categorias do Perfil Agla.....	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Respostas do Eixo 1 – Perfil pessoal.....	122
Quadro 2 – Respostas do Eixo 2 – Por que usam o <i>Instagram</i>	123
Quadro 3 – Respostas do Eixo 3 – Interação	124
Quadro 4 – Respostas do Eixo 4 – Luto.....	125

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A EXPERIÊNCIA SOCIAL DA MORTE E DO LUTO	22
2.1	Breve histórico da morte e do luto	24
2.2	Reconhecimento social da criança e o luto	28
2.2.1	Bebê e feto	35
2.3	Maternidade e o luto invisível	36
2.4	Construção sociocultural do luto	39
3	AS REDES SOCIAIS E O LUTO NA ERA DIGITAL	42
3.1	Redes Sociais Virtuais	43
3.2	Luto não reconhecido	48
3.3	Luto das mães de anjo	53
4	O <i>INSTAGRAM</i>	58
4.1	O luto no <i>Instagram</i>	66
4.1.1	Linguagem do <i>Instagram</i>	70
5	METODOLOGIA	73
5.1	Tipo de estudo	73
5.2	Objeto de pesquisa e cenário de estudo	73
5.3	Procedimentos para entrevistas e coleta de dados	75
5.4	Variáveis aplicadas	76
5.5	Critérios de inclusão e exclusão	76
5.6	Recorte temporal	77
5.7	Caracterizando os perfis	78
5.8	Estruturação da entrevista	79
5.9	Metodologia de análise de dados	79
5.9.1	Projeto piloto	80
6	ANÁLISES E RESULTADOS	83
6.1	Categorias	83
6.2	Subcategorias	84
6.3	Descrição e Narrativa do luto nas publicações dos <i>feeds</i>	86
6.3.1	Perfil Angel	86
6.3.2	Perfil Ariel	92

6.3.3	Perfil Agla.....	99
6.4	Descrição do luto nos comentários.....	103
6.4.1	Análise de Similitude.....	111
6.4.2	Nuvem de Palavras.....	119
6.5	Questionário.....	121
6.5.1	Eixo 1 – Perfil Pessoal.....	122
6.5.2	Eixo 2 – Por que usam o Instagram.....	122
6.5.3	Eixo 3 – Interação.....	123
6.5.4	Eixo 4 – Luto.....	124
6.6	Entrevistas.....	126
6.6.1	Depoimento de Angel.....	127
6.6.2	Depoimento de Agla.....	129
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
	REFERÊNCIAS.....	139
	APÊNDICES.....	149
	APÊNDICE A – Lista de perfis.....	149
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	152
	APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista.....	156
	APÊNDICE D – Livro de Códigos.....	159
	ANEXOS.....	160
	ANEXO A – Parecer do CEP.....	160

1 INTRODUÇÃO

Meu coração foi arrancado sem anestesia. É a única definição que encontrei para a dor que sinto de não ter minha filha Lívia Maria, que era muito esperada. Foi um presente de Natal. Era uma gestação tranquila até o dia 29 de maio de 2019, estava de 29 semanas de gestação, quando nosso mundo virou de cabeça para baixo naquele dia. Tive um descolamento de placenta já dentro do hospital. Ela estava com pressa, as 2:47 da madrugada do dia 30, nasceu minha menininha. Não chorou, teve parada cardiorrespiratória, e por longos 40 min, entre aplicação de adrenalina e massagem cardíaca, ela enfim respirou. Respirou e foi direto para a UTI. Fui vê-la e acreditei que ia ficar tudo bem, mas... as coisas nem sempre são como gostaríamos. No dia 31, minha pequena criou asas, e foi alegrar o céu. Após 3 meses da perda, comecei terapia, mas durante esse período encontrei conforto em grupos do *Facebook* e *Whatsapp*, e na busca por apoio local, não encontrei. Pensei em organizar um grupo de apoio às mães de anjos. Nesse momento nasceu o grupo de apoio ao luto perinatal Entrelaços Dourados e fiz perfil no Instagram. O grupo que me reergueu, o grupo que ressignificou minha história e a história de Lívia. O grupo é meu primeiro arco-íris. Não há um dia, que não pense no pedaço do meu coração que se foi. Sou grata pela vida dos meus filhos, sou grata por ter sido escolhida para a difícil missão de ser mãe de anjo. Nossa história é muito mais amor do que dor. (KREGNATO, 2021, *online*).

Com esse depoimento é que começamos a falar sobre a comunicação da dor do luto no Instagram por meio de relatos que parecem extravasar emoção e estimulam os mais variados comentários sobre as sensações da perda. Observou-se que o luto e a morte são alguns temas que permeiam as conversas nas redes sociais, em específico no Instagram. Partindo dessa observação é que surge o problema de pesquisa que se concentra no luto pela perda gestacional ou neonatal, denominado aqui luto perinatal, e como e de que maneira ele tomou forma no Instagram.

Houve uma grande mudança na forma de comunicação e expressão com o surgimento das redes sociais virtuais na década de 1990. Embora a origem delas esteja intrinsecamente ligada à internet em si, conforme Martino (2015, p. 12-13), “tem levado a um tipo mais denso de conexões com alto grau de interatividade, colaboração e produção de conteúdo pelos próprios usuários”.

Nas redes sociais, a exemplo do Instagram, criado em 2010, relata-se minuciosamente o que se está fazendo, sentindo e pensando sobre algo em tempo real. Nesse contexto, é válido destacar que para além da exibição de momentos felizes, abrem espaço para as mais variadas narrativas sobre o luto. Os relatos do luto perinatal são particularmente especiais em razão de constituir um espaço para fala da experiência de perda de um filho que está em geração ou acabou de nascer, “uma vez que com a morte do bebê, perdem-se expectativas e sonhos. Vive-se um luto por alguém muito amado, mas de quem se guardam poucas lembranças” (SALGADO, 2018, p. 21).

Nesse ponto, é possível constatar mães expressando o luto perinatal nas redes sociais e, em particular, no Instagram. A delimitação do período considerado perinatal possui uma pequena variação na literatura. O luto perinatal pode ser definido, segundo Montero *et al.* (2011), como as perdas ocorridas por morte a qualquer momento da gestação ou até o primeiro mês de vida do bebê, além da cessão de uma criança para adoção.

Conforme Salgado (2018), o luto perinatal ocorre quando a perda do bebê acontece na fase da gestação ou logo após um mês de vida, aquele que compreende a 28ª semana de gestação até o 7º dia de vida do recém-nascido. Já conforme o Manual de Vigilância Manual de Vigilância do Óbito Infantil e Fetal e do Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Fetal (2009) acontece entre a 22ª semana de gestação completa até o 7º dia após o nascimento. Registre-se que, nesta pesquisa, será empregado o termo perda perinatal para os casos de óbitos fetais, ou seja, para contemplar as perdas ocorridas durante a gestação, independentemente do tempo gestacional transcorrido (e das características do bebê) até o primeiro mês de vida.

É certo que a perda de um ente querido é uma experiência humana vivenciada por todos em algum momento, embora o luto não seja uma vivência igual, universal. Ele varia conforme a cultura, o gênero do enlutado e a época vivida, apresentando expressões diferentes entre eles. Assim, dependendo da cultura de cada lugar, há uma forma de realizar ou vivenciar a perda por morte e dar-lhe um significado. Nesse sentido, Franco (2021, p. 71) diz que “a cultura dá as regras, a herança biológica apresenta seus limites, o psiquismo sinaliza e simboliza, a cognição tenta explicar e a espiritualidade transcende as barreiras na construção de um significado”. Butler (2020, p. 7) reforça afirmando que “apesar de nossas diferenças de lugar e de história, [...] é possível recorrer a um nós, pois todos temos a noção do que é ter perdido alguém”.

Para Filho e Lima (2017), o processo de luto é constituído por aspectos biológicos, psicológicos e sociais que se cruzam diante do ser humano. Cada pessoa experiencia de um modo. Algumas de forma particular e precisa ser compreendido como um movimento que pode evocar medo, angústia e reconhecimento da sua finitude, ao tempo em que também é um processo social e sofre influência do meio em que se está inserido. É nessa perspectiva que vê Butler (2020), quando diz que a vivência do luto possui um senso de comunidade e traz à tona laços relacionais.

A vivência do processo de luto carrega significados construídos socialmente por várias gerações. Em muitos países é vivido com pesar e tristeza e, em outros, por meio de festa. No México, por exemplo, o Dia dos Mortos, celebrado em 02 de novembro, é um culto à vida, comemorado com bebidas, música e comidas que o morto gostava. “Não é um dia triste. A Festa dos Mortos, de origem pré-hispânica, é uma das mais importantes do país e representa

apenas a ponta do iceberg de uma cultura em que a morte é algo muito mais familiar, com a qual se pode brincar e a qual se rende culto (PEINADO; CALDERÓN, 2014, *online*).

Já em vários outros países onde o cristianismo tem força, o dia é de silêncio, oração e velas. Mas, cada um deles, tanto no Ocidente, como no Oriente adota cores para expressão desse momento. Na Ásia, institui-se o branco para representar o luto. Não é incomum que também no Brasil algumas pessoas ou grupos em luto usem o branco como analogia à paz. Em algumas regiões da África do Sul, o vermelho é a cor que expressa a partida de um ente querido. Já no Egito, a cor da perda é o amarelo, em referências às folhas secas e fim do ciclo da vida. No Irã e na Síria, o azul celeste representa a alegria e simboliza o momento dos enlutados (GOUVEIA, 2020, *online*).

Observa-se, dessa forma, que o luto não é uma experiência apenas individual, mas envolve o sujeito nos laços sociais que o constituem. Para Bowlby (1989 *apud* Dalbem; Dell'aglio, 2005), o luto está relacionado ao vínculo construído e, por meio do estudo desta relação, desenvolveu a Teoria do Apego. Esta aborda a ideia de que os comportamentos de apego se desenvolvem ao longo da vida na relação com o cuidador (mãe e filho) e que a busca de segurança é a principal motivação da construção destes vínculos. O referido autor faz uma analogia dizendo que a perda de uma pessoa amada é psicologicamente tão traumática como uma ferida ou queimadura o é fisiologicamente.

Nesse sentido, a experiência de viver um rompimento de vínculo deixa marcas e vestígios nas pessoas. “Somos seres biográficos e, em cada uma de nossas páginas, não ficam registradas apenas relatos, mas experiências verdadeiramente vividas” (FRANCO, 2021, p. 45). Para ela, a história do luto na vida de alguém não começa no momento do rompimento do contato, mas na construção do vínculo e, no caso das mães de anjo, isso ocorre desde a concepção ou antes mesmo, ao engravidar.

Após a vivência de dois lutos seguidos, embora referentes à morte de pessoas adultas, foi possível despertar a atenção para a grande quantidade de perfis na rede social Instagram tratando do tema e, assim, de estudar a relevância destas conexões digitais no processo vivido pelas “mães de anjo”, uma vez que havia muitos perfis de pessoas compartilhando a dor da perda, bem como as possibilidades de elaboração do luto perinatal.

Conforme Salgado (2018), quando ocorre a morte durante a gestação ou na fase neonatal, a questão é mais complicada porque não se espera de forma alguma a morte no contexto do nascimento. O esperado é a vida. Há uma grande expectativa dos pais, em especial das mães, que têm esperanças e sonhos sobre o futuro de seus filhos.

Conforme Filho e Lima (2017), o luto pelo filho natimorto, muitas vezes, não é autorizado socialmente, devido a morte ter ocorrido quando o bebê ainda não foi apresentado para os pais ou para o mundo. Tendo em vista que a sociedade, no geral, não considera um luto legítimo em razão de ser um bebê e não ter havido tempo para “amar, conviver”, ou por não saber agir frente o desespero dos pais, a perda gestacional ou neonatal é um dos lutos mais complexos e de menor validação social (ALVES; CELESTINO, 2020).

Segundo Gesteira *et al.*, (2006), a perda do bebê na fase neonatal ou gestacional não é plenamente reconhecida e muito menos socialmente validada, pois há algo da perda desse objeto que não se oferece à percepção. Para Salgado (2018), a maioria dos profissionais de assistência à saúde possuem certo desconforto ao lidar com a situação, podendo, inclusive, dificultar a elaboração do luto pelas mães.

São dores e emoções que não recebem validação. No caso da dor das mães que perdem os filhos em fase gestacional ou neonatal, não é comum espaço para dividirem os sentimentos de pesar, o que dificulta mais a elaboração dessa vivência (CASELLATO, 2020). Sem espaço de fala, as redes sociais virtuais podem surgir como local para expressão da dor do luto, onde os enlutados comunicam o que sentem e compartilham a experiência.

Acredita-se que este estudo fortalecerá as pesquisas no âmbito social, principalmente no que diz respeito à compreensão do papel das redes sociais na elaboração do luto não legitimado. Este é também denominado luto não reconhecido e que é definido por Casellato (2015) como aquele luto não considerado significativo socialmente, como quando não ocorreu a existência física do objeto da perda. Para a autora, o conceito de luto não reconhecido tem como base as “normas” criadas pela sociedade para determinar quem pode, quando, onde e porque expressar o luto.

Quando uma perda não é reconhecida, experimenta-se o fracasso do ambiente social em oferecer a aceitação e o suporte necessários aos enlutados, que lhes garantiriam a segurança de se sentirem pertencentes e conectados. Consequentemente, a experiência do luto será incrementada por um sentimento de alienação e solidão (CASELLATO, 2015, p. 23).

Nesse contexto é que surgem as “mães de anjos”, termo culturalmente usado e divulgado nas redes sociais em geral para definir aquelas mães que perdem seus bebês ainda no ventre ou logo após o nascimento. Não foi possível encontrar na literatura a origem do termo “mães de anjos”, entretanto, como afirmam Soares *et al.* (2020), as próprias mães se autointitulam dessa forma, fazendo referência às mulheres que não possuem mais seus filhos fisicamente e, em alguns casos, jamais puderam pegá-los no colo.

É nesse sentido que a palavra “anjo” está associada à criança morta e surgiu no Brasil no século XIX. Segundo Vailati (2006), desde essa época a sociedade brasileira costumava comparar a criança morta a um anjo, vestindo as crianças com trajes de anjos ou santos e com muitos adereços. As crianças eram vistas como seres puros, por isso denominada de “anjos” e, atualmente, as mães de bebês mortos, ficaram conhecidas como mães de anjos.

Da observação empírica, constatou-se que havia muitos tipos de luto, inclusive os não reconhecidos, como, por exemplo, o luto dos casais homossexuais e o das mães que perdem os bebês. Foi possível perceber a quantidade de perfis referentes ao luto em geral e, especificamente, sobre mães enlutadas pelas perdas gestacionais e neonatais que se diziam não ouvidas no seu luto, não legitimadas em suas dores. Ao estudar o luto, obter essa visão mais ampla do contexto em que a morte ocorre, e em que é lamentada, permite ao pesquisador compreender os desafios culturais vividos pelos enlutados e lançar luz sobre os fatores sociais entrelaçados que estruturam o processo de luto.

O estudo apresenta relevância social e acadêmica, uma vez que visa oferecer um panorama sobre as possíveis implicações que a comunicação da perda nas redes sociais virtuais tem na transformação cultural e histórica das nossas relações de intimidade, bem como se as interações com outras usuárias enlutadas podem ajudar, sobretudo na compreensão das relações sociais e no descortinar desse espaço de fala, que é a rede social Instagram.

O objetivo central da pesquisa é compreender o uso da rede social Instagram como espaço de interação e compartilhamento do luto perinatal pelas mães de anjo, bem como verificar se há reconhecimento desse luto por parte da sociedade. Além disso, são objetivos específicos: saber como estas mães descrevem a experiência delas e a própria dor nas postagens e comentários; como se expressam diante da dor do outro e se há padrões de interação dentro destes perfis do Instagram. É importante destacar aqui que este trabalho não desenvolveu hipóteses como elemento determinante.

Neste contexto, questiona-se qual a importância das redes sociais virtuais como local de encontro para as mães enlutadas por perdas gestacionais e neonatais interagirem e compartilharem suas dores? Dessa forma, o trabalho aqui proposto se faz necessário para compreender as formas de comunicação e enlutamento que vivenciamos, tendo em vista que toda manifestação social contemporânea, perpassando pelo luto, passa a ser analisada a partir do fenômeno das mediações tecnológicas.

Esta dissertação foi organizada em cinco capítulos, sendo: introdução, dois capítulos de fundamentação teórica, um capítulo metodológico e os resultados e discussões. O capítulo 1 apresenta o conceito de luto, traça uma breve história na forma de vivenciar o luto ao longo dos

séculos e como o luto no Brasil foi se mostrando culturalmente. Além disso, é apresentada uma abordagem da vivência individual do luto para o público, sobretudo por meio das redes sociais, incluindo o reconhecimento social do luto materno e da criança dentro da família e, portanto, da sociedade. Ao final do capítulo, aborda-se a construção sociocultural do luto.

No capítulo 2, descrevem-se os conceitos de redes sociais virtuais/digitais e a forma como vem sendo usada para falar do luto. Aborda-se a cultura do compartilhamento e pertencimento, tendo como base as narrativas da dor nas redes virtuais/digitais e a maneira que o luto é partilhado nesse espaço virtual de fala, destacando a reivindicação do luto não reconhecido, detalhando o luto perinatal.

O capítulo 3 trata especificamente da rede social Instagram, o histórico dela, as funções encontradas na plataforma com imagens que retratam cada característica e funcionalidades. Em seguida, descreve-se perfis de pessoas enlutadas, mas também de profissionais como terapeutas e psicólogos que abordam a temática e conquistam este espaço para trabalhar o assunto luto, seja de mães de anjo, seja luto do homem, seja a finitude em geral.

No capítulo 4 está descrito todo o procedimento metodológico utilizado nesta pesquisa e, no último capítulo, estão os resultados e discussões obtidos após a análise dos dados. Este capítulo é estratificado em três partes, a saber: análise dos posts do *feed*; análise das entrevistas e análise dos comentários e interações com as seguidoras. Por fim, trata-se das perspectivas da dissertação, por meio das considerações finais da autora.

2 A EXPERIÊNCIA SOCIAL DA MORTE E DO LUTO

O comportamento e as reações ao luto vêm se modificando de acordo com a época e o lugar. É um processo que não se resume a uma experiência universal de dor, apresenta suas variações na forma de vivenciá-lo e desperta interesse desde tempos imemoriais, não apenas na contemporaneidade. Isso ocorre, conforme Franco (2021), por sermos a única espécie que possui consciência da finitude e, sobretudo, por sermos gregários e sociais.

O luto é uma resposta natural à morte ou perda de alguém ou algo que se valoriza ou ama. Muitos teóricos aplicaram estágios e modelos de pensamento à maneira como o luto é processado para nos ajudar a compreender e dar sentido à enorme variedade de emoções, doenças físicas, padrões cognitivos e comportamentos que podem surgir após um luto ou perda (FRANCO, 2021).

Para a autora, o luto é a experiência humana de perder alguém significativo ou de ver romper um vínculo com uma situação que dava significado à própria vida, definindo os contornos de sua identidade. Para essa psicóloga e pesquisadora, somos seres biográficos e nas nossas páginas não ficam gravados apenas relatos, mas as experiências vividas. Segundo Franco (2021), inspirada nos ensinamentos de Elisabeth Kübler-Ross, o luto em geral é frequentemente descrito em estágios, que podem durar um período diferente e variar de pessoa a pessoa. Os estágios podem ser mais breves ou mais longos em uma pessoa do que em outra, e algumas podem não passar por todos eles.

Como médica, Kübler-Ross estudou o processo de morrer e o luto, citando como fases a negação, a raiva, a barganha, a depressão e a aceitação. Sequência logo aceita em ambientes de saúde e pesquisa, o que pode ser explicado, conforme Franco (2021), pelo fato de definir uma ordem para explicar um processo tão complexo, de forma que dá ao enlutado uma noção e uma direção do que é viver o luto. Embora não seja uma sequência lógica e estanque na vivência destes estágios, como inicialmente foi compreendido, mas pode haver flutuações de sentimentos e até mesmo sobreposição deles.

Franco (2021) cita a sequência de fases do luto defendida por Elisabeth Kübler-Ross, médica que buscou compreender os estágios/fases pelo qual passam o enlutado no decorrer do processo de luto, sendo que não há uma sequência lógica e estanque na vivência destes estágios, como inicialmente foi compreendido, mas pode haver flutuações de sentimentos e até mesmo sobreposição deles.

Conforme Franco (2021), o trabalho de Bowlby (1980) sobre o tema norteou as ações dela nesta temática. Bowlby (1981) e Parkes (2009 *apud* FRANCO, 2021) desenvolveram uma

proposta de fases para a vivência do luto, que são: o entorpecimento, o anseio e procura pela pessoa perdida; a desorganização e desespero; e a reorganização, em grau maior ou menor. No entanto, mesmo considerando que são flexíveis estes estados, cada pessoa vive o luto de forma particular.

Segundo Franco (2021), que é psicóloga, o luto significa engajar-se em um processo dinâmico de oscilação entre o enfrentamento orientado para a perda e o enfrentamento orientado para a restauração. Um enlutado irá oscilar entre enfrentar a perda e evitar a perda podendo, como dizem muitos pesquisadores, variar entre a alegria e a tristeza em um mesmo dia.

Para Franco (2021), Freud propôs a teoria original do “trabalho do luto”, que envolvia o rompimento de laços com o falecido, reajustando-se às novas circunstâncias de vida e construindo novos relacionamentos. Já Stroebe e Schut (1999) propuseram um “modelo de processo duplo” com o luto, sendo um processo de oscilação entre dois modos: um de “orientação para a perda”, quando o enlutado se envolve em enfrentamento focado na emoção; e outro de “orientação de restauração”, quando o enlutado se engaja no enfrentamento focado no problema.

Dessa forma, na contemporaneidade, a atenção maior está no estudo da diferença entre o luto como vivência resultante de uma perda, com suas necessidades adaptativas; e o luto que requer atenção em razão do impacto emocional e sofrimento que gera nos enlutados com a avaliação dos fatores de risco e de proteção (FRANCO, 2021).

Nesse sentido, Franco (2021) corrobora o trabalho de Stroebe e Schut (1999 e 2001) e Field (2008), que assinalam a necessidade de estudar o luto ao lado das demandas cotidianas a fim de analisar seu impacto. A autora ressalta ainda que há uma diversidade de campos estudando o luto, como a Psiquiatria, Psicologia, Sociologia, Antropologia, entre outros, ampliando o horizonte de compreensão deste fenômeno, revelando a necessária pluralidade e uma preocupação atenta ao multiculturalismo, isto é, à realidade histórica, cultural e social como fatores que dão o contorno e definição ao luto (FRANCO, 2021).

Assim, há diversas possibilidades de compreender os vieses que atravessam o luto, desde suas raízes, processos, resultados e demandas, elaborando-se diversas definições. Conhecê-las dá suporte a pesquisas na área, como esta que empreendemos no campo da Comunicação Social. Os aspectos contidos nas narrativas do enlutado instigam indagações e oferecem matéria-prima para este estudo, que tem como fonte dados empíricos obtidos na rede social *Instagram*.

2.1 Breve histórico da morte e do luto

Ao longo dos séculos, a prática do luto tem se modificado e a cada grande revolução comunicacional essa mutação torna-se mais visível. Ariès (2012) traz a historicização quanto à forma de manifestação do luto, que ora era privado, ora público e, na maioria dos casos, na cultura ocidental, relacionado à dor.

Durante a Alta Idade Média, os guerreiros e os reis manifestavam suas dores e desespero, em razão da perda, diante dos corpos de amigos ou parentes. Até o século XIII, houve uma fase de espontaneidade na vivência do luto. O sentimento era expresso publicamente. “Nesta situação, o rei Artur desmaia várias vezes seguidas, bate no peito e esfola o rosto de um jeito que o sangue escorria aos borbotões” (ARIÈS, 2012, p. 228).

Nesse período, a morte é vista como uma cerimônia pública e organizada pelo próprio moribundo que determinava e dava as ordens do que deveria ser feito e como seria feito após a morte. O quarto do moribundo passava a ser um lugar público, onde amigos, vizinhos e parentes adentravam livremente para satisfação do doente e da família que se sentiam prestigiados, inclusive com presença de crianças, conforme as representações iconográficas da época (ARIÈS, 2012).

Já do século XIV ao XVIII, houve uma extensa fase de ritualização em que o luto não devia ser exposto em público. Viviam-se a dor na reclusão. Pelas normas sociais da época, a família tinha que vivenciar um período afastada do convívio social e até mesmo do funeral. Nas cerimônias fúnebres, eram substituídas por padres e carpideiras e outras pessoas interessadas nas esmolas distribuídas na ocasião (ARIÈS, 2012).

As grandes gesticulações da primeira fase da Idade Média são, a partir de então, simuladas pelas carpideiras. Conhecemos as carpideiras das regiões meridionais e mediterrâneas, que persistem ainda em nossos dias. O Cid do Romancero exige em seu testamento que não haja carpideiras em suas exéquias, como era costume, nem flores ou coroas. A iconografia dos cômicos dos séculos XIV e XV nos mostra, à volta do corpo exposto, o cortejo das carpideiras vestidas de negro (ARIÈS, 2012, p. 228-229).

Desde o fim da Idade Média ao século XVIII, o luto possuía como finalidade induzir a família do morto a expressar dor e tristeza por um período razoável e, por outro lado, permitir, diante de parentes e amigos, liberar a dor vivida sem que essa expressão ultrapassasse, entretanto, um limite fixado pelas conveniências da sociedade da época. Havia um limite para o sofrer (ARIÈS, 2012).

Os médicos do fim do século XVIII descobriram as primeiras regras de higiene e passaram a recomendar que se evitasse o excesso de pessoas no quarto dos agonizantes, onde havia a presença de crianças. Entretanto, o moribundo continua sendo assistido em casa. No século XIX, o luto volta a ser vivenciado de forma mais espontânea novamente com choro e desfalecimentos, na Europa, remontando o que foi vivido na Alta Idade Média. É a época dos lutos denominados de histéricos (ARIÈS, 2012). Para Koury (2014), a expressão pública da dor, daquela forma, no Brasil, permaneceu por várias décadas do século XX, até o decorrer dos anos de 1960.

Para Ariès (2012), esse exagero do luto no século XIX era justificado em razão do foco no que tange à morte ter sido alterado. Passou-se a temer mais a morte das pessoas amadas do que a própria morte. A dor de perder o outro invadia o enlutado de desespero a ponto de manifestarem-se com descontrole emocional. Nas palavras do autor: “os sobreviventes aceitam com mais dificuldade a morte do outro do que o faziam anteriormente. A morte temida não é mais a própria morte, mas a do outro” (ARIÈS, 2012, p. 73).

Conforme Ribeiro (2015), quando o ser humano passou a se preocupar com a morte do outro, passou a ver morte como algo cruel. A forma de vislumbrar certa imortalidade era providenciar inscrições nas lápides e sepulturas individualizadas. Foi na Idade Média que o cemitério passou a ser um lugar sagrado e desde então é possível perceber variados modos de lidar com a morte e o luto, múltiplos modos de funerais, sendo essa relação ora pública, ora privada e contribuindo para a história de como a morte é enfrentada no ocidente até os dias atuais nas mídias digitais.

No século XIX, o luto volta a se desenrolar de forma mais espontânea novamente com choro e desfalecimentos, remontando o que foi vivenciado na Alta Idade média. Isto após séculos de sobriedade (ARIÈS, 2012). Nessa época, os lamentos pela perda de alguém amado eram bem aceitos e vivenciados pela família e coletividade, uma vez que o moribundo passava seus momentos finais no quarto de casa, que se transformava, então, em lugar público, onde entrava-se livremente para despedir-se do moribundo.

Ariès (2012) afirma ainda que, na segunda metade do século XIX, as manifestações visíveis de dor emocional em relação ao luto começam a desaparecer. Deixou-se de usar o preto e passou-se a considerar como má educação ou perturbação mental expor sua própria dor em público. Mesmo no ambiente familiar, não era permitido grandes expressões de choro ou tristeza para não impressionar as crianças e protegê-las do sofrimento. O direito de chorar só podia ser exercido às escondidas. Era solitário, individual.

Já no século XX, “o protagonista na hora da morte deixa de ser o doente/moribundo e passa a ser o médico e a equipe do hospital, sem a proximidade de parentes e amigos e muitas vezes inconsciente” (ARIÈS, 2012, p. 86). Não se morre mais em casa. Os hospitais surgem definitivamente como local para restaurar e tratar da saúde, mas também como local de morte distante, sem o afago das pessoas queridas nos momentos finais. Ao contrário, a finitude ocorre no silêncio das Unidades de Terapia Intensiva, sem público. A dor começava a ser calada. Passou-se a viver, durante o luto, uma economia na forma de viver e comunicar os sentimentos. Aparece aqui uma vergonha de expressar os sentimentos de tristeza, pesar, desespero e, ao mesmo tempo, a ideia de não incomodar o outro. O luto era silencioso (ARIÈS, 2012).

Dessa forma, não havia mais espaço para publicizar a dor da perda de alguém amado. No início do século XX, no Brasil ainda se vivia um luto com manifestações espontâneas no interior do país, especialmente no Nordeste. Havia muito choro e desespero. Mas, durante o espaço de uma geração, a situação mudou novamente. Na segunda metade do século XX, havia até certa proibição social por ser inconveniente mostrar aos outros seus sofrimentos e causar-lhes mal-estar. Vive-se um luto inibido, e todo o funeral passou a ser mais rápido para que fosse evitado mais sofrimento (KOURY, 2014).

Nesse período ocorre uma alteração quanto ao modo de enlutar-se, ou seja, parte-se do enlutamento público, no qual há rituais coletivos de luto e expressão pública da dor, ao privado, tendo em vista que, na época em que vivemos, a morte de alguém e o luto por essa pessoa são considerados problemas do enlutado e sua família, devendo, pois, ser vivido com mais privacidade (LUNA, 2020). Nesse contexto é que as pessoas têm buscado outras formas de apoio e compreensão para viver e externalizar a dor do luto, como a rede social virtual.

A vivência do luto tem se modificado ao longo das décadas no Brasil em razão das transformações socioculturais (MOURA *et al.*, 2016). A roupa preta caracterizava o enlutado, bem como uma fita preta colocada no braço era usada quando já se passava seis meses da morte da pessoa querida ou quando era um parente mais distante (ARIÈS, 2003). O período de luto, em regra, variava de dez meses a um ano dependendo do grau e proximidade com o morto (SCHMITT, 2009).

Nessa época, era comum o enlutado não ouvir música e nem participar de festividades. É preciso ressaltar que no século XVIII, o “protocolo” do luto obrigava que a viúva permanecesse por um longo período reclusa, evitando ir a festas ou reuniões de chá, típicos da época, e sendo obrigatório usar preto ou cores mais sóbrias para representar seu estado de luto (ARIÈS, 2012). As viúvas, mesmo após um ano, não podiam vestir roupas com cores vivas,

uma vez que eram consideradas atitudes de pessoas “alegres”, o que destoava da concepção de alguém que sofre, em luto.

Nas últimas décadas no Brasil, principalmente desde a década de 80, com as transformações culturais, a forma de comunicar que se passa por uma perda foi sendo transformada. Para Koury (2014), o uso da tecnologia apresentou-se como espaço coletivo de expressão dos sentimentos: as redes sociais. Nestas, o luto é representado por uma imagem com laços preto, na maioria das vezes, na foto do perfil de usuário da rede, o que demonstra que aquela pessoa perdeu alguém.

Este novo método de comunicação se tornou uma parte integrante do processo de luto para muitos, porque grande parte de suas vidas é compartilhada e documentada por meio de redes sociais. Os signos culturais que representam o luto estão e são mantidos neste espaço que é o ambiente virtual (OLIVEIRA-CRUZ, 2018).

As redes sociais virtuais oferecem um sistema de interação e compartilhamentos das ideias e sentimentos, assim como uma maneira de homenagear amigos e parentes que faleceram, lembram e relembram o que amaram na pessoa, o que perderam e da saudade que sentem, compartilhando as memórias e os momentos vividos juntos. “É necessário eternizar esse corpo, mesmo morto, e ativar relações comunicativas a seu redor a fim de conservar de alguma maneira a presença do falecido” (RIBEIRO, 2015, p. 21).

Para Ribeiro (2015), estas redes sociais atualizam as narrativas da morte, com abertura para construções de práticas sociais por meio da lembrança e presença de um sujeito ausente. Diz-se que há uma reconfiguração de novos espaços para tratar da morte, do sofrimento, das dores do luto, ampliando os pontos de encontros para este tema, bem como vínculos de suporte na externalização do sentimento.

Neste capítulo, faz-se um breve histórico sobre a trajetória de vivência da morte e do luto. Destaca-se que ele tem oscilado da forma expressa, sem timidez, à forma mais reservada de vivenciar a dor, uma vez que o luto é vivido de forma diferenciada em cada sociedade. Assim, observa-se que este percurso sociocultural na maneira de experienciar a morte e, conseqüentemente o luto, mostra que estamos vivendo, socialmente, um novo momento na linha do tempo, no que se refere ao luto, tendo em vista que se apresenta compartilhado publicamente nas redes sociais virtuais e, portanto, surgindo, possivelmente, uma nova forma de elaborar esse pesar.

2.2 Reconhecimento social da criança e do luto

Destaca-se, aqui, a trajetória histórica do reconhecimento da criança no seio familiar e a representação da morte de crianças na sociedade. Desde a indiferença com relação à morte infantil até o espaço que ganhou atualmente dentro da família, sendo muitas vezes a criança o centro das atenções.

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. Uma miniatura otomiana do século XI nos dá uma ideia impressionante da deformação que o artista impunha então aos corpos das crianças, num sentido que nos parece muito distante de nosso sentimento e de nossa visão (ARIÈS, 1986, p. 50).

Por volta do século XIII, surgiu a figura do anjo para representar criança e adolescente. Muitas vezes sob a aparência de um rapaz muito jovem ou de crianças já grandes, que eram educadas para ajudar na organização do ritual da missa, como espécies de seminaristas, numa época em que não havia seminários, e em que apenas a escola latina se destinava à formação dos clérigos (ARIÈS, 1986).

Nos quatro primeiros séculos da nossa era, as inscrições funerárias falam das crianças mortas. Pais consternados erguiam homenagens e monumentos à memória de seus filhos. Era assim em Roma, mas, a partir do século V e VI, a criança desapareceu das inscrições funerárias e, somente no século XIV, começaram a surgir figuras de crianças nos túmulos. Entretanto, o fato só passou mesmo a ser frequente a partir do século XVI para as famílias com mais recursos financeiros (ARIÈS, 1986, p. 20).

Para Vailati (2006), é possível notar que embora a morte da criança fosse alçada a uma categoria de fatalidade lastimável, a manifestação do luto não era suficientemente legitimada, nem apreciada. Na idade média, elas nasciam e morriam sem provocar desespero. Até o século XVI não se acham nem registros de túmulos e epitáfios que lembrem a morte de crianças nesse período.

Conforme Ariès (1986), as efígies funerárias, inicialmente, não traziam a criança em seu próprio túmulo ou no de seus pais, mas no de seus professores. A infância era apenas uma fase sem importância, que não merecia nem ser fixado na lembrança. O sentimento de que seria preciso gerar várias crianças para que se criassem apenas algumas, durante muito tempo, permaneceu arraigado na sociedade. Ariès (1986) traz um interessante relato e, ao mesmo tempo, estranho aos nossos dias, contando o consolo de uma mulher a outra, no século XVII.

Diz o autor: “uma vizinha, mulher de um relator, tranquilizava uma mulher inquieta, mãe de cinco “pestes”, e que acabara de dar à luz: antes que eles te possam causar muitos problemas, tu terás perdido a metade, e quem sabe todos” (ARIÈS, 1986, p. 56).

São frases que deixam boquiabertos os viventes do século XXI e chocam a sensibilidade moderna, como estas palavras de Montaigne: “Perdi dois ou três filhos pequenos, não sem tristeza, mas sem desespero” (*apud* ARIÈS, 1986, p. 57). Ora, a sociedade da época não entendia ou via a criança como uma alma e muito menos que tivesse a personalidade de um homem. Elas morriam em grande número e sem alarde, o que, segundo o autor, era um comportamento explicável em razão da demografia daquele tempo e que perdurou até o século XIX.

Bem antes disso, no século XVI, conta Ariès (1986) que começou a surgir o retrato da criança morta, marcando um momento muito importante na história dos sentimentos, provando que já havia espaço para ela no seio social, muito embora essa atitude ainda não eliminasse o sentimento similar ao que sentia a vizinha do relato citado anteriormente. Coexistiam sentimentos ambíguos e no século seguinte, XVII, a criança passou a ser representada sozinha nas imagens.

As famílias setecentistas queriam possuir retratos de seus filhos, mesmo na tenra idade, costume que nunca mais desapareceu e, no século XIX, a fotografia substituiu a pintura. Assim, embora as condições demográficas não tenham mudado muito do século XVI ao XVII, mesmo a mortalidade infantil ainda sendo alta, uma nova forma de encarar a criança surgia, considerando agora que a alma da criança também era imortal. Para Ariès (1986), esse interesse estava associado a uma cristianização mais profunda dos costumes.

Constam também relatos de infanticídio, tolerados até fins do século XVII, uma vez que não havia leis que os proibissem. O infanticídio era provocado pelo descaso em relação à criança e por torturas, tendo como fundamento o fato de que a criança não era vista como um ser humano. As crianças que morriam bem novas eram enterradas em qualquer lugar. Conforme os dados históricos, alguns pais nem compareciam ao enterro de seu filho menor de cinco anos. Algumas crianças que viviam e conviviam com as suas amas, os pais só tomavam conhecimento de sua morte algum tempo depois (ARIÈS, 1986).

Contudo, data do século XVII a mudança no tratamento com a vida e a morte de crianças, mesmo de maneira lenta e gradual. Na visão de Ariès (1986), foi o século XVII que determinou o começo de um maior respeito pela infância, para no século seguinte serem vistas como “salvas do mundo dos pecados”. Assim sendo, a atitude da família e da sociedade com a morte da

criança não poderia ser “a tristeza, ainda menos a revolta ou o desespero, mas a alegria e a ação de graças” (ARIÈS, 1986, p. 228).

Para Vailati (2006), apenas a partir do século XVIII é que de fato há uma alteração na mentalidade da sociedade no que tange ao sentimento entre pais e filhos. O referido autor, citando Lebrun (1985), informa que os índices de mortalidade infantil eram altos até o século XVIII, especialmente entre crianças com até cinco anos de idade, sendo que uma em cada duas crianças estava condenada a morrer antes dos quinze anos. Entre as razões para tantas mortes, o autor cita a falta de condições básicas necessárias à saúde; a falta de conhecimento técnico das parteiras; a malformação endógena dos fetos; a negligência dos pais e das amas; o abandono de crianças; o enfaixamento dos bebês; e as doenças como a varíola e a disenteria.

É possível afirmar, conforme Vailati (2006), que ao longo do século XIX, entre os segmentos mais urbanizados, a morte da criança torna-se um fato em que se passou a exprimir uma série de sentimentos durante o luto, mas sua manifestação em público não era suficientemente legitimada nem apreciada. Um destes sentimento era a vontade de registrar, por meio de fotografia, o momento de morte.

O acervo fotográfico relativo ao século XIX, do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP), dá-nos notícia de um uso do registro fotográfico de parentes mortos, encomendadas pelas famílias paulistas da época especialmente crianças e, mais raramente, de jovens mulheres. Nessa época, dava-se grande importância à morte infantil e conseqüentemente a possibilidade de fazer luto pela criança surgia.

Este fato, com efeito, é confirmado por alguns testemunhos referentes a todo o século XIX no Brasil, nos quais se observa um zelo significativo em proporcionar à criança que acabara de morrer uma série de procedimentos julgados indispensáveis, preocupação que atinge, por sinal, até aqueles que, devido a suas carências materiais, não deixam de surpreender ao demonstrarem tal desassossego (VAILATI, 2006, p. 52).

Para o autor, acreditava-se, naquela época, que morrer criança era uma dádiva, vislumbrando o fato pelo lado espiritual, tendo em vista que crianças eram consideradas seres purificados. Nesse sentido, pode-se dizer que o luto era vivido sem desespero e dava-se grande importância aos funerais da criança, pois baseava-se na crença de que a criança seria salva e que ela, por ser pura, tinha poder de intercessão junto às autoridades celestes em favor dos seus parentes. “É também nesse sentido que é possível ver a grande frequência de imagens de crianças mortas no conjunto de retratos de crianças constantes do acervo do Museu” (VAILATI, 2006, p. 53).

Conforme Vailati (2006), a sociedade brasileira, desde início do século XIX, costumava comparar a criança morta a um anjo, procurando minimizar a repercussão dessa morte bem como associar a um estado de pureza. O costume amplamente difundido no Brasil do século XIX era de vestir estas crianças com trajes que referenciavam santos ou anjos. Vailati (2006) revela que Ewbank (1976) demonstrou particular interesse pelos cerimoniais fúnebres de crianças no Brasil. As crianças com menos de onze anos eram vestidas de frades, freiras, santos e anjos.

Muitos foram os viajantes que, durante todo o século XIX, comentaram as procissões em que crianças (no geral menores de sete anos, como salientam os relatos) saíam representando anjos, cujas descrições deixam evidente o gosto pelo exagero: asas artificiais, perucas, profusão de pedras etc. Além de reafirmar uma série de valores agregados à criança morta, como o seu estado de pureza que toma corpo na figura do anjo, o uso das vestes angelicais acentua igualmente outras características comuns a todas as dimensões dos enterros dos inocentes (VAILATI, 2006, p. 62).

A morte, na fase da infância, no Brasil do século XIX, já era vista de forma diferente daquela vivida na Europa, conforme Vailati (2006), estudioso da temática. Os costumes expressados pelos enlutados, aqui no país, chamavam atenção dos turistas e pesquisadores estrangeiros. A morte, na fase da infância, no Brasil do século XIX, apesar de ser vista com muita tristeza, era demonstrada pela família, por meio do luto, como um momento em que era necessário dar atenção especial à criança morta enfeitando-a e promovendo honrarias. Já havia um reconhecimento social do papel delas na família. A sociedade brasileira costumava comparar a criança morta a um anjo e esta correlação procurava minimizar a repercussão de sua morte (VAILATI, 2006).

Os rituais fúnebres infantis eram organizados para que o “anjinho” fosse visto por todos, em razão disso o enterro era durante dia, diferente do enterro de adultos. Havia uma superexposição da criança morta, que chegava a orgulhar os pais, conta Vailati (2006), bem como registros fotográficos e relatos de que o “cadáver da criança ia de pé, em andores, bem-vestido e amarrado a uma estrutura vertical” (VAILATI, 2006, p. 57). Ainda segundo o autor, a vestimenta significava que o defunto bem arrumado poderia receber um bom destino reservado pelas potências celestiais.

Figura 1 – Criança amarrada à cadeira



Fonte: Vailati (2006)

Observa-se a imagem da figura 1, produzida em 1895, que retrata uma criança morta, porém parece uma criança em pose para foto. Naquela época, o branco era a cor das mortalhas mais utilizadas em crianças, uma vez que essa cor era associada à pureza e inocência. Assim, pela imagem, embora de olhos abertos, a cor do vestido e o ramalhete de flores possibilitam induzir que se trata de um cadáver. Na imagem, observa-se a presença de fita, cujo objetivo é prender o corpo a uma cadeirinha e, desta forma, arrumar a criança de modo que pareça naturalmente sentada e possa ser apreciada. Esta imagem mostra bem como a criança era carregada, era levada em pé em andores (VAILATI, 2006).

Nestes rituais, era o branco a cor das vestes infantis, cor oposta à mortalha do adulto, muitas vezes de cor preta ou roxa, “as cores da penitência”. “A criança, por ser considerada pura, inocente era associada também a figura de Nossa Senhora — no caso, Nossa Senhora da Conceição” (VAILATI, 2006, p. 60).

Por sinal, entre as fotografias analisadas, ficou registrado um costume muito difundido no Brasil do século XIX, o de vestir as crianças mortas com vestes de santos. Nisto elas não diferiam dos adultos, visto serem deste tipo as mortalhas que de costume eram utilizadas como derradeira roupa. Isso estava de acordo a crença de que o falecido, vestido de tal modo, seria favorecido pela intervenção do santo cujo hábito escolhera por mortalha, o qual o receberia e o guiaria em direção ao Céu. Assim, seu protetor em vida não lhe faltaria na morte. Era, em suma, uma demonstração de fé (VAILATI, 2006, p. 60).

É importante observar que o hábito de fotografar crianças mortas caiu em desuso no século XX. Vailati (2006) acredita que esse comportamento está associado ao barateamento das

fotos e facilidade de registro permitindo uma maior possibilidade de fotografar indivíduos, tão logo nascessem, dispensando o último registro.

Aos olhos de quem vive no fim da segunda década do século XXI, os relatos das atitudes de indiferença diante do falecimento de uma criança podem provocar um sentimento de horror ou no mínimo de surpresa, porque aqui no Brasil é possível observar que a criança recebia atenção especial quando morria. Já havia um reconhecimento social do papel delas na família.

As transformações ocorridas, como a diminuição da mortalidade infantil, a invenção da tipografia, o surgimento dos colégios e da pedagogia com suas diferentes correntes teóricas, a pediatria como uma nova área médica, entre outras, fizeram com que o sentimento da família para com a criança também fosse se modificando. De acordo com Badinter (1985), o sentimento de amor das mães para com seus filhos também é decorrente dessas transformações sociais, culturais e religiosas. Está associado a laços e emoções.

A experiência do luto envolve aspectos psicossociais e culturais. Franco (2021) explica que o movimento no processo de luto envolve fases flexíveis e oscilantes entre a perda e restauração. Como diz Parkes (1998), a vivência da dor pela perda é o preço que se paga pelo amor, e o enlutar-se está ligado ao medo de perder o mundo conhecido que se vivia até então. Nessa linha está a teoria do apego, que estuda o estabelecimento de vínculos, descritos como padrões de apego construídos entre o bebê e a figura materna.

“A busca de segurança é a principal motivação da construção de vínculos” (FRANCO, 2021, p. 50). E o comportamento de apego está relacionado a esses vínculos, que podem ser definidos em padrões, pela literatura da área da Psicologia, como: apego seguro; apego inseguro ansioso/ambivalente; apego inseguro ansioso/evitativo; e apego inseguro desorganizado. Esses tipos de apego desenvolvem os modelos operativos internos, ou seja, permitem que cada um reaja de forma diferenciada quando vivencia a morte de alguém amado.

[...]com foco na identificação do modelo operativo interno da pessoa, encontro valiosa ferramenta para entender como o luto está sendo processado por ela. Na escuta de sua narrativa, do significado daquela pessoa falecida em sua vida, do lugar da falta, posso me aproximar de seu estilo de apego e encontrar indicadores preciosos sobre os recursos como os quais conta para enfrentar aquele luto (FRANCO, 2021, p. 51).

Na atualidade, no que tange ao luto infantil, com a evolução na Medicina, as mortes infantis tornaram-se raras e vistas como trágicas, injustas e não naturais. Muitos estudos têm revelado que quando se trata da morte de uma criança, o processo de luto torna-se mais complicado. Além disso, as reações emocionais, físicas e de comportamento são mais intensas e variadas para os pais que o vivenciam (GONÇALVES, 2014).

É nesse sentido que, atualmente, se designam crianças mortas ou bebês natimortos como anjos e, as mães destes, como “mães de anjo”, decorrente, conforme Vailati (2006), da cultura cristã que associa os bebês ao estado de inocência e pureza atribuídas às figuras de anjos. Estas mães aparecem nas redes sociais e se autointitulam mães de anjo, como descreve Lima e Forim (2015), considerando que seus bebês são seres puros. Elas estão presentes, em específico no *Instagram*, ambiente pesquisado, reivindicando espaço para falar de seus sentimentos, da perda e do filho que existiu e existe no coração.

Figura 2 – Mãe que perdeu um filho na atualidade e reivindica espaço de fala



Fonte: Captura de tela (2021)

A figura acima mostra o desabafo de uma mãe de anjo, expondo no *Instagram* a dor da perda, reivindicando espaço e respeito para o luto dela, como parte de uma ação no dia 15 de outubro, data em que comemoram a conscientização e sensibilização pela perda perinatal. Na imagem, a mãe diz que está ajudando a romper o silêncio em torno da questão.

Nesse contexto surge também o termo “bebê arco-íris”, divulgado amplamente pelas mães de anjo nos sites de redes sociais como sendo o bebê que nasce após uma perda perinatal. Conforme Mattos (2021), os bebês arco-íris são crianças que chegaram ao mundo após a mãe passar por um aborto espontâneo ou ter perdido o bebê de forma prematura. Assim, o significado é associado à alegria e a luz das cores do arco-íris, trazendo um colorido à vida da mãe enlutada com a chegada de outro filho.

No século XXI, a criança tem o seu espaço dentro da família e da sociedade. No caso de morte perinatal, a manifestação do sentimento é desestabilizadora, levando-se em conta que perder alguém que se ama, em geral, guardadas as condições culturais, é uma experiência

humana carregada de sofrimento e, quando essa pessoa que morre é o filho, os pais perdem expectativas de futuro, os sonhos projetados. Rebelo (2008) chama essa situação de “defilhar”, atribuindo essa nomenclatura a perda de um filho.

Para Silva, Costa e Martins (2019), perdas gestacionais, ou perdas perinatais, são devastadoras para o casal e podem desencadear sofrimentos, manifestados por meio de tristeza, culpa e angústia, sendo ambos os pais afetados pela perda e as reações de cada elemento do casal não são independentes. Eles vivem um estresse que pode impactar a vivência do luto.

O pai de anjo também é um enlutado e, muitas vezes, foge da dor resolvendo problemas práticos, apoiando a esposa ou fugindo de alguns momentos. Thompson (2011) aponta que os homens tendem mais a negar que estão se enlutando ao perder um filho, embora seu luto possa se prolongar tanto ou mais do que o de suas parceiras.

Conforme Casellato (2015), há um peso extra que as normas sociais impõem ao pai enlutado, que tem o luto desqualificado por elas. A autora conta que uma certa vez atendeu um casal que havia perdido o filho e durante as falas, no desenrolar da conversa, o pai diz que não assistiu ao enterro. A mãe recebeu a informação com surpresa. “Como assim? Que pai faria isso? O pai cabisbaixo, numa atitude de um sentenciado, respondeu com a voz baixa: um pai que sofria tanto que não suportava ver tal cena” (CASELLATO, 2015, p. 21).

Assim, observa-se que o papel da criança na família foi crescendo aos poucos. Atualmente tem condição de destaque, de modo que a perda de um bebê é impactante na vida dos pais, aqui designados, mães e pais de anjo, que perdem além da presença física ou dessa possibilidade, expectativas e sonhos.

2.2.1 Bebê e Feto

Estudos científicos apontam logo após a fecundação do óvulo, quando ainda é embrião, até o nascimento tem-se o feto. O bebê só é considerado como tal após o nascimento. Na verdade, essa questão recai na discussão sobre quando tem início a vida, que é uma das questões delicadas da atualidade. Ao redor dessa questão gravitam grandes dilemas éticos, como a questão do aborto e a pesquisa com células-tronco. Quando entra em campo a fé versus a ciência. (BOTELHO, 2016)

Segundo o referido autor, a questão da valorização e dignidade da vida humana. O bebê nasce e vai adquirindo características que o permitem ser agente, ter capacidade de ação, embora algumas delas só cheguem com muito tempo, mas como ser vivo continua tendo dignidade.

Para Ray (2021), o estágio fetal começa na 10ª semana após a última menstruação e dura até o nascimento. A mudança de feto para recém-nascido acontece no parto e deve acontecer rapidamente para o neonato. Um feto é um organismo vivo e um bebê também. Mas, um bebê já é considerado um indivíduo, um ser vivo independente da mãe e um feto não.

Nesse sentido, quando as mães chamam um feto de bebê é uma decisão da mulher pela visão da vida, de mundo e do desejo de ser em breve futura mãe. Porque é a relação dela com aquele organismo vivo que deve determinar o significado da gravidez. (MOSCOU, 2011). Para ela, o fato de chamá-lo de feto é lembrar que é um organismo dependente da grávida para existir e essa questão só faz diferença na discussão pelo direito ao aborto, que não é foco deste trabalho, que usa o termo bebê e não feto.

2.3 Maternidade e o luto invisível

A importância e a relação da mãe-criança se alteraram ao longo do tempo. Segundo Badinter (1985), na Antiguidade e na Idade Média, não se valorizava a condição de ser mãe em razão, sobretudo, do poder do pai dentro da família, constituída com base no contrato e não no amor. Mas, com o crescimento da burguesia e por meio dela, o surgimento de uma nova ordem econômica, o amor materno aparece como fundamental para sobrevivência das crianças.

A partir do século XVIII e início do século XIX, há uma nova constituição da relação entre a mulher e a maternidade, por meio da qual o bebê e a criança transformam-se nos objetos privilegiados da atenção materna. Diante disso, a atenção permanente da mãe surge como valor primordial, sem o qual a preservação da criança não poderia acontecer e, como consequência, ampliou-se a responsabilidade materna com o aumento da valorização do papel mulher-mãe (MOURA; ARAÚJO, 2004).

A valorização do esforço e sacrifício da mulher em favor dos filhos e da família foi sendo desenvolvido aos poucos. Assim, para Moura e Araújo (2004), o amor materno é um comportamento social, em que a configuração da mãe moderna é bem variável, podendo desempenhar o papel de mãe aquela pessoa que adota, o/a homossexual que materna, entre outras. Há diversidade de mães, logo diversidade na possibilidade do desenvolvimento desse papel.

Nesse contexto de proteção absoluta da mãe com relação ao filho, é que surge a complexa relação entre os dois. Durante a gravidez, o corpo da mulher abre espaço para a criança crescer dentro dela. O espaço protetor do útero se expande para atender às necessidades do ser em desenvolvimento. Dessa forma, a interseção de maternidade, perda e luto aparece de

maneiras múltiplas, e a morte de um bebê durante a gravidez, parto ou pós-parto é uma experiência traumática para a mulher e sua família (FREITAS; MICHEL, 2014).

Vários fatores tornam esta questão complexa, colocando-a no fundo da agenda política, pois, as taxas de natimortos não estão incluídas nas Metas de Desenvolvimento do Milênio, nem rastreadas pela Organização Mundial de Saúde (ONU), nem nas métricas de Carga Global de Doenças, tornando-o um problema invisível, constatando-se que não há o reconhecimento institucional destas vidas (THOMPSON, 2011). Uma análise sistemática de estudos sobre morte fetal no Brasil, que incluiu natimortos, publicada entre 2003 e 2013, encontrou uma redução geral das taxas de mortalidade fetal no período.

Outro estudo que analisou as taxas de natimortalidade no Brasil de 1996 a 2012 encontrou uma redução de 13,4 para 10,0 a cada 1.000 nascimentos (CARVALHO *et al.*, 2018). Nesse contexto, vale esclarecer que na perda gestacional (morte do feto durante a gravidez ou no parto) e neonatal (bebê nasce vivo e morre até os primeiros 28 dias de vida), os lutos são de todas as ordens, desde perda dos sonhos, fantasias e planos envolvidos na maternidade e paternidade. Há um luto tanto pelo filho imaginado, como pelo esperado.

A morte do bebê é um acontecimento experienciado culturalmente como algo a ser evitado, como externa Muza *et al* (2013), optando-se pela negação a fim de evitar o contato com a angústia. Para a maioria das pessoas do mundo ocidental, a morte de um filho é a fonte de pesar mais atormentadora e dolorosa. “São novas maneiras de compartilhar, usufruir e fazer parte da sociedade em que vivem” (VILAÇA; ARAÚJO, 2016, p. 18).

O estudo transcultural de luto materno de Thompson (2011) observa que a conexão da mãe com seu filho como um indivíduo dentro de uma teia de relacionamentos, não é rompido pela morte da criança. Ele relata que as mães enlutadas demonstram não ter vontade de separar-se dos seus filhos, acreditando que os filhos seguem vivendo de alguma forma. Muitas delas identificam que ser mãe de um bebê morto é o cerne da sua identidade pessoal, ressaltando que as lembranças do filho não desaparecem.

Nesse sentido, Rodrigues *et al.*, (2020) citam uma pesquisa realizada com seis mães enlutadas pela perda perinatal, na qual descrevem que sofrem com a falta de reconhecimento daquela perda. Relata também que elas usam como uma das estratégias para sobreviverem ao período pós-natal, a criação de memórias com o filho e dar identidade ao bebê. Elas abordam a falta de apoio em geral e que a invisibilidade do luto traz sofrimento e solidão, e esse luto ocorre para aproximadamente 2 milhões de mulheres que convivem com sintomas de depressão pós-natal devido à perda perinatal, a cada ano. Os autores afirmam que a estimativa da mortalidade

perinatal afeta cerca de 2,6 milhões de crianças por ano em todo o mundo (RODRIGUES *et al.*, 2020).

Conforme Teodózio *et al.* (2020), em 2017, foram registrados 30.620 óbitos fetais no Brasil, sendo o maior número desses óbitos ocorridos entre mulheres de 20 a 29 anos e, em cerca de 40% dos casos, entre a 28^a e a 36^a semana de gestação.

Estima-se que esses índices sejam ainda mais expressivos, por conta de abortos e outras ocorrências não registradas oficialmente. Em relação a essas definições, destaca-se que os óbitos fetais correspondem à morte do bebê ainda na gestação, com características iguais ou superiores a 500 gramas de peso, 25 centímetros de estatura e 22 semanas gestacionais (154 dias); medidas inferiores a essas designam um abortamento (TEODÓZIO *et al.*, 2020, p. 2).

Para Teodózio *et al.* (2020), por ser um evento traumático, o luto pela maternidade na fase perinatal tem características particulares, como a falta de reconhecimento social desse luto, a maneira como a equipe de saúde dá o suporte necessário à mãe e ainda cita a inexistência de rituais de despedida do bebê como um fator que pode dificultar o trabalho de elaboração dessa dor. Nesse contexto, observa-se que em razão de apresentar caráter multifacetado, a perda perinatal também é uma experiência que varia, entre outros aspectos, conforme a rede de apoio disponível e a forma como transcorreu todo o evento (TEODÓZIO *et al.*, 2020).

Elementos externos relacionados ao atendimento de saúde, como acordar na sala de recuperação com puérperas e seus bebês, e visualizar o seu bebê morto dentro de um pote, sem preparação para tal, dificultam o manejo adequado da situação e piora, consideravelmente, a experiência de perder um filho (TEODÓZIO *et al.*, 2020, p. 8).

Assim, o luto pode ser potencializado, dependendo de como a mãe é atendida e de como o suporte é fornecido a ela. A pesquisa realizada por Teodózio e colaboradores (2020) evidenciou, entre outras coisas, que esse tipo de perda pode ser ainda mais difícil de enfrentar quando não se conta com um ambiente que acolha as necessidades dessas mulheres, tendo em vista que para quem não viveu a situação, é de difícil compreensão.

Desta forma, com base nas informações e estudo, verifica-se que o luto perinatal tem sido invisibilizado. Em alguns casos, nos dados numéricos e, na grande maioria das vezes, há o não reconhecimento social da dor emocional, passível de pesar, que as mulheres, mães de anjo, enfrentam.

2.4 Construção sociocultural do luto

Cada cultura define o significado que as pessoas atribuem à perda. As normas culturais não apenas influenciam a vivência do luto, como também a forma de expressão dele, sendo assim, o luto é uma construção social. A construção dos papéis consagrados historicamente às mães e pais que perderam filhos e, no caso específico das mães de anjo, tem origem na distribuição de funções definidas entre homens e mulheres na nossa sociedade (PAVANELLO; MACHADO; SILVA, 2021). O luto sofre influência dos aspectos psicossociais, em especial aos de gênero, sendo que ainda se atribui às mães a tarefa e responsabilidade de cuidar e educar dos filhos.

Durante a idade média, o papel da mulher como mãe não era central. Conforme Moura e Araújo (2004), havia, na verdade, uma desvalorização em relação à maternidade, baseada sobretudo no forte papel masculino dentro da família e da sociedade. A força do amor materno foi ganhando espaço aos poucos e, somente após 1760, passou-se a exaltar “o amor materno como um valor natural e social, incentivando a mulher a assumir diretamente os cuidados com a prole” (MOURA; ARAÚJO, 2004, p. 46).

Para os autores citados, as diferenças ente o homem e a mulher permaneceram, mas a consciência social sobre a família e forma de organização dela modificou-se. Primeiro, nas camadas sociais mais altas houve enfoque nos laços afetivos e a crescente valorização da mulher como mãe e rainha do lar. Assim, por muito tempo a maternidade foi pensada como função da mulher por excelência, decorrente, segundo Moura e Araújo (2004), da capacidade dela de parir e amamentar.

No Brasil, a modificação dos sentimentos em relação a vida familiar teve início no século XVIII com influência europeia. Por todo o século XIX, a sociedade brasileira foi adaptando-se ao modelo burguês de família até o século XX, especificamente na década de 80, quando os papéis da mãe e do pai se reconfiguram novamente.

Na referida construção, a valorização do compromisso emocional do casal com a criança intensifica-se, iniciando-se já na gravidez. A participação do pai no parto e nos cuidados com o bebê surge como elemento fundamental dessa experiência. Quanto à mulher valoriza-se a dedicação total à criança, dispensando-se o auxílio de enfermeiras, babás ou mesmo da família (MOURA; ARAÚJO, 2004, p. 50).

Embora os padrões de maternidade tenham se modificado ao longo dos séculos, levando em conta que as mulheres passaram a ocupar posições nos espaços públicos e no mercado de trabalho, ainda se atribui muito os antigos papéis no lar. “O crescimento das responsabilidades

maternas ampliou a valorização da ‘mulher-mãe’” (MOURA; ARAÚJO, 2004, p. 47). Não é à toa que a mãe ainda é chamada de Rainha do Lar. É nesse contexto que se diz que é para a mãe que os olhos se voltam na perda de um bebê. Frases como “A dor maior do mundo”, “uma mãe não merecer ver o filho morrer” são clássicas entre inúmeras outras frases dirigidas a uma mãe enlutada.

A imagem de mãe nas sociedades ocidentais é tida como aquela que se sacrifica em nome dos filhos. Esse papel tem origem na distribuição de poder com base em distinções criadas entre homens e mulheres. No momento em que se ressaltam as diferenças biológicas, associando-as a elementos comportamentais, naturaliza-se a divisão do trabalho por sexo sendo as mulheres “destinadas” ao trabalho no lar e aos cuidados com os filhos (PAVANELLO; MACHADO; SILVA, 2021).

Na literatura da área, o luto materno é foco da maioria dos estudos que apresentam o lugar da mulher na gestação e as afetações individuais e familiares após a perda do filho. Em relação a experiência do pai, ressalta-se o papel dele em cuidar da mãe e organizar a burocracia da perda, sem destacar ou observar o sofrimento pelo qual também passa, interrompendo-os socialmente (FILHO; LIMA, 2017).

Contudo, o luto dos pais de anjo, e no caso em estudo, das mães de anjo, não é validado eternamente. É válido salientar que o luto é desenvolvido de forma processual e subjetiva, sofrendo influências da cultura, do local, da época. As reações e o tempo do luto seguem estas variáveis, reconhecendo-se os determinantes culturais como protagonistas da vivência do luto para uma pessoa que perdeu alguém. São influências do meio cultural, incluindo educação, grupo social e religião que estão diretamente ligados à forma como o ser humano vive e elabora a perda (FILHO; LIMA, 2017).

Não existe um tempo determinado para que os pais vivam e findem seu luto. Em alguns casos dura um tempo maior ou menor, a depender da singularidade e de diferentes fatores, como a cultura, fatores complicadores, dentre outros já descritos anteriormente. O fato de ressignificar a perda, não implica em afirmar que os pais apagaram da memória o filho perdido, e nunca mais irão chorar ou sentir saudade, pois o ente querido permanece vivo na memória, contanto, as reações ganham outra intensidade e significado (FILHO; LIMA, 2017, p. 26).

As sociedades possuem um “código” com normas que determinam quem, quando e por quanto tempo as pessoas devem expressar seus sentimentos de luto e pesar. “As regras sempre existiram e norteiam o comportamento das pessoas nas diferentes posições que ocupam na hierarquia do luto. Porém, temos aqui um aspecto a ser considerado, na compreensão de fenômeno: normas e valores da cultura” (FRANCO, 2015, p. 219).

Entendendo a cultura como uma vivência que provê de sentido o modo como a sociedade organiza a sua vida e faz dela um todo coerente e inteligível, a relação entre cultura e sociedade coloca a comunicação na centralidade do processo como elemento importante para o desenvolvimento de significações, valores e comportamento. Nesse viés, está o processo de enlutar-se que adquire nuances diferentes em conjunturas variadas, *online* e *offline* (ZIVIANE, 2014).

A interação social ocorrida no espaço virtual só é viabilizada pelo poder dos afetos ou dos sentimentos. Os afetos é que estimulam os arranjos sociais e, por meio deles, é que os indivíduos expressam a cultura, de forma que o afeto é o que move o ser humano a buscar proximidade e pertencimento a outras pessoas ou grupos (XAVIER; NEVES, 2014).

Assim, é certo que a forma de elaborar as crenças e valores vai mudando. As pessoas manifestam de formas diferentes a sua dor, conforme as convenções regentes em dada época e sociedade. Embora essas formas não sejam homogêneas, até no interior de uma mesma comunidade, uma vez que vão variando segundo os grupos sociais envolvidos e os enlutados em questão, são balizadas pelo poder que o afeto tem de influenciar e estimular a aproximação entre os seres humanos.

Nesse contexto, é que surgem as redes sociais virtuais conectando indivíduos que apresentam relatos e narrativas sobre enlutados, que interagem, formam grupos, marcando uma nova forma de manifestar o pesar.

3 AS REDES SOCIAIS E O LUTO NA ERA DIGITAL

Em artigo publicado no jornal *The New York Times*, a duquesa de Sussex Megan Markle falou sobre o aborto que vivenciou e ocorreu em julho de 2020¹. Ela descreveu o fato como uma “dor quase insuportável”. O artigo foi amplamente repercutido nos perfis do *Instagram* por mães e pais que logo se identificaram com o fato, gerando sensação de pertencimento.

Markle relatou que havia acabado de trocar a fralda do filho quando sentiu uma forte contração e caiu no chão. A americana de 39 anos falou que sofrer um aborto espontâneo é uma “dor insuportável”. Ela diz que o tema continua sendo um tabu, carregado de uma vergonha injustificada, que perpetua e alimenta um ciclo de luto solitário.

Em uma realidade mais próxima, pode-se observar que são muitos casos como esse acima revelado nos últimos anos no *Instagram*. A atriz brasileira Fernanda Machado relatou, em vídeo e texto, no *Instagram*, a dor e o desconsolo da perda do filho na fase gestacional. Ela falou que era exaustivo esconder a dor e fingir que nada aconteceu². A também atriz Marina Rios contou, em julho de 2020, que sofreu um aborto espontâneo e noticiou o fato por meio de dois *posts* no *Instagram*³. Eles tiveram muita repercussão. Um obteve mais de 410 mil visualizações e outro, um vídeo, teve mais de 20 mil comentários e acima de dois milhões de visualizações. Além delas, o humorista Whindersson Nunes, como pai de anjo, escreveu um texto de desabafo, no perfil dele, em 2021, após a perda do filho na fase perinatal, sobre a dor sentida e recebeu muito apoio na rede social. A publicação teve mais de oito milhões de visualizações⁴.

À medida que as redes sociais abriram espaço para temas até então pouco falados socialmente ou no ambiente familiar como o luto das “mães de anjo”, outros espaços na imprensa e nos grupos sociais se abrem para falar do assunto. O tema não é prerrogativa de pessoas proeminentes ou artistas, mas casos de pessoas comuns são cada vez mais divulgados nas redes sociais, que constituem hoje um espaço de compartilhamento da dor do luto, marcando uma mudança cultural na vivência do luto.

¹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55072611>. Acesso em: 15 jan. 2021.

² Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/08/fernanda-machado-relembra-aborto-espontaneo-foi-devastador.html> e <https://www.instagram.com/realfernachado>. Acesso em: 26 mar. 2022.

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCgWZj-B5hi/>.

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CPgdxvWnjcF/>

3.1 Redes Sociais Virtuais

As redes sociais virtuais têm tido um papel fundamental nas relações humanas. O fato de possibilitarem as pessoas interagirem e compartilharem informações de um ponto a outro do globo, em poucos segundos, potencializam a interação entre os sujeitos, recriando uma nova morada de sociabilidade (MARTINUZZO; SANGALLI, 2019).

Nesse contexto, é válido destacar que as redes sociais, para além da exibição de momentos alegres e fotos bem-produzidas, abrem espaço para o relato de perdas e luto, tornando-se um ponto de encontro para muitos enlutados socializarem a dor, expondo-a ao olhar alheio. Se antes escrevia-se nas lápides e obituários apenas, agora os enlutados estampam fotos, textos do morto e sobre o morto, produzindo modos próprios ou específicos de interação com quem se foi, como texto para o morto. Surgem novas formas de lidar com assuntos antigos. (GOLDBERG, 2019).

Observa-se muitas mães falando da perda de seus bebês nas redes sociais. Geralmente como um desabafo, uma válvula de escape para expressar os momentos vividos com o filho, as experiências e sentimentos. Para Soares *et al.* (2020), falar de todo o processo funciona como uma forma de homenagem e auxilia na amenização da dor, uma vez que memórias são construídas e reafirmadas. Goldberg (2019) diz que o tema luto e morte tem povoado o cotidiano, não sendo mais considerados temas interditos, como dizia Ariès (2012), mas inseridos na dinâmica cotidiana dos vivos.

[...] nas redes sociais o enlutado pode referir-se ao falecido compartilhando elementos biográficos e autobiográficos, relacionais, particulares, admitindo, em primeira pessoa, seus sentimentos e sua posição em relação ao morto. Essa é uma realidade característica de um momento histórico no qual um meio de comunicação assíncrono baliza grande parte das relações pessoais (GOLDBERG, 2019, p. 23).

Para Simonard e Santos (2017, p. 17), o senso de pertencimento e comunidade pode ser despertado nas redes sociais virtuais. Também podem constituir grupos que vivenciam a identidade comum em seu aspecto relacional, ou seja, “a forma que o outro nos enxerga também constrói nossa identidade”. Para eles:

O sentimento de pertencimento une os sujeitos em torno de objetivos comuns, confortáveis em determinado local e, nesse sentido, a Internet, prioritariamente as redes sociais, pode ser considerada espaço para que nela os indivíduos naveguem e produzam sentido, seja simbólico, social ou afetivo (SIMONARD; SANTOS, 2017, p.15).

Conforme Recuero (2009), a frequência e a continuidade dos diálogos nas redes tornam as conexões entre os atores mais densa, mais fortalecidas, o que constitui e mantém o grupo são as interações e não o território. “É através delas que os laços são formados e adensados no interior da rede social. Os espaços de interação podem variar de acordo com a conversação” (RECUERO, 2009, p. 151).

Importante destacar que hoje vivemos a “cultura do compartilhamento”, termo usado por Zanetti (2011) para referir-se às ferramentas tecnológicas que envolvem a troca de conteúdos, bem como à incorporação dessas práticas pelos indivíduos. Para a autora, compartilhar no sentido de dividir, contar, incluir e extrair do outro uma opinião gera alto grau de interação.

A expansão das redes sociais e das formas de produção colaborativa, no início dos anos 2000, levou a um tipo de conexão denominado de web 2.0, termo usado para definir o alto grau de interatividade e colaboração e de conteúdos pelos próprios usuários. O termo rede social foi desenvolvido pelas ciências sociais, entretanto, no ambiente da internet, usa-se redes sociais digitais, virtuais ou redes sociais *online*, mesmo não sendo sinônimos, uma vez que o termo *online* é quando se está conectado à internet, quando se acessa remotamente a informação (MARTINO, 2015).

A digitalização é uma condição da existência nas redes. Para ser compartilhada, qualquer informação/dado é transformada em sequências de 0 e 1, código binário, como ao escanarmos uma imagem. Uma vez digitais, tornam-se virtuais, mas para o autor, o termo virtual é parte integrante do real, não se opõe a ele. “Os dados dispostos na internet são todos virtuais até que se transformem naquilo que devem ser. O mundo virtual existe enquanto possibilidade, e se torna visível quando acessado, o que não significa que ele não seja real” (MARTINO, 2015, p. 30-31). Diante dessa lógica, utiliza-se, para efeito desta pesquisa, o termo redes sociais virtuais.

A virtualização não é necessariamente a transformação de algo real em não real. O virtual já é uma realidade em si, enquanto o digital só é possível a partir de um processo de digitalização ou já nasce digital, como fotos ou vídeos. Nesse sentido, é que o virtual modifica a noção de espaço, desterritorializando-a, bem como a noção de tempo, provocando desprendimento do aqui e agora (HENRIQUES, 2020).

Criar e manter um perfil, com foto e informações, na rede é construir a presença de alguém nesse espaço tecnológico, abstrato, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público — que interliga as pessoas com os mesmos objetivos e interesses em uma convivência remota. Conforme Juliano e Yunes (2014), conviver com outros seres humanos significa interagir de

forma recíproca, a partir de trocas, principalmente afetivas, o que possibilita senso de pertencimento e qualidade dos relacionamentos.

Para André Lemos (2003) vivemos na cibercultura, que é a cultura contemporânea vivenciada por meio das tecnologias digitais, como consequência direta da evolução da cultura técnica moderna. Esta constitui-se como o conjunto de práticas, atitudes e valores que se desenvolvem no ciberespaço. É a cultura marcada pela circulação incessante de informações, por meio das redes telemáticas, pela promoção de uma sociabilidade *online* e de uma espécie de cultura de compartilhamento.

Nesse contexto, a rede social passou a ser mais um espaço de ritualização do luto, onde o tema, por assim dizer, está sendo digitalizado, ou seja, há uma reconfiguração do processo de luto no espaço digital. Nele, as memórias das pessoas que morreram ficam eternizadas nesse espaço digital, as fotos, os vídeos de momentos marcantes, as mensagens e depoimentos de amigos e familiares (DALMUTH, 2016).

Mueller (2017) aponta que no processo de apropriação tecnológica, temas como a morte e o luto migram para o cenário *online* em busca de ressignificação como práticas sociais e comunicacionais. Para a autora, a prática do luto *online* abrange “diferentes formas de representação de discursos envolvendo a dor da perda, formas de publicação de conteúdo multimídia para rememorar o morto, formas de interação entre os enlutados, etc.” (MUELLER, 2017, p. 198).

Conforme Bousso (2015), os participantes de uma pesquisa realizada pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Perdas e Luto (Nippel), da Universidade de São Paulo (USP), que investiga as expressões de luto pela perda de um ente querido, apontam as redes sociais como uma possibilidade de rompimento de isolamento social, permitindo a expressão de emoções relacionadas à experiência do luto.

As pesquisas realizadas pelo Nippel mostram, ainda, que na busca para conseguir superar o sofrimento da perda, o enlutado encontra reconhecimento da dor do luto nas interações *online*. Isso não significa que a dor seja menor ou maior quando expressa na rede, mas pode atenuar a dor e ajudar na elaboração do sofrimento causado pela perda (BOUSSO *et al.*, 2014).

Nesta lógica, entende-se as redes sociais virtuais como um espaço capaz de possibilitar o expressar das emoções, inclusive as relacionadas ao luto. Além disso, facilita uma maior liberdade ao usuário para expor seus sentimentos neste universo em que a pessoa pode receber um suporte emocional por meio de *e-mails*, grupos de apoio situados, entre outros (FRIZZO; BOUSSO; BORGHI, 2017).

O mundo contemporâneo tem favorecido as relações sociais no processo de luto facilitando sua exposição. O luto tem saído de sua discrição, podendo ser reconhecido no interior das redes sociais. O compartilhamento do luto na internet, também chamado de luto *online*, tem sido observado com bastante frequência (BOUSSO, 2015, p. 190).

Assim, rituais ancestrais como o luto ingressam neste mundo digital, ressignificando as formas de aceitar e enfrentar a dor, de dividir e receber manifestações de sentimentos, caracterizando as redes como “espaço privilegiado de tanatografias, de escrita para o morto, sobre o morto e par aos enlutados” (GOLDBERG, 2019, p. 22). Esta escrita oferece ao enlutado a possibilidade de expressar publicamente aquilo que sente em relação ao morto, podendo ser uma mensagem para e/ou sobre aquela pessoa.

O campo digital coloca em destaque questões relativas à finitude. Nessa seara, depara-se com as plataformas de redes sociais virtuais que, mesmo após a morte do usuário, permitem a interação por meio de comunidades ou webmemoriais, páginas cujo objetivo é registrar um memorial para pessoas comuns que faleceram, como o Museu do Holocausto⁵ (GOLDBERG, 2019).

O autor, após uma pesquisa realizada no *Instagram* com as *hashtags*⁶ #funeral e #ultrasound, percebeu imagens e escritos que se referem a sujeitos que estão por vir, bebês que ainda não nasceram e muitas postagens sobre falecidos. “Pelo contrário, nessa rede social, o que se compartilha sobre luto refere-se a uma dor pessoal partilhada com os outros usuários” (GOLDBERG, 2019, p. 33).

Nesse sentido, há uma ausência presente da pessoa que morreu, numa busca para eternizá-la. “A digitalização do corpo morto torna-se a manutenção de um laço de interatividade, presença e lembrança de um sujeito então ausente” (RIBEIRO, 2015, p. 18). Encontram-se narrativas sobre os mortos constituídas por relatos, depoimentos de amigos, parentes e fragmentos de texto deixados pelos usuários falecidos, construindo dessa forma uma memória.

O fato é que muitos perfis continuam a ser visualizados, curtidos e com posts comentados mesmo depois que o usuário morre. São mensagens, lamentos, desabafos destinados a pessoas que não mais possuem uma existência física, somente um endereço

⁵ Disponível em: <https://www.dhm.de/> e <https://www.memorialdoholocausto.org.br/>.

⁶ *Hashtag* é caracterizada pelo símbolo do jogo da velha ou cerquilha (#), antes de uma palavra ou frase e está associada a discussões ou temas que se deseja indexar nas redes sociais digitais. É usada para realçar um *post* social ou para encontrar outros *posts* que usam a mesma *hashtag*. Quando a é publicada, transforma-se em um hiperlink que leva para uma página com outras publicações relacionadas ao mesmo tema. (HASHTAG..., online, 2020).

eletrônico identificado com fotos, textos e informações pessoais. É uma narrativa pública para quem não responde, lidas e interpretadas por outros que não o destinatário original (MELLO, 2016).

Conforme Mello (2016), pode-se dizer que é um trabalho de luto, uma conduta adotada pelos usuários como forma de preservar ou resgatar um equilíbrio emocional. Numa realidade na qual a cibercultura encontra-se diluída nas práticas humanas, então se a morte é inevitável, a maneira de lidar com ela também sofre uma adaptação.

Essa adequação é estabelecida na rede social, que apresenta uma narrativa editada da vida, dos sentimentos e emoções. A rede social digital é uma vitrine que permite e instiga expor o que se está sentindo. Grupos de internautas se organizam em torno de laços de sentimento, mediados por conexão, mostrando a emoção como uma prática cultural compartilhada em comunidade, possibilitando a sensação de pertencimento (DOVELLING *et al.*, 2018).

Para os autores, as redes sociais virtuais não permitem apenas uma expansão temporal, espacial e social do luto, mas também a expansão, continuação e reconfiguração da relação com a pessoa que morreu. Pessoas enlutadas instigam fluxos de comunicação emocional que geram a cultura do afeto digital. Essa cultura, segundo Dovelling *et al.* (2018), estabeleceu-se em três níveis: micro, meso e macro. Há também três características, que são a discussão, o alinhamento e o pertencimento.

O alinhamento ocorre quando as pessoas se conectam por identificarem-se emocionalmente, ideologicamente e culturalmente. É uma prática de emoção coconstitutiva que constrói comunidades simbólicas, gerando sentimento de pertencimento. Este ocorre quando, ao compartilhar digitalmente as emoções, como um evento traumático, a sensação de apoio e/ou segurança se estabelece, podendo ser eficaz essa interação, uma vez que os humanos, em regra, sentem a necessidade de estarem agrupados, de pertencer (DOVELLING *et al.*, 2018).

No que tange aos níveis, a morte de uma celebridade e a disseminação da informação nas redes sociais, pode, por exemplo, clarear a definição feita por Dovelling *et al.* (2018). O nível micro consiste no uso social da mídia em pequena escala, para fins pessoais e, no caso acima, seria a família daquela celebridade compartilhando as emoções *online*, recebendo apoio e originando sensação de pertencimento.

Já o nível meso seria o grupo de fãs, emocionalmente ressonantes, (por processo de alinhamento) e reunidos em torno de um tema, de uma causa, de um lamento. Aqui pode-se encaixar as mães de anjo ao ocuparem o espaço digital para falarem dos filhos e do processo de luto. Já o nível macro envolve fluxos emocionais globalizados, no qual a discussão perpassa pela importância daquela celebridade para a música, para a economia, para a arte etc. A emoção

ressoa em maior âmbito, com foco diferente e tem a tendência a atrair novos participantes para grupos que se alinhem àquela ideia.

Na perspectiva interacionista dos autores citados, o luto compartilhado revela cadeias de interação ritualística em forma de textos e símbolos. Neste sentido, o luto público virtual pode, conforme Dovelling *et al.* (2018), ter duas funções: o alívio da dor e tornar real aquele fato da morte. Isso ocasiona, muitas vezes, uma emoção coletiva. “A morte de uma celebridade evoca emoções intensas, resultando em ondas não apenas de luto co-construído, mas também empatia co-construída, crucial para lidar com o luto” (DOVELLING *et al.*, 2018, p. 6).

Assim, a internet tem sido um ambiente de transformação para as vivências do luto contemporâneo, seja ele de qualquer natureza. Mães de anjo, pais de anjo, viúvas e companheiros expressam pesar, compartilham publicamente suas emoções, narram os fatos e publicam fotos a fim de homenagearem seus entes queridos e, além disso, formam redes de apoio na busca por compreensão, baseado no senso de pertencimento e de comunidade.

3.2 Luto não reconhecido

Neste contexto atual, de exibir os sentimentos, percebe-se a mudança do comportamento cultural e a alteração na forma de lidar com o luto. É válido esclarecer também que a dor deste momento não é universal. Há culturas que veem o luto como motivo de festa, e outras entendem que há vidas que não são consideradas passíveis de luto, não são reconhecidas como vida. O ser humano na sua condição precária fica exposto à situação de vulnerabilidade que o torna “não lamentável” (BUTLER, 2018).

Nesse sentido, podemos recorrer ao pensamento de Judith Butler (2018), quando trata do não reconhecimento da legitimidade de certas vidas. Quando algumas delas não são legitimadas pela sociedade a ponto de não serem lamentáveis e, assim, não seriam valiosas. A autora reivindica a moralização da vida e da morte.

Há sujeitos que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há vidas que dificilmente – ou, melhor dizendo, nunca - são reconhecidas como vidas. Em que sentido, então, a vida excede sempre as condições normativas de sua condição de ser reconhecida? (BUTLER, 2018, p. 17).

Na visão da autora, vida e morte são encaradas de formas diferente para determinadas pessoas ou grupos, a exemplo das minorias sexuais, as pessoas trans e outros grupos relacionados a gênero e sexualidade. Além destes, a autora cita a morte de milhares na guerra,

como mais de 200 mil crianças iraquianas mortas na Guerra do Golfo e os presos na Baía de Guantánamo. São lutos invisibilizados e pessoas que não são qualificadas como “passíveis de serem enlutadas”. A autora, traz nessa obra o viés político do luto e instiga a reflexão quando diz: “então poderíamos avaliar criticamente e nos opor às condições em que certas vidas humanas são mais vulneráveis do que outras e, assim, certas vidas humanas provocam mais luto do que outras” (BUTLER, 2020, p. 51).

Nas considerações de Butler (2020), o luto público é uma forma de garantir honraria e dignidade às vidas que foram perdidas mostrando o apreço social por elas. Mas algumas vidas não entram nesse rol e, para a autora, a vida só tem o seu valor reconhecido se, quando perdida, for enlutada. Entretanto, os enquadramentos sociais fazem a distinção e dão valoração diferente de uma vida para outra.

A autora de “Quadros de Guerra” recorda e traz como um dos exemplos os atentados de 11 de setembro de 2001. Neste caso houve uma distinção clara entre as vidas perdidas, não sendo lamentadas as mortes de trabalhadores ilegais ou imigrantes, que não tiveram seus nomes e histórias contadas e registradas, demonstrando a dimensão política do luto e sua distribuição desigual.

Quando perdemos pessoas amadas, nos é revelado “algo que delinea os laços que mantemos com os outros e nos mostra que estes laços constituem o que somos, laços e elos que nos compõem” (BUTLER, 2020, p. 42). O luto é uma vivência não apenas individual, é basicamente coletiva. Pensar que a questão do luto é privada, nos isola socialmente em uma situação de desespero, o que tornaria essa condição despolitizante. Conforme o pensamento de Butler (2020), o luto fornece um senso de comunidade política⁷, sobretudo porque traz à tona os laços que nos unem e, portanto, nos atravessam.

Desta forma, ela defende que somos “corpos socialmente constituídos”, apegados uns aos outros e vivendo o risco de perder estas ligações, uma vez que quando passamos pela perda de alguém dos nossos laços “não sabemos quem somos ou o que fazer”. Para a autora, alguma coisa nos é revelada na perda e na vulnerabilidade, “algo que delinea os laços que mantemos com os outros” (BUTLER, 2020, p. 42) e que são os elos que nos formam.

Desse modo, a tese de Butler (2020), no que tange ao fato de reconhecer ou não uma vida como enlutável, pode ser conectada à forma como o luto perinatal tem sido visualizado,

⁷ Importante destacar aqui a noção de política tal qual Aristóteles nos apresentava, que o ser humano é um animal político por natureza e que tem suas necessidades satisfeitas e sentimentos realizados pela convivência com o outro (CABRAL, 2021).

isto é, em muitos espaços, este pesar é desconsiderado, encarado como um não luto ou dor não autorizada. É certo que Butler (2020) trata a questão pelo viés político e, no caso das mães de anjo, trata-se de uma desconsideração do luto delas baseado em um conjunto de valores morais que impedem e dificultam observar a dor destas mulheres como um luto real.

Segundo Gesteira *et al.* (2006), a dor vivenciada pelas mães de anjo é incompreendida, uma perda não plenamente reconhecida, que não é abertamente apresentada e muito menos socialmente validada. Entende-se que se o bebê morre, a mãe também “morre”, perde aquela identidade.

Nesse sentido, é que as falas e as narrativas das pessoas enlutadas, no caso do luto neonatal ou gestacional das chamadas “mães de anjo”, nas redes, fazem eco das dores da ausência. Quando comparada às outras formas de luto, a morte de uma criança pode ser mais difícil de ser elaborada. Mediante as dificuldades de espaço para expressar a dor, a formação de grupos com outras mães enlutadas e a possibilidade de compartilhar sentimentos similares são recursos importantes para reestruturar a nova realidade que se impõe sem a criança (CASELLATO, 2015).

É possível observar que com a exposição da dor e demonstração do luto no ambiente virtual não há uma desconstrução de seu conceito. Trata-se de uma nova forma de viver ou demonstrar o estado de luto dos indivíduos. Na verdade, não há uma desconstrução cultural do luto e sim uma adaptação da sua expressão cultural com seus signos, que representam o pesar e são mantidos neste espaço que é o ambiente virtual (MOURA *et al.*, 2016).

Conforme Moura *et al.* (2016, p. 6), “o surgimento do luto no ambiente virtual aconteceu em meado dos anos 90, e no Brasil não é possível ainda referenciar uma data do início do luto narrado no espaço virtual”. É observado, pois, que com o crescimento da utilização das redes sociais, os usuários foram postando mensagens indicando que estavam em luto por alguém

Atualmente, as redes sociais, em especial o *Instagram*, têm papel social fundamental para a expressão do luto. A interação entre pessoas que passam pelo mesmo dilema transforma sentimentos negativos em afetividade, em informação. Surge uma nova forma de viver o luto, reconfigurada por meio das plataformas *online*, onde a intimidade da dor pode ser acalentada também (MARTINUZZO; SANGALLI, 2019).

Muitos perfis das redes sociais, em especial do *Instagram*, exibem relatos em primeira pessoa, carregado de emoção. Há uma tendência de usar a escrita de forma confessional. É aí que podemos inferir que olhar do outro pode legitimar a existência dessa dor. Nesse cenário de exposição, a dor do luto também está. Busca-se um realismo nas narrativas, de forma que quanto mais detalhado e autêntico parecer, mais curtidas e comentários terá naquele espaço, onde

descreve-se o que vive, viveu e quem se é. Assim, muitos assuntos, antes íntimos, saíram do espaço privado e foram para a praça pública digital, tornando-se “extimidades” (SIBILIA, 2016).

Conforme Bousso (2015), usar as narrativas para dar voz à experiência humana do sofrimento possibilita acessar as necessidades do enlutado para que tenha suas emoções validadas, reconhecidas. Os relatos na rede abrem espaço de fala no dia a dia para a expressão dos sentimentos.

Acreditamos que as novas tecnologias e práticas interacionais aproximam a comunidade do enlutado, e a rapidez na qual os comentários fluem resulta em um acolhimento quase que imediato do enlutado. Com isso, as redes sociais e comunidade *online* podem permitir que o enlutado se sinta acolhido no enfrentamento de sua dor, tendo seu sentimento de desamparo diminuído (BOUSSO *et al.*, 2014, p. 176).

Desta forma, pode-se dizer que a conexão virtual entre os enlutados revela reações diversas por parte dos interlocutores, por meio das manifestações convencionais como frases, imagens, fotografias, entre outros, que despertam nos enlutados sentimentos intensos como tristeza, alegria, conforto e acolhimento. Surge um espaço para narrar e ouvir retorno do outro sobre dores que, por vezes, são denominadas “não reconhecidas”, termo definido por Casellato (2015), como o luto que não pode ser expresso ou socialmente suportado.

O conceito de luto não reconhecido é, para Casellato (2015, p. 25), “um fenômeno psicossocial que tem como desafio a legitimação do sofrimento humano diante de uma perda, independentemente de quando as reações se manifestam, quem as manifesta, como por que e por quem se manifestam”.

Conforme a autora, este termo é usado quando o enlutado não possui espaço para falar ou vivenciar abertamente a perda em razão de não ser socialmente suportada. Para a referida autora, mensagens de não reconhecimento invalidam a dor e menosprezam os sentimentos do enlutado. Não compreender e nem reconhecer a experiência de perda do outro “não é simplesmente uma questão de indiferença às experiências ou aos esforços do enlutado, mas é ativamente negativo ou destrutivo, pois envolve negação, interferência e imposição de sanção” (CASELLATO, 2015, p. 17).

Nessa linha, quando a dor do luto é banalizada, o enlutado tende a ter sintomas mais intensos e duradouros no decorrer do processo de elaboração do luto. Casellato (2015) diz que

romper com o silêncio é muito importante, sobretudo, nos casos em que certas perdas são consideradas insignificantes como as perdas ditas ambíguas⁸.

A perda não reconhecida está relacionada, segundo Gesteira *et al.*, (2006), há lutos não franqueados, como: vínculos extraconjugais; relacionamentos homossexuais; ex-cônjuge ou amantes; pais biológicos de crianças adotivas e médicos e enfermeiras que se vincularam aos pacientes; mortes perinatais; abortos; devolução de crianças adotadas aos pais biológicos; disponibilidade de filhos para adoção; morte de animal de estimação; perda social e psicológica sem morte, por exemplo, quando o parceiro desenvolve o mal de Alzheimer.

Eles acrescentam também na relação de enlutados não aceito as crianças consideradas muito pequenas para estar de luto, ou adultos considerados muito velhos ou com alterações cerebrais, por exemplo, quando a morte ocorre num asilo, num hospital psiquiátrico ou em uma instituição para pessoas com dificuldades de aprendizagem.

Para as pessoas incluídas na classificação do “luto não autorizado”, a manifestação desse luto poderá ser problemática, porque: ele pode ser intensificado por ter sido ignorado ou reprimido; a raiva e a culpa podem surgir e complicar o curso do processo de luto; o enlutado pode ser excluído dos rituais; falta apoio social para o enlutado vivenciar o processo do luto (GESTEIRA *et al.*, 2006, p.6).

Nesse sentido, a falta de apoio social a um enlutado pode dificultar a elaboração desta vivência. E o luto perinatal não tem um reconhecimento social, conforme Muza *et al.* (2013), e muito menos uma aceitação com aqueles que o vivenciam. O luto por um bebê recém-nascido ainda traz olhares de incompreensão.

Para Melo e Vaz (2019), há um preconceito em não se reconhecer ou admitir o sofrimento dos pais ou das mães de anjos como legítimas por avaliarem que não é nada tão grave, tendo em vista que acreditam que no luto perinatal foi apenas um feto e não uma pessoa formada. O preconceito impede de atribuir aos enlutados a identidade de pais que perderam filhos.

Conforme Filho e Lima (2017, p. 25), o luto da mãe pelo natimorto, às vezes, não é autorizado socialmente, em razão “da morte ter ocorrido quando o bebê ainda não foi apresentado para os pais ou para o mundo. A morte do filho nessa situação rompe com a maternidade e a paternidade, ocorrendo uma desestruturação da família”. Nesse sentido é que muitos estudos ainda negam a existência desse tipo de luto (MUZA *et al.*, 2013).

⁸ Perdas ambíguas são as perdas inquietantes que dificultam o luto, como homens aposentados que parecem deprimidos (SOUZA; JUNIOR, 2015).

Na opinião de Filho e Lima (2017), não existe um tempo determinado para vivência de um luto pelos pais. Varia conforme a cultura e outros fatores complicadores. No que tange à ressignificação da perda, não significa que os pais esqueceram o filho ou que não vão mais chorar ou sentir saudade, mas o sentimento e as sensações mudam em intensidade e significado no decorrer do processo e do tempo.

Para Muza *et al.* (2013), a relação mãe e o filho sonhado antecede o nascimento do bebê, de forma que a elaboração do luto pela morte dessa criança, antes ou logo após seu nascimento, tem particularidades, tendo em vista que momentos de convívio e de afetividade mútua são impossibilitados. Além disso, são considerados complicadores no processo de elaboração da perda de um filho a falta de apoio social, falas de incompreensão e falta de espaço no meio social.

Os pais costumam ouvir declarações de que seus bebês são substituíveis e sofrem pressão para acelerar o trabalho do luto. A questão é que a impossibilidade de enxergar o lugar psíquico de onde emerge um filho faz com que as mínimas condições para a elaboração desse tipo de luto tendam a ser desconsideradas (MUZA *et al.*, 2013, p. 25).

Dessa forma, para Muza *et al.* (2013), o luto por um bebê não tem sido reconhecido socialmente e, em regra, é desautorizado pelo outro que não fornece espaço de empatia e fala, tanto na rede social e familiar da qual faz parte, quanto das equipes hospitalares. Conforme Santos (2015), é importante definir as diretrizes de apoio para estas famílias, bem como o desenvolvimento e as definições de protocolos baseados em evidências que possam impactar positivamente a saúde dos pais que sofreram perda perinatal.

Portanto, é nesse contexto de falta de suporte social que muitas mães de anjo buscam espaços nos meios digitais, onde se sintam confortáveis o suficiente para falarem e se expressarem sobre as experiências delas. Neste espaço relembram fatos, bem como os aspectos positivos da vida, mesmo curta, de seus filhos e compartilham o sofrimento com outras pessoas que passam por perdas semelhantes.

3.3 Luto das mães de anjo

Em regra, mães que perdem seus filhos, durante a gravidez ou logo após o parto, vivem uma experiência difícil porque é o fim de um sonho ou daquela expectativa construída durante anos e alimentada durante os meses de gestação (SALGADO, 2018). Além da perda da expectativa antecipada da maternidade, a mulher “nem sempre vê garantido seu direito de luto,

já que vivemos em uma sociedade que não lhe permite o uso do tempo para processar internamente os fatos, compreensíveis ou não, que levaram à perda do bebê” (SALGADO, 2018, p. 100).

Quando se nega à mãe o direito de enlutar-se pela perda de sua gestação em qualquer fase dela, alegando que é menos doloroso por ter sido no início ou que ela pode engravidar de novo, ocorre uma interferência na forma da pessoa enlutar-se. Isto provoca o isolamento pelo qual passam muitas mulheres, que vivenciam o luto sem a rede de apoio. Conforme Casellato (2015), a questão do luto não reconhecido fere a dignidade da pessoa humana.

[...] firmou-se na demonstração do luto à luz dos direitos fundamentais — especialmente em virtude do disposto no § 2º, do art. 5º da CF/88, que trata dos direitos nela não explicitados, mas decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados — [...] o entendimento do luto como objeto passível de tutela por enquadramento no rol dos direitos metaindividuais. [...] (ABRITTA, 2018, p. 26).

Para Filho e Lima (2017), a perda de um filho é uma dor singular e são muitas as mudanças na vida conjugal do casal e na vida social, o que exige dos pais a busca por uma nova identidade. Para eles, no processo de elaboração do luto pelos pais é importante fazer ou participar dos rituais como forma de consolidar a perda. O contato com o filho morto é necessário, em muitos casos, para que os pais possam encarar a perda, além de outros recursos que podem ajudar no enfrentamento da situação de luto. “Atualmente, as redes sociais têm se tornado um ponto de encontro de pais enlutados, as trocas de relatos por meio de *blogs*, *fanpages* e aplicativos ajudam no reconhecimento da dor e na rede de fortalecimento que é virtual, mas social” (FILHO; LIMA, 2017, p. 26).

Para Pavanello, Machado e Silva (2021), manter ritos de celebração da vida que se foi faz com que a mãe queira evidenciar a presença dos filhos, por meio de fotos, imagens, mensagens direcionadas a eles, entre outras formas de materialidade. Além disso, a conversa ou mensagem com o filho por meio do texto na rede social é um esforço empreendido por ela na tentativa de levar a vida de volta para um estado de equilíbrio anterior à perda (MELLO, 2016).

O ambiente virtual passa a ser um novo local para trocas simbólicas, um espaço de encontro que se constitui útil para exposição de tradicionais práticas humanas, como a comunicação e, dentro desta, a narração (MELLO, 2016). Nestes espaços virtuais, os perfis em que se retratam a dor das mães de anjo e o luto invisibilizado, por muitas, permitem o compartilhamento de sentimentos.

Conforme Pavanello, Machado e Silva (2021), para as mães que perdem seus filhos, o luto não é uma escolha, mas sim um caminho natural que precisa ser enfrentado. Diante da perda do filho, as mães precisam encontrar um novo sentido perante a ausência do outro e da nova configuração de vida. Nesse sentido, dizem que o corpo também é utilizado para falar sobre o vínculo entre mãe e filho(a) que morreu como forma de dar continuidade a sua própria materialidade. Desde a concepção, o foco da vida da mulher até os pós morte ressoa nas memórias faladas e escrita *on* e *offline*.

Na sociedade contemporânea ocidental, o sofrimento vem sendo cada vez mais exposto no espaço público e observa-se a emergência das mães de anjo em especial. As redes sociais virtuais ampliaram as suas possibilidades de fala, o que certamente corresponderia a uma estratégia para a obtenção de visibilidade do luto. Há espaço para mostrarem a legitimidade daquela dor, sendo assim, nos termos usados por Faria e Lerner (2018), a vítima contemporânea é a vítima do próprio sofrimento que, por sua vez, é cada vez mais gerido no espaço público. Um dos aspectos mais característicos deste novo contexto é a convivência entre vítimas que possuem uma identidade em comum, conferida pelo tipo de sofrimento.

Entretanto, ao mostrar-se nas redes, ao público, o amor materno apresenta-se, em alguns momentos, como um empecilho ao projeto de felicidade e de progresso econômico. Segundo Pavanello, Machado e Silva (2021), para uma parte da população parece que o sentimento de luto tem prazo de validade. Em geral, as mães relatam que recebem muito carinho e solidariedade dos seguidores. Nas críticas feitas às mães das vítimas da boate Kiss, em Santa Maria⁹, em 2013, muitas pessoas entendiam que elas deveriam deixar as redes sociais livres de seus lamentos, porque lá seria um espaço com finalidade de entretenimento (PAVANELLO; MACHADO; SILVA, 2021).

Com os filhos que morrem nas condições deste estudo, os laços já estão formados desde a concepção ou desde a idealização de ser mãe. “A experiência da maternidade é parte de uma importante fase do desenvolvimento psicoafetivo da mulher” (TINOCO, 2015, p. 30). Além disso, as expectativas são geradas em relação ao bebê e a si mesma “[...] povoando o imaginário daquelas que geram um filho” (TINOCO, 2015, p. 31). Para autora, a perda do filho gera muitas consequências emocionais, como culpa, ansiedade e as angústias do luto. Nesse processo, é preciso buscar recursos para enfrentar a situação que se apresenta.

9 O incêndio na boate Kiss foi uma tragédia que matou 242 pessoas e feriu 680 outras em uma boate na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. A tragédia foi provocada pela imprudência e pelas más condições de segurança no local. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/6355>. Acesso em: 28 jul. 2021.

O luto pela perda perinatal ainda ocorre com frequência. Além disso, dados do Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) dão conta que mulheres e recém-nascidos são mais vulneráveis durante e imediatamente após o parto. Calcula-se que, a cada 11 segundos, 2,8 milhões de mulheres grávidas e recém-nascidos morram de causas evitáveis. Para o UNICEF, as crianças prematuras ou bem pequenas correm o risco de morrer no primeiro mês, e esse risco aumenta se houver complicações durante o nascimento, ou a criança tiver defeitos congênitos ou infecções adquiridas (NAÇÕES UNIDAS, 2020).

Esta perda ainda é classificada dentro da categoria de luto não franqueado/reconhecido, sendo um grande tabu expressar os sentimentos inerentes a essa vivência. No caso da perda gestacional, a dor do enlutado pode não ser dividida entre a família ou casal, fazendo com que a rede familiar não perceba que ela toda está enlutada. Conforme Franqueira e Magalhães (2018), muitos pais disseram ter se sentido julgados no processo de luto.

A maioria dos entrevistados relatou terem sido julgados em dias e meses seguidos à perda de seus filhos, na medida em que seu processo de luto não correspondia às expectativas das pessoas ao redor, em termos de forma, intensidade e duração. Em nossa cultura, o domínio da normatividade sobre o modo adequado de se vivenciar uma perda é uma realidade constrangedora (FRANQUEIRA; MAGALHÃES, 2018, p. 387).

Para Salgado (2018), é delicado abordar a possibilidade da morte do bebê numa gestação saudável, mas acontece. Nesse caso, o importante é que haja respeito com o luto e essas mães tenham validação da dor delas, reforçando que a comunicação com a enlutada deve ser empática, observando as necessidades e sentimentos, sendo aí ponto chave para uma morte que nem de longe a família presume.

Nessa linha, Casellato (2020, p. 35) diz que “o problema social não é a questão da morte e o luto, mas o desafio social é a crise empática que nos aprisiona [...]”. Para ela, o fato do não reconhecimento ao luto por grande parte da sociedade inibe determinado tipo de manifestação social de luto.

O direito de uma pessoa enlutar-se quando e da forma que precisar ou escolher, sem a interferência, de outros, é por vezes, violada claramente pelo estabelecimento de uma convenção do governo e de outras instituições sociais, e destaca a questão do luto não reconhecido como um problema relacionado à dignidade humana (CASELLATO, 2015, p. 16).

A vulnerabilidade a que somos submetidos quando uma perda nos ocorre está ligada a diferentes aspectos da subjetividade, bem como da nossa identidade, mas além disso, também está relacionada ao fato de que somos, sobretudo, seres socialmente construídos e apegados uns

aos outros. Nesse contexto, é que quando a dor pela perda do ser amado não recebe a validação necessária, mas, pelo contrário, é inibida e não dispõe de acolhimento, essa vulnerabilidade fica manifesta e a dignidade da pessoa desrespeitada.

Por fim, é importante ressaltar que, muitas mães de anjo têm seu direito ao luto violado, negado. Na perda perinatal muitas mães ouvem como argumento de consolo que não houve tempo para amar, ou outras frases que, segundo elas, invalidam ou diminuem o pesar que sentem. Corroborando com esse pensamento, Casellato (2015) afirma que ao morrer um filho, toda a família é afetada. Além disso, o fato do bebê ter estado pouco tempo no ventre materno ou ter vivido pouco não diminui o impacto da perda.

4 O INSTAGRAM

O *Instagram* foi uma das primeiras redes sociais criadas para acesso exclusivo por meio de aparelhos celulares. Embora atualmente seja possível visualizar publicações no desktop, seu formato continua sendo direcionado para dispositivos móveis. De acordo com Kemp (2022), o *Instagram* é a 2ª rede social mais usada no Brasil, com 119,5 milhões de usuários.

O *Instagram* é focado em fotos e vídeos nos quais o usuário pode aplicar efeitos. O próprio símbolo da rede social é uma câmera e possui uma conexão com outras redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, no qual o usuário pode compartilhar as publicações com seus seguidores. Além disso, é comum o uso das *hashtags*, que tem como objetivo facilitar a busca por um determinado conteúdo (COUTINHO, 2020).

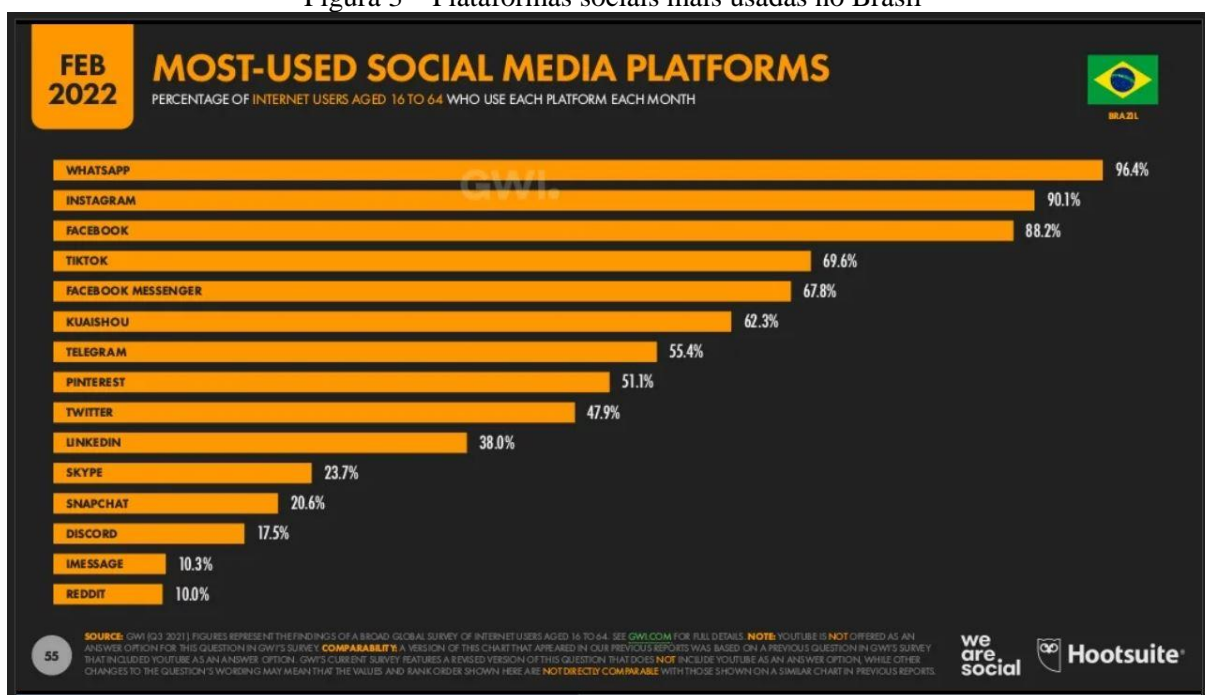
A história do *Instagram* é interessante, sobretudo porque foi criado em apenas um mês e meio. Para Coutinho (2020), tudo começou quando Kevin Systrom, engenheiro de software, de 27 anos, formado na Universidade de *Stanford*, que aprendeu a programar à noite, criou um protótipo HTML5 (linguagem de programação usada para a navegação na web) chamado *Burbn* e pediu para seus amigos testarem.

Conforme Coutinho (2020), nesse período, Kevin conheceu o cofundador do *Instagram*, Mike Krieger, nascido em São Paulo, também engenheiro de software, formado pela Universidade de *Stanford*. Eles criaram o *Burbn* em um aplicativo para *iPhone* e renomearam como *Instagram*, que tinha como significado uma mistura das palavras instantâneo + telegrama, e lançaram na loja de aplicativos da *Apple*.

Assim, em dezembro de 2010, nasce o *Instagram*. Cerca de dois meses depois, o aplicativo já contava com mais de 1 milhão de usuários. Foi lançado com versão apenas para o *IOS* e, somente em 2012, surgiu a versão para *Android*. Com toda a visibilidade adquirida, o *app* recebeu várias propostas de compra, sendo adquirido pelo *Facebook*, mas houve um acordo em que o aplicativo continuaria sendo gerido de forma independente.

Segundo Volpato (2021), as dez redes sociais mais usadas no Brasil, em 2021, são: *Youtube* (96.4%), *WhatsApp* (91.7%), *Facebook* (89.8%), *Instagram* (86.3%), *Facebook Messenger* (68.5%), *Twitter* (51.6%), *TikTok* (47.9%), *Pinterest* (47.1%), *Linkedin* (42.6%) e *Telegram* (29.4%). Assim, o *Instagram* estava posicionado em 4º lugar, atrás apenas do *Youtube*, *Whatsapp* e *Facebook*. As plataformas de redes sociais mais utilizadas no Brasil, conforme dados do relatório de fevereiro de 2022, estão demonstradas na figura 3 e mostra que o *Instagram* passou a ocupar o 2º lugar.

Figura 3 – Plataformas sociais mais usadas no Brasil

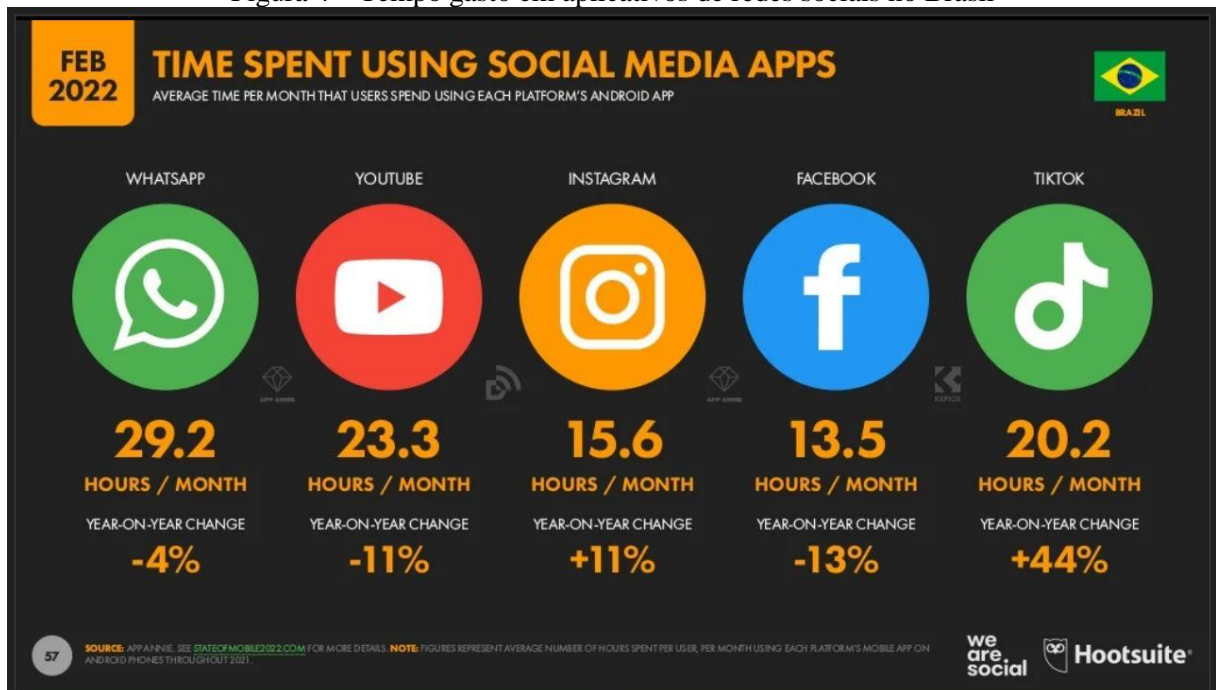


Fonte: Kemp (2022)

Quando surgiu em outubro de 2010, a rede social *Instagram* tinha como principal função (praticamente a única) compartilhar fotos entre amigos. A ferramenta tem a estrutura fundamentada em um sistema de seguidores, no qual não é preciso que os usuários se sigam mutuamente e, a priori, nem mesmo que autorizem o compartilhamento das imagens com perfis específicos. No dia do seu lançamento, o *Instagram* foi a aplicação mais baixada da Apple. Em 2012, o aplicativo alcançou 10 milhões de usuários. No mesmo ano a empresa lançou a versão para Android e foi vendida para o *Facebook* por 1 bilhão de dólares (AGUIAR, 2018, *online*).

Por meio dele é possível postar fotos com proporções bem diversas, além de outros formatos, como vídeos, *stories* e mais. Os *stories* são os principais pontos de mudança do aplicativo e, por meio deles, há diversas formas de postagens, como perguntas, enquetes, vídeos em sequência e o uso de *GIFs*. No que tange ao tempo gasto nas redes, conforme Kemp (2022), o *Instagram* está em terceiro lugar, atrás somente do *Whatsapp* e *Youtube* (figura 4).

Figura 4 – Tempo gasto em aplicativos de redes sociais no Brasil



Nas redes sociais virtuais e, em especial, no *Instagram*, empresas e instituições públicas mantêm perfis conectando-se e fomentando a comunicação interpessoal, oficial e comercial. O *Instagram* caracteriza-se pelo seu sistema de interação baseado nas funções de seguir, compartilhar e comentar no *feed*; nos *stories*, curtir. O layout do *Instagram* destacava, inicialmente, as imagens em detrimento do texto e de outros elementos que compõem as postagens, entretanto tem passado por alterações constantes e permite os textões. Também não há limite para número de seguidores.

Importante esclarecer que *post* é o conteúdo criado e publicado em alguma plataforma da internet. Essa publicação pode ter o formato de imagem, vídeo, texto, áudio ou todos eles juntos. Sendo assim, *post* é o conteúdo padrão que é postado nas redes sociais. Normalmente você o encontra no seu *feed* e pode ter temas variados, entre os quais entretenimento, notícias, dicas e motivacionais.

O aplicativo está sendo sempre atualizado. Atualmente conta com ferramentas de interação como *stories* e *reels*. Nos *stories*, o usuário pode compartilhar momentos, por meio de fotos e pequenos vídeos, que ficam visíveis durante 24 horas. Nos vídeos ou fotos, podem ser adicionados *emojis*, escrever legenda e marcar pessoas. Se alguém te marcar em uma história, você tem a opção de repostá-la. Outro ponto de destaque é que você pode ver quem visualizou seus *stories*.

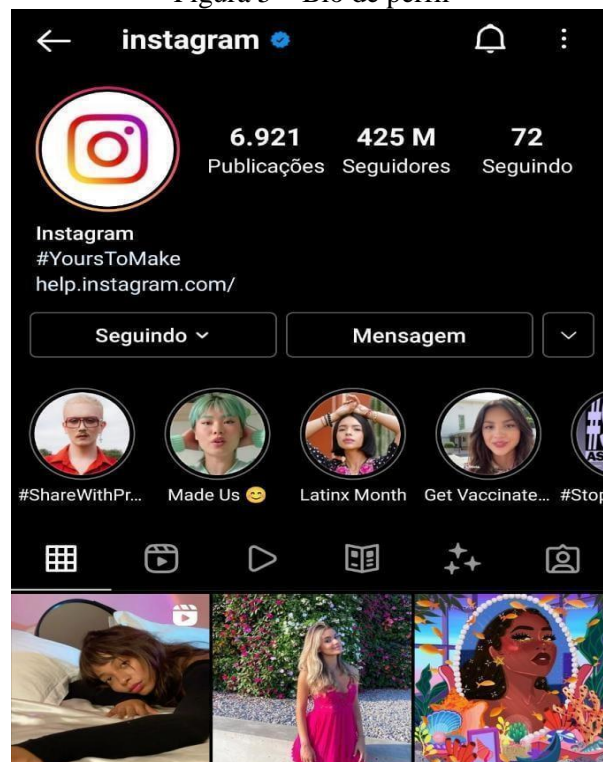
Um recurso bastante utilizado são os emojis (e+moji ou imagem+letra), pictogramas que constituem uma linguagem usual nas redes sociais virtuais na atualidade, substituem mensagens de texto. As figuras exprimem de forma afetuosa amor, saudade, carinho, oração, entre outros, gerando simpatia e aproximação (CUNHA, 2022).

A ação de uma curtida interconecta os usuários que podem enviar mensagens diretamente à pessoa, um *direct*, para agradecer uma repostagem ou aprofundar uma conversa. Essas mensagens funcionam com um tipo de *chat*, no qual os usuários conversam independentemente de seguirem-se mutuamente (AGUIAR, 2018).

O *Instagram* sugere várias *hashtags* por associação. No ícone explorar, identificado pela lupa, apresenta fotos e mensagens com as quais a pessoa poderia identificar-se, partindo das suas pesquisas e visualizações capitaneadas pelo algoritmo. Entre as principais características e funcionalidades existentes atualmente na plataforma podemos citar:

Bio: é o termo usado para a biografia do perfil na rede social (figura 5). Possibilita também a inserção de links específicos para direcionar os seguidores para atividades específicas. Está posicionada logo abaixo do nome, com breves informações de contato e com espaço para uma URL – o famoso link na bio (DANTAS, 2021).

Figura 5 – Bio de perfil



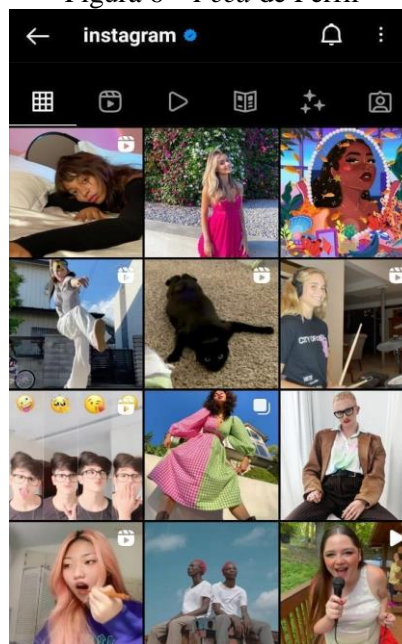
Fonte: Captura de tela (2021)

Post: é o conteúdo criado e publicado em alguma plataforma da internet, podendo ter o formato de imagem, vídeo, texto, áudio ou todos eles juntos. O *post* tipo estático é uma publicação de uma imagem só na qual todas as informações estão naquela única imagem; ou *post* tipo carrossel, quando é composto por diversas imagens, que formam um álbum. Essas imagens têm relação entre si, ou seja, há um tema em comum em todas elas. Por exemplo, oferecendo dicas de livros, sendo um por imagem (DIAS, 2021).

Publicações no feed: as publicações constituem o álbum de imagens postado no perfil do usuário e são repassadas e visualizadas pelos seus seguidores. É através dele que você comunicará informações relevantes e apresentará a sua marca ou a sua história pessoal (SOUZA, 2020). O *feed* é o espaço virtual onde os usuários possuem acesso às atualizações e postagens dos perfis seguidos. *Feed* é o nome dado a tela de perfil da sua conta no *Instagram*. Os *posts* que são publicados, com texto e fotos ou apenas fotos, e ficam registrados, podendo ser vistos no *feed* dos respectivos seguidores de um perfil, bem como comentados, compartilhados, repostados (MOSSERI, 2021).

Feed significa em português alimentar. A ideia é que o internauta ou seguidor que não dispõe de muito tempo para navegar por vários sites à procura de conteúdo seria “alimentado” com todas as atualizações que ele normalmente buscaria (figura 5).

Figura 6 – *Feed* de Perfil

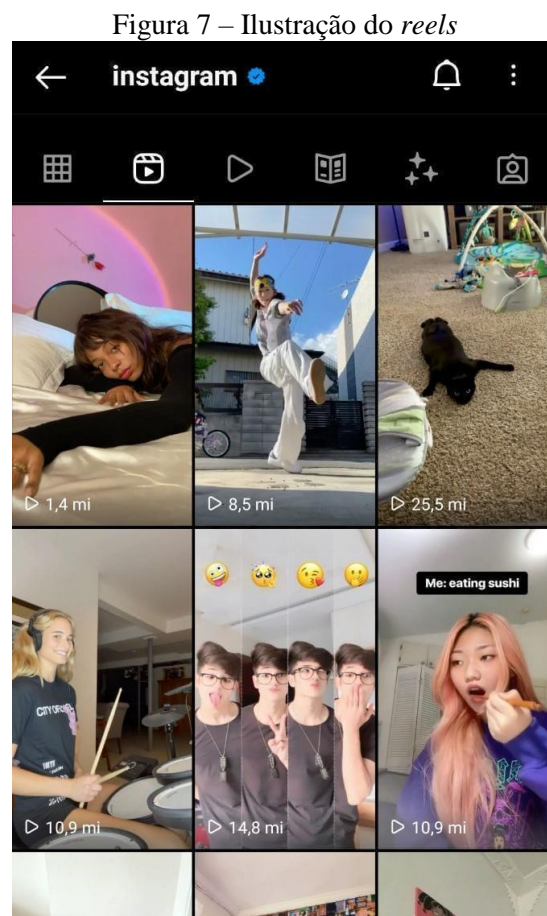


Fonte: Captura de tela (2021)

O Instagram retirou a visualização de curtidas em junho de 2019, mas, há alguns meses, retornou com a possibilidade de vê-las. No experimento atual, também é possível ocultar os

likes de *posts* específicos já publicados no perfil, ou ainda de uma nova foto, no momento da publicação (FERNANDES, 2021).

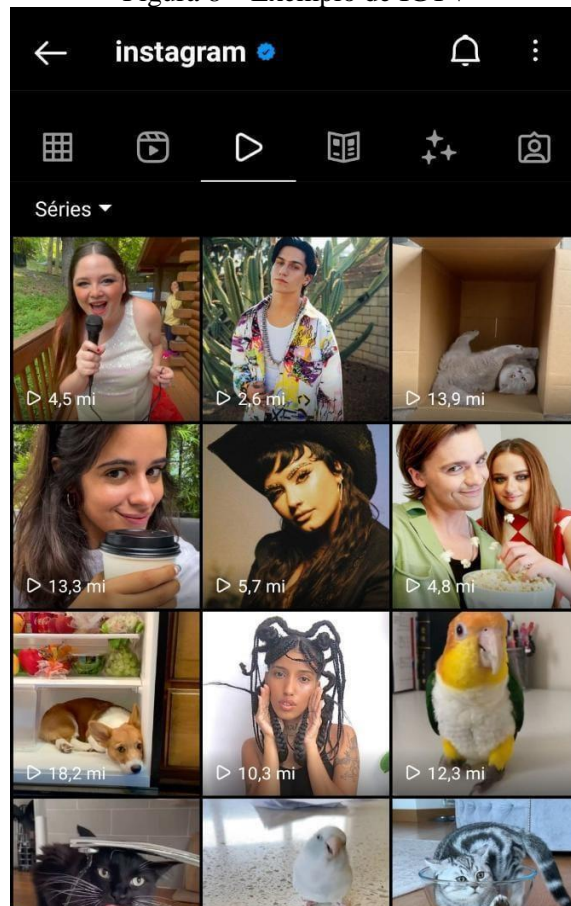
Reels: significa “bobinas” ou “carretéis” e é uma função que permite criação e compartilhamento de pequenos vídeos, com o tempo máximo de 60 segundos. Os *reels* do *Instagram* dão agilidade às informações repassadas na rede (LOUBAK, 2020). Criado no final de 2019, o *reels* (figura 7) conquistou o público no ano de 2020 diante da pandemia do Covid-19.



Fonte: Captura de tela (2021)

IGTV: é um aplicativo pertencente ao *Instagram* que permite a criação de vídeos longos. Focado em celulares, no IGTV do *Instagram* o vídeo ocupa a tela inteira (figura 8). Os usuários podem curtir, comentar e compartilhar os conteúdos com os amigos. Foi reformulado em 2021, quando substituiu-se o botão anterior por um botão de play (KNOTH, 2021).

Figura 8 – Exemplo de IGTV



Fonte: Captura de tela (2021)

Edição de imagem: uma das funções que marcaram o início do *Instagram* foram os filtros disponibilizados para o tratamento das imagens postadas. Com o tempo foram introduzidas novas opções de filtros, assim como opções para edição manual das imagens, que incluem, entre outros, controle de contraste, brilho, vinheta, nitidez, saturação, além de opções de corte e ajuste da imagem (BEGGIORA, 2018).

Curtidas: curtir uma postagem é uma forma de dizer que determinado conteúdo é interesse do usuário. De 2010 a pouco mais da metade de 2019, as curtidas no *Instagram* também eram uma forma de mensurar a popularidade de uma publicação. Contudo, no dia 17 de julho de 2019, a contagem de curtidas foi ocultada para o público, deixando esta informação apenas para o dono da publicação. Em 2021, este recurso voltou a ser disponibilizado para o público (KOLOWICH, 2019).

Comentários: são um espaço digital de diálogo, de conversa em que outras pessoas se expressam sobre o conteúdo postado e podem marcar amigos para que também vejam a publicação em questão. Além disso, o perfil dono da publicação também pode participar da discussão e tirar dúvidas ou contra-argumentar alguma colocação.

Seguir: ao seguir um perfil no *Instagram*, o usuário passa a receber o conteúdo publicado no *feed*, além de tornar-se disponível o *Instagram Stories* do perfil. Seguidores estabelecem uma conexão unidirecional com os perfis que seguem. Contudo, no caso de seguidores mútuos, a conexão é bidirecional, pois ambos recebem em seu *feed* publicações um do outro.

Explorar: o aplicativo traz sugestões de perfis e publicações tendo como base o conteúdo que os usuários costumam acessar, curtir e interagir de alguma forma. Também são levados em consideração os conteúdos mais populares no site de uma forma geral e as palavras-chave mais utilizadas. Possibilita descoberta de novos perfis que despertam o interesse de quem usa o aplicativo. Disponibiliza uma galeria de fotos, inspiradas naquelas curtidas e compartilhadas (AGUIAR, 2018).

Vídeo ao Vivo: a transmissão ao vivo no *Instagram* é realizada através da ferramenta *storie*. O usuário pode, ao final da transmissão, deixar o registro da transmissão por 24 horas disponível ou de encerrar sem o registro.

Direct: é uma espécie de *chat*, no qual você pode trocar mensagens com as pessoas de forma particular. Para acessar o *direct*, basta clicar na setinha na tela inicial do aplicativo (PINOTTI, 2021).

Stories: recurso que permite ao usuário compartilhar fotos ou vídeos, que ficam visíveis durante 24 horas. Há espaço para criação de textos e marcação pessoas. Se alguém te marcar em uma história, você tem a opção de repostá-la. O usuário pode verificar quem visualizou seus *stories*. Além disso, outro recurso acessado por meio dos *stories* é o *boomerang*, que possibilita vídeo curto que se repete infinitamente (PINOTTI, 2021).

Mãos livres: com este recurso você filma pelo tempo que quiser.

Transmissão ao vivo: você pode transmitir em tempo real para seus seguidores, onde você está, o que você está fazendo, uma palestra ou o que mais você quiser.

Tipos de conta/perfil: o *Instagram* possibilita que as contas sejam privadas ou públicas. As contas públicas qualquer usuário pode visualizar o conteúdo publicado e seguir o perfil em questão. Nas contas privadas somente seguidores podem visualizar o conteúdo publicado e para seguir esse tipo de perfil, é preciso solicitar ao usuário dono da conta para que este autorize (CROSSETI, 2020).

Perfil Comercial: em 2016, o *Instagram* implementou a opção que pode ser utilizada por qualquer usuário, tendo, contudo, que se ter uma conta pública. Os perfis comerciais, destinados a instituições diversas, trazem a opção contato, no perfil da conta, que informa o número de telefone, e-mail e o endereço. Além disso, usuários de perfis comerciais têm acesso

a métricas sobre o desempenho da conta em relação à audiência e ao engajamento (COSTA, 2021).

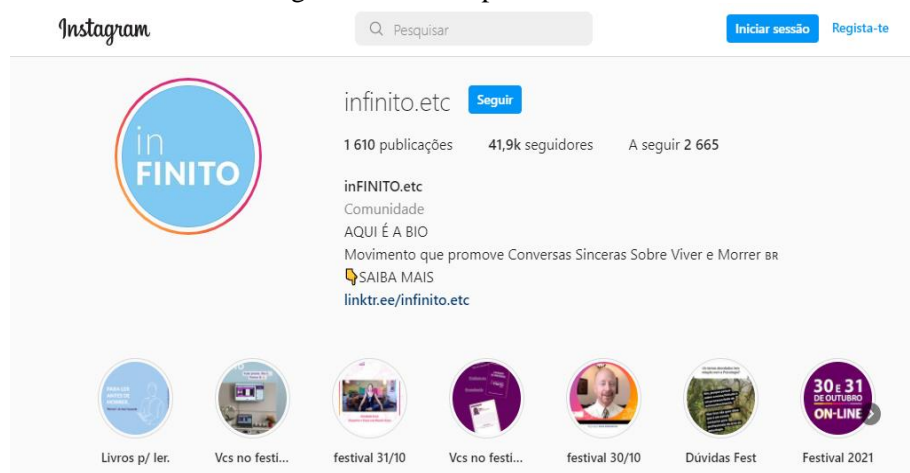
Além destas, há várias outras funcionalidades no aplicativo. O Instagram vai inovando com funções diferentes para todos os usuários e para quem cria e posta conteúdo a fim de facilitar cada vez mais a forma de utilização e atingir mais usuários.

4.1 O luto no *Instagram*

Por meio do uso constante do aplicativo e das pesquisas realizadas, observou-se que são muitos os perfis que tratam dos temas luto e finitude. Desde perfis profissionais de psicólogos, terapeutas a pessoas enlutadas, sejam mães de anjo, filhos, viúvos, enfim, pessoas que sofreram perdas pessoais profundas com a morte de um ente querido e expõe suas emoções neste espaço de fala.

Alguns destes perfis arrastam uma grande quantidade de seguidores e apresentam como conteúdo resultados de pesquisas, conversas e informações referenciadas. Entre eles, o perfil no *Instagram* denominado @infinito.etc¹⁰, com 46,2 mil seguidores, que consiste num movimento que promove conversas sobre viver e morrer, realizando eventos *online* e presenciais de discussão sobre o tema. A administração do perfil é feita pelo influenciador e, como ele se intitula, ativista da morte, Tom Almeida. Além do espaço no *Instagram*, há um site em que o movimento detalha o trabalho e o apoio que oferece aos enlutados. Na página/site de abertura está escrito: “A morte pede passagem”.

Figura 9 – Bio do perfil inFINITO



Fonte: Captura de tela (2021)

¹⁰Disponível em: <https://www.instagram.com/infinito.etc/>

Importante citar, também, o perfil @lucianadadalto¹¹, com mais de 27 mil seguidores, administrado pela pesquisadora e advogada Luciana Dadalto, que traz pesquisas e conteúdo atuais diariamente sobre a finitude, bioética e direito médico. A pesquisadora ministra e divulga cursos sobre Testamento Vital, que é o documento elaborado para definir e garantir que os desejos de última vontade sejam cumpridos quando não for possível expressar a vontade diretamente em razão de doença incapacitante ou ameaçadora da vida.

O perfil @reflexãonoluto¹², com mais de 37 mil seguidores, é um grupo de apoio ao luto com espaço para reflexões e de conteúdo autoral. O grupo disponibiliza inscrição para participar de reuniões *online* com datas e horários previamente definidos. Foi aberto pela usuária Sabrina, que passa pelo luto da mãe e ela diz: “escrever permite expressar meus sentimentos e acompanhar o relato dos meus seguidores me faz ver que não estamos sozinhos. É uma válvula de escape e tem me feito bem ajudar pessoas” (REFLEXÃO NO LUTO, 2021, *online*).

O perfil @laçoeslutos¹³ tem mais de 21 mil seguidores e é administrado pela escritora e psicóloga Teresa Gouveia, que trabalha o luto em forma de versos. Traz trechos do livro *Laços e Lutos*, escrito por ela, bem como outros trechos, dicas e comentários de filmes e livros com a temática. No último ano, ela tem se dedicado a muitas *lives* com pessoas que perderam filhos e publicado muitos *posts* com depoimentos de pessoas enlutadas.

Um perfil diferenciado nessa área é o @lutodohomem¹⁴, com pouco mais de 5 mil seguidores, que desenvolve um projeto social de acolhimento ao luto vivido pelo homem no Brasil. O administrador do perfil, Daniel Carvalho, é pai de anjo e perdeu a filha Joana, com seis dias de nascida. Ele conta que no luto dela houve muitas cobranças, como força, trabalho e silenciamento. “O luto do homem é, muitas vezes, invisibilizado por uma sociedade em que a masculinidade deve exercer um papel, uma performance muito específica” (CARVALHO, 2019, *online*).

A principal ação do projeto Luto do Homem é promover acolhimento a homens enlutados, através de encontros facilitados e conduzidos por Aconselhadores no Luto Voluntários. Estes encontros são exclusivos para todos aqueles que se identifiquem como homens e para todos os tipos e tempos de lutos. Em razão disso, desenvolve um curso regular, às terças-feiras, *online* e ao vivo intitulado: Lutos Invisibilizados. O público-alvo é composto por profissionais, pessoas enlutadas e interessados no tema.

¹¹Disponível em: <https://www.instagram.com/lucianadadalto/>

¹²Disponível em: <https://www.instagram.com/reflexaonoluto/>

¹³Disponível em: https://www.instagram.com/lacoselutos_/

¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/lutodohomem/>

Considerado um luto inibido socialmente, o luto masculino tem sua particularidade, uma vez que a cultura em que vivemos tende a repetir a máxima: “homem não chora”. Para Casellato (2020), o luto não autorizado não é aceito e nem reconhecido publicamente. A dor é silenciosa e silenciada. Essa dor a que se refere é dor emocional, definida por Biro (2011) como a dor psíquica, causada pela depressão profunda, e não fica devendo nada à dor física no que se refere a deixar marcas no conjunto corpo-mente.

Outros perfis de mães e pais de anjos surgem na *timeline* de quem se aventura a uma busca pela temática neste aplicativo. São pessoas enlutadas que jogam na tela toda a descrição das dores e amores pelos filhos que morreram, a exemplo do @devolvimeufilhopradeus¹⁵, que possui acima de 5 mil seguidores e tem na bio a descrição mãe do anjo Leonardo, que retrata as dores e saudade da perda daquela criança e muita postagem sobre a fé e religião. Essa mãe de anjo, em muitos *posts*, transcreve a tristeza e angústia vivida no dia a dia, como se fosse um diário da enlutada. Fala da experiência dela para adquirir o prontuário e saber exatamente o que aconteceu na hora que o filho morreu, entre outras formas de relato.

Figura 10 – Bio do perfil Devolvi meu filho pra Deus



¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/devolvimeufilhopradeus/>

O perfil @maesdeanjo_do_luto_a_luta¹⁶, com mais de 6 mil seguidores, é administrado pelos pais dos anjos Emanuelle e Gustavo Henrique e traz a história daquelas duas perdas específicas em muitos *posts*, relatando o fato e a dor da saudade. Estes últimos perfis, especialmente, são espaços de memória, lugares onde as pessoas amadas por eles são eternizadas, mesmo nos fluidos espaços digitais/virtuais, mas que possibilitam aos pais escrever mensagens como se os filhos pudessem ler, mantém uma conversa de mão única com os mortos.

É nesse contexto que cabe observar as redes e o luto sobre outra ótica, por meio dos perfis de gente morta, mais conhecidos no ambiente virtual como *Profile* (perfil) de Gente Morta (PGM). Além disso, a *hashtag* #RIP, *rest in peace*, que em português é traduzido como descansa em paz. Os grupos de PGM, maioria no *Facebook*, têm a regra de que só podem aderir ao grupo com autorização dos responsáveis. Nestes, as falas são dirigidas muitas vezes aos mortos, como homenagens diretas ou desabafo de amigos e ente queridos que não tiveram tempo ou oportunidade de ter uma despedida.

Conforme Arbulu (2021), o *Instagram* e o *Facebook*, por exemplo, constroem uma espécie de “memorial virtual”, no qual os perfis *online* daqueles que se foram são mantidos nas plataformas, mas as postagens são reduzidas em sua abrangência. No *Instagram*, existem duas finalidades para a conta do falecido: deletar ou transformar em memorial.

Segundo Coelho (2018), qualquer pessoa que se depare com o perfil de alguém que tenha morrido pode solicitar para que a rede social a transforme a conta em memorial. Somente são autorizados a pedir a exclusão da conta os parentes diretos. Vale destacar que bem diferente do *Facebook*, em que o perfil é transformado em uma espécie de homenagem póstuma, no *Instagram*, uma conta memorial não tem diferença das demais.

Por outro lado, o *Instagram*, como objeto deste estudo, apresenta além do lamento e dos elogios ao morto, em muitos casos, *emojis* para representar coração partido, o choro e “textões” de despedidas, como aqueles feitos pelos fãs ou amigos dos famosos que morrem. Surge, de certa forma, uma fiscalização do luto alheio (BARBERINO, 2019).

Foi o que aconteceu na ocasião da morte do cantor sertanejo Gabriel Diniz, em razão de uma queda de avião em 2019. Após a confirmação da morte, muitas homenagens e manifestações de apreço de fãs e seguidores foram feitas no *Instagram* e em outras redes. No meio dessa comunicação, críticas foram desfiadas a uma amiga do artista morto, dizendo que ela era falsa e nem foi ao velório, isso por não ser vista nas fotos ou nos “*stories*” publicados no *Instagram* (BARBERINO, 2019).

¹⁶Disponível em: https://www.instagram.com/maesdeanjo_do_luto_a_luta/

Conforme o autor, a humorista Gécica Kayane, conhecida como GKay, foi acusada de não ter realizado uma homenagem pública adequada. A hostilidade nas redes, contra a humorista, cresceu quando ela não transmitiu registros nos *stories* durante o sepultamento de Gabriel. Em resposta, conforme Barberino (2019), Gkay realizou uma série de *stories* sobre a situação. Segue transcrição de alguns trechos¹⁷:

Gente, recebi muitas mensagens de conforto. Mas também muitas mensagens perguntando ‘cadê você no velório?’. Eu cheguei em João Pessoa às 3 horas da manhã e fui direto para o velório, fiquei até o sepultamento, até o fim. E mesmo se não tivesse ido, isso não diminui a dor de ninguém.

Eu precisava ter filmado? Registrado? Deveria ter que provar que eu tava lá? Hoje, a gente só vale, só está presente em alguma coisa se a gente estiver registrando, filmando, fazendo stories. Aí sim a gente tá lá. Mas senão, é o mesmo que não está. É isso que tá acontecendo com a gente agora? E talvez a gente não tenha notado? A gente chegou a este ponto.

Luto não é like. O velório não é um evento, é uma das coisas mais terríveis que a gente pode passar na vida. A última coisa que passa na cabeça é registrar um momento desse para provar que tá lá (BARBERINO, 2019, online).

A usuária que foi criticada postou uma mensagem explicando que foi ao velório e não postou um *stories* porque considera que “luto não é like”, é uma dor muito profunda. Ela faz vários questionamentos instigando os usuários a refletirem que não é concebível associar e medir o gostar e o enlutar-se por uma publicação na internet para provar que estava presente no funeral e para “provar” sentimento. Ao final, diz que quando se sente uma dor profunda, filmar e fotografar o momento são coisas insignificantes e, muitas vezes, não vem à memória naquele momento difícil.

4.1.1 Linguagem do *Instagram*

Cada plataforma de rede social possui sua própria combinação de estilos, gramática e lógica, componentes que formam o que se chama de vernáculo da plataforma, isto é, convenções e gramáticas de comunicação compartilhadas que surgem das interações e uso dos usuários na plataforma. O vernáculo da plataforma chama atenção para como os gêneros particulares e as convenções estilísticas surgem dentro das redes sociais e como registros de significado e afeto são produzidos (GIBBS *et al.*, 2015).

Dessa forma, é possível verificar as especificidades da plataforma *Instagram*, bem como as formas de expressão e memorialização que ali ocorre nos textos. Para Gibbs *et al.* (2015), o

¹⁷Disponível em: <http://gitsufba.net/luto-nao-e-like-morte-e-dor-em-tempos-de-instagram/>. Acesso em: 10 out. 2021.

tema luto no *Instagram* é encontrado em conversas definidas por consenso em torno de *hashtags*, como #maesdeanjo, e surge mais descentrado e rizomático do que o luto em outras mídias sociais (GIBBS *et al.*, 2015).

O *Instagram* funciona baseado no algoritmo, rege-se por ele, que é responsável por interpretar o comportamento dos usuários e sugerir postagens do interesse de quem usa a rede, tanto no *feed*, quanto na aba explorar. De forma que o algoritmo do *Instagram* tem o objetivo claro de oferecer ao usuário o conteúdo que ele mais deseja fundamentado em três princípios básicos: temporalidade, engajamento e relacionamento. Nesse sentido, com a preocupação de atender às exigências tecnológicas do algoritmo, o perfil cresce (COSTA, 2019).

No que tange à temporalidade, a rede leva em consideração que os usuários querem ver conteúdo novo e recente. O engajamento diz respeito ao potencial da postagem para engajar mais pessoas na rede. Por isso, a chance de *posts* com muitas curtidas e, principalmente, comentários, serem exibidos para mais usuários é maior, principalmente *posts* que recebem muito engajamento nos primeiros instantes de sua postagem. Quanto ao relacionamento, o *Instagram* analisa os perfis com os quais você se relaciona mais para entender a relevância das postagens feitas para a sua experiência (COSTA, 2019).

O *Instagram*, no que se refere ao modo e forma de interação, conta com uma linguagem que vai muito além da linguística. São muitos recursos que promovem e provocam os usuários a manterem uma comunicação, que ocorre por meio das possibilidades básicas do aplicativo, como curtir um *post*, comentar algo, enviar um *emoji* demonstrando o sentimento por uma imagem ou desenho; reportagens de um conteúdo interessante, e ainda uso do *stories*, no qual o conteúdo tem tempo determinado para passar a mensagem. Além disso, o aplicativo usa muito *trends* nas publicações e *repost* de algum fato que alcança muita visibilidade e comentários nas redes sociais virtuais.

Nesse contexto, é importante ressaltar que o *stories* do *Instagram* tem uma gama de ferramentas para contar uma história de forma criativa e atraente sobre pessoas ou empresas. Por meio dele, pode-se postar vídeos curtos e rápidos, como os bastidores do trabalho ou da vida pessoal, criando conexão e engajamento com os seguidores. Nesse sentido, outro recurso é uso de caixas de perguntas relacionadas ao tema e ao conteúdo trabalhado naquele perfil. As respostas obtidas nas caixinhas servem também para colaborar na produção de conteúdo direcionado, bem como estimular a conversação com o público (SOARES, 2020).

Ainda nos *stories*, o usuário pode compartilhar músicas em suas postagens, deixando aquele espaço mais animado. Para além destes, o aplicativo passou a investir em vídeos curtos, e o *reels* tornou-se o grande destaque para atrair seguidores e interagir com eles, bem como

incentiva o uso das *trends*¹⁸ no *feed*, *reels* e *stories*. Para Fantoni (2022), nas redes sociais, as *trends* estão relacionadas às “modinhas”, como danças, desafios, coreografias, dublagens de vídeos, efeitos, músicas e tudo que estiver com bastante visibilidade e muito comentado nos aplicativos de sociabilização.

¹⁸ *Trends* - palavra de origem inglesa que significa tendência, mas, também, pode ser compreendida como direção, modo ou hábito coletivo que viraliza.

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo de estudo

Tratou-se de uma pesquisa do tipo descritiva, qualitativa, de natureza básica e método indutivo. As pesquisas descritivas têm como objetivo a descrição de características de determinado grupo ou população. Nesse caso, a descrição dos comentários e dos perfis administrados pelas mães enlutadas. Para Marconi; Lakatos, (2005), a pesquisa descritiva aborda quatro aspectos: descrição, registro, análise e interpretação de fenômenos atuais, objetivando o funcionamento no presente. Estes autores também definem a pesquisa qualitativa como aquela que pressupõe uma análise e interpretação de aspectos mais detalhados de hábitos e atitudes do comportamento humano.

Já a pesquisa básica, Gil (2017) define como estudos que têm como propósito preencher uma lacuna no conhecimento, avançar. Não há preocupação com aplicação prática. E no que tange ao método indutivo, o referido autor diz que, nesse método, parte-se da observação geral de fatos ou fenômenos, cujas causas se deseja conhecer. Enquanto que Marconi; Lakatos (2008) diz afirma que o método indutivo como um processo que a partir de dados particulares, infere-se uma verdade geral.

5.2 Objeto de pesquisa e cenário de estudo

O objeto de pesquisa é o uso da rede social *Instagram* como espaço de interação e socialização do luto gestacional e neonatal pelas mães de anjo. O estudo envolve os comentários e *posts* das mães que vivenciaram perdas gestacionais ou neonatais e partilham suas dores emocionais nos perfis no *Instagram*. O trabalho não tem pretensão de amostragem. Possui abordagem interpretativa e trabalha a ideia de que as interações das mães de anjo nesta rede social ajudam essas mulheres a elaborarem o luto.

Para atender ao objetivo geral da pesquisa, que é compreender o uso da rede social *Instagram* como espaço de interação e compartilhamento do luto perinatal pelas mães de anjo, bem como verificar se há reconhecimento desse luto por parte da sociedade, estudou-se três perfis do *Instagram* administrados por mães enlutadas. Foi realizada uma prospecção inicial, que se fundamentou em uma pesquisa prévia, com a *#maesdeanjo*, na qual obteve-se um total de 20,1k de publicações.

Por meio de um estudo mais detalhado, pesquisando com as *hashtags* #maesdeanjo, #maedeanjo e #maesdeanjos, listou-se 100 perfis em uma tabela de Excel (Apêndice A), que foram classificados por número de seguidores e identificação do perfil, se pessoal ou criador de conteúdo digital. Dentre eles, muitos com características pessoais, desde o diário daquela mãe que sofre a dor no dia a dia e relata as agruras e sentimentos do luto, e outras que já se intitulam criadoras de conteúdo digital, com fotos mais produzidas e várias postagens por dia sobre perda de bebês, sobre ser mãe de anjo e sobre ter bebê arco-íris.

Após uma breve análise no quadro dos perfis listados, escolheu-se aqueles que se enquadravam nos critérios de inclusão. Estes foram convidados a participar da coleta de dados, na qual receberam, previamente, uma orientação realizada pela pesquisadora responsável, abrangendo os objetivos, procedimentos realizados no estudo e quais os riscos e os benefícios da pesquisa. Aquelas que aceitaram participar do estudo assinaram o do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi enviado antes da entrevista (Apêndice B).

É de inteira responsabilidade da pesquisadora envolvida no estudo garantir aos sujeitos pesquisados a resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento de qualquer dúvida relativa aos procedimentos, riscos, benefícios e de outras situações relacionadas com a pesquisa. Também é de responsabilidade da pesquisadora a manutenção de sigilo sobre a identificação dos voluntários(as) que decidiram colaborar com o trabalho. Ressalta-se que a pesquisa foi realizada após o consentimento e a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Tocantins (CEP/UFT), sendo submetido ao CEP no mês de julho de 2021, recebeu sugestões e, dia 27 de setembro de 2021, foi aprovado por meio do Parecer nº 4.999.568 (Anexo A).

As entrevistas foram feitas com duas administradoras dos perfis escolhidos. O contato inicial com elas foi feito via mensagem direta, pelo aplicativo *Instagram*, para abordar sobre o interesse em aceitar participar do estudo. Caso elas não aceitassem, seriam enviadas mensagens para outras mães enlutadas que atendessem aos critérios previamente definidos. Após a aceitação, foi solicitado endereço de e-mail e número de *WhatsApp* para envio do TCLE, que foi lido, assinado e devolvido à pesquisadora. Após o retorno dos TCLE, combinou-se o dia e hora para a abordagem, por chamada de áudio e vídeo, a fim de realizar a entrevista. No dia e hora marcados, foi feita apresentação da pesquisadora e reforçado o objetivo da pesquisa.

Foram usados nomes de anjos, escolhidos numa pesquisa informal no Google para não identificar e expor as mães responsáveis pelos perfis analisados. O estudo é composto por duas mulheres, mães de anjo, enlutadas e por três perfis de mães de anjo do *Instagram*. As mulheres são jovens de 24 e 35 anos, sendo uma auxiliar administrativo e a outra trabalha como

influenciadora digital¹⁹. São brancas, moradoras do sudeste de Brasil e cada uma delas, no momento da entrevista, tinha tido outro filho após a perda. O contato com essas mães, tendo em vista a necessidade de aguardar aprovação do CEP, só ocorreu no final de setembro de 2021.

5.3 Procedimentos para entrevistas e coleta de dados

As participantes foram escolhidas dentro dos perfis listados em tabela obtida após a prospecção inicial. Foram convidadas as administradoras de perfis que se enquadraram nos critérios de inclusão e exclusão. O recrutamento das participantes foi realizado por meio do contato inicial, via mensagem direta (*direct*), no próprio aplicativo *Instagram*. A participante recebeu a TCLE por e-mail.

A coleta de dados foi realizada com as pessoas responsáveis por três perfis-base totalizando duas entrevistadas e três perfis analisados. As entrevistas foram aplicadas de forma virtual, uma por meio da ferramenta *Google Meet*, com gravação de áudio, em língua portuguesa. Em respeito à privacidade, a opção de vídeo foi relativizada, uma vez que a outra entrevistada não aceitou vídeo, sendo realizado o trabalho por chamada telefônica normal, com gravação de voz autorizada.

A pesquisa seria suspensa caso as entrevistadas informassem que queriam desistir de participar do estudo. A suspensão permaneceria até que outras mães de anjos com perfis no *Instagram* atendessem aos requisitos fossem contactadas para substituição. Uma delas, intitulada Ariel, deixou de responder as mensagens quando chegou a época de agendar a entrevista.

A pesquisadora garantiu que as entrevistadas teriam acesso exclusivo, via *e-mail*, aos resultados do estudo em questão. Os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de publicações em periódicos científicos e/ou em encontros científicos, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa.

Dessa forma, as entrevistas foram aplicadas, em língua portuguesa, e sem um tempo médio designado. Em respeito à privacidade, avisou-se que a opção de vídeo poderia ser relativizada, de forma que a câmera ficaria desligada, caso fosse um desejo da entrevistada.

¹⁹Digital Influencer ou Influenciadora digital: a pessoa que detém o poder de influência em um determinado grupo de pessoas. Esses profissionais das redes sociais impactam centenas e até milhares de seguidores, todos os dias, com o seu estilo de vida, opiniões e hábitos (VIEIRA, 2020). Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/digital-influencers-afinal-o-que-e-ser-um-influenciador-nas-redes-162554/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

5.4 Variáveis aplicadas

O roteiro de entrevista (Apêndice C) contém 28 questões, sendo 23 referentes aos objetivos da pesquisa e cinco questões pessoais, com o propósito de coletar informações sobre o motivo pelo qual as “mães de anjo” escolhem o *Instagram* para relatar suas dores. As perguntas foram elaboradas pela pesquisadora de modo a melhor atender aos objetivos específicos e buscar informações consideradas importantes dentro do objetivo geral da pesquisa, que é de compreender o uso da rede social *Instagram* como espaço de interação e socialização do luto perinatal, bem como verificar, por meio das narrativas nos *posts*, comentários do *Instagram* e nas entrevistas se havia ou não um reconhecimento desse luto por parte da sociedade. Considerando a distância física das pessoas entrevistadas e a pandemia, as entrevistas foram feitas por meio virtual. A pesquisadora e as entrevistadas moram em Estados e cidades diferentes.

5.5 Critérios de inclusão e exclusão

Para a delimitação do objeto de estudo nesta pesquisa, foi necessário adotar critérios de inclusão e conseqüentemente de exclusão para chegar até ele. Os referidos critérios, de inclusão e exclusão, estão interligados, sendo possível dizer que aqueles de inclusão são os requisitos utilizados pelos pesquisadores para selecionar o que será analisado na pesquisa, justamente pelas suas características subjetivas e peculiares. Enquanto aqueles de “exclusão” são os que impossibilitam a pesquisa, por não atenderem aos propósitos da pesquisa ou por possuírem alguma característica que dificulte a realização do estudo.

Para determinar o início deste trabalho, adotou-se que seriam escolhidos os perfis no *Instagram* que tratassem de perdas gestacionais e neonatais; perfis que tivessem o nome “anjos” ou “maesdeanjos” no título; perfis que fossem atuantes com postagens até dezembro de 2020; perfis abertos; perfis criados há um ano ou mais da data de início da pesquisa; com números de seguidores acima de 5.000 e, sobretudo, que os responsáveis pelos perfis que concordassem em participar da pesquisa mediante a leitura e assinatura do TCLE, enviado por e-mail.

Os critérios excludentes consistiram em especificar que: participantes que, por qualquer motivo, desistissem de participar da pesquisa em qualquer fase da análise e/ou coleta de dados; perfis com três ou mais publicações seguidas relacionadas à venda ou propaganda; responsáveis pelos perfis que, por qualquer motivo, não confirmassem a leitura e reenvio do TCLE assinado.

5.6 Recorte temporal

A pesquisa teve como o recorte temporal, ou seja, o intervalo de tempo de atividades analisadas, a partir de dezembro de 2018 até julho de 2021. Para o *corpus*, optou-se por escolher as cinco postagens com maior número de comentários de cada perfil dentro do recorte temporal previamente determinado. Isso justifica-se pelo fato de mostrar a real interação entre as internautas, posto que nenhuma postagem fica sem interações ou sem comentários, o que é o mais importante para este estudo, tendo em vista que o interesse maior é justamente investigar essas interações, então escolher postagens mais comentadas faz todo o sentido para a pesquisa.

Após a definição do objeto de análise, fez-se uma tabela no Excel com os cinco *posts* de cada perfil para facilitar o que seria analisado, totalizando 15 *posts*, bem como os comentários destas publicações. Todos estes *posts* são apresentados no capítulo de análise. Observou-se padrões de expressões nos relatos e nas interações, entretanto, os ícones de *emojis* e com qual sentimentos estas figuras estão relacionadas não serão analisados. É importante esclarecer que *emojis* é o termo em inglês utilizado para as representações gráficas de sentimentos e emoções do momento. São usados em conversas *online* nas redes sociais.

Foi feita uma análise de conteúdo, definida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se propõe analisar as mais diversas fontes de conteúdo (verbais ou não-verbais). Para Bardin (2016), é um conjunto de técnicas de análise das comunicações com objetivo de obter, por meio de procedimentos sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que possibilitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

No que diz respeito à interpretação, a análise de conteúdo envolve objetividade e subjetividade. Faz-se necessário também, certo grau de intuição, imaginação e criatividade, sobretudo na definição das categorias de análise temática ou categorial. Assim, os textos coletados foram organizados em categorias, e as palavras-chaves foram identificadas e agrupadas de acordo com temas correlatos. Por meio deste processo de indução, procurou-se não apenas compreender o sentido real do texto das mães enlutadas e da fala das entrevistadas, mas também buscar outras significações das mensagens.

5.7 Caracterizando os perfis

Na dissertação, e durante a pesquisa, foram usados nomes de anjos, escolhidos numa pesquisa informal no *Google* com a expressão “nomes de anjos femininos” para não identificar e expor as mães responsáveis pelos perfis. Em estudo prévio, verificou-se que, inicialmente, apenas três perfis, dentre os cem listados, apresentam as exigências definidas na inclusão e foram intitulados de Angel, Ariel e Agla. Entretanto, ressaltou-se que este panorama poderia ser alterado quando a pesquisa tivesse início, após aprovação do Comitê de Ética, uma vez que as administradoras poderiam não aceitar participar, por exemplo. De fato, aconteceu: uma das mães desistiu de participar e não retornou mais os contatos e um dos perfis foi desativado ao final da pesquisa.

Observando os perfis acima citados, identificou-se que o perfil Angel é um blog pessoal com 106 publicações que surgiu em dezembro de 2019, possui 5.463 seguidores e tem como objetivo descrito na página apoiar mães de anjos. O perfil Ariel surgiu em abril de 2019, é intitulado espaço de acolhimento e escuta para mães e pais de anjos que se despediram de seus filhos. Na época da pesquisa possuía 758 publicações e 7.700 seguidores. Por fim, o perfil Agla foi criado em dezembro de 2018, possui 2.049 publicações, tem 63 mil seguidores e se autodescreve como criador de conteúdo digital, ajudando mães de anjo a se levantarem e encontrar esperança.

Os perfis Angel e Ariel apresentam características mais pessoais, com relatos da vida diária e imagens, em forma de desenhos, sem muita produção, mas que representam os “anjinhos”, ou seja, os filhos mortos. O perfil Agla foi escolhido por vários fatores, além do grande número de seguidores, mas também por ser inicialmente bem mais pessoal, sem muita produção, porém, desde janeiro de 2021, passou por uma transformação, publicando fotos produzidas em estúdio e textos mais elaborados, sendo em torno de três postagens por dia, o que demonstrava trabalho de equipe.

Com base no exposto e em diversas literaturas no campo da metodologia científica, considerou-se ser mais apropriada a aplicação de uma abordagem qualitativa, face a relevância para o estudo das relações sociais e da comunicação, tendo em vista a natureza do objeto de estudo que envolve a investigação em Ciências da Comunicação e tem como fim uma aproximação da realidade social. Dessa forma, o tema delineado traz questionamentos sobre o porquê o uso do *Instagram* como meio de comunicação das mães enlutadas e como essa interação ocorre nessa rede.

5.8 Estruturação da entrevista

Foram realizadas entrevistas com duas mães responsáveis pelos perfis, criados em tempos diversos e apresentando mães com idades distintas. Na entrevista semiestruturada, a pesquisadora organizou um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, com perguntas abertas, permitindo que a entrevistada falasse livremente sobre assuntos que poderiam ir surgindo como desdobramentos do tema principal.

A escolha desse tipo de entrevista se deu em razão de oferecer a possibilidade à entrevistadora de obter melhor entendimento e captação da perspectiva das entrevistadas. A coleta de dados secundários se concretizou através de postagens nos perfis selecionados, sendo as publicações (*post nos feed*) e os comentários em cada postagem analisada.

Neste estudo, foram observados os textos, o uso de terminologias próprias, os processos comunicacionais e o espaço virtual, com o intuito maior de identificar como se configuram os processos de interação.

5.9 Metodologia de análise de dados

Para facilitar a análise do material referente à pesquisa, organizou-se em três eixos narrativos: *post no feed*, entrevistas e comentários, a serem analisados usando planilhas do Excel e o software Iramuteq, com a finalidade de realizar descrição e análise dos dados obtidos. Os textos do *feed* e comentários foram categorizados com base na análise de conteúdo.

O software Iramuteq foi escolhido por ser considerada uma ferramenta importante na análise de pesquisas qualitativas e adaptação ao sistema operacional Windows 2018. Conforme Camargo e Justo (2013), o Iramuteq, que significa *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*, é um software gratuito que apresenta rigor estatístico desenvolvido sob a lógica do *open source*, código aberto. Ele ancora-se no ambiente estatístico do software R e permite diferentes tipos de análise de texto, como a lexicografia básica, que é o cálculo da frequência de palavras, até análises multivariadas, como análise de similitude e nuvem de palavras.

O software organiza a distribuição do vocabulário de forma facilmente compreensível e visualmente clara, a exemplo da análise de similitude e nuvem de palavras. O programa oferece muitas possibilidades de análises necessárias e usadas neste trabalho, como a identificação da quantidade de palavras, frequência média e número de *hapax* (palavras com frequência um), pesquisa o vocabulário e reduz das palavras com base em suas raízes (lematização), entre outras.

Ressalta-se que a análise de similitude se baseia na teoria dos grafos. Ela possibilita identificar as concorrências entre as palavras e seu resultado traz indicações da conexidade entre as palavras. A nuvem de palavras as agrupa e as organiza graficamente em função da sua frequência. É uma análise lexical mais simples, no entanto interessante, na medida em que possibilita rápida identificação visual das palavras-chave de um *corpus*.

5.9.1 Projeto piloto

Para a qualificação, apresentou-se um projeto piloto a fim de examinar, antecipadamente, a viabilidade do uso do Iramuteq e como essa análise se daria. Realizou-se um estudo de análise de texto, extraídos dos três perfis analisados, constituindo o *corpus* deste piloto. O objetivo específico foi de apontar a existência de padrões de interação dentro destes perfis e quais as expressões são mais recorrentes, atendendo a um dos objetivos desta pesquisa.

O piloto foi elaborado com comentários dos perfis abertos intitulados aqui de Angel, Ariel e Agla, que necessitou observação e levantamento dos referidos comentários feitos pelas seguidoras nos cinco posts selecionados de cada perfil. O projeto piloto não envolveu o texto-legenda referente ao *feed*, assim como não envolveu resultado de entrevistas, tendo em vista que estas ainda não haviam sido realizadas.

Para categorizar os dados obtidos com a pesquisa, utilizou-se a análise temática do texto, seguindo a classificação de Bardin (2016) para análise de conteúdo dos comentários, extraídos dos 15 *posts* selecionados previamente nos três perfis a serem estudados. Conforme Bardin (2016), são basicamente três etapas a serem seguidas para a análise de conteúdo. A primeira é a pré-análise, que consiste na organização daquele material que faz sentido para a pesquisa. De forma que foi feito uma leitura flutuante, inicialmente, separando o *corpus* da pesquisa.

Após a leitura de todo o material foi realizado um trabalho manual de transcrever os comentários em papel. Neste momento inicial, foi possível instituir as unidades de registro e assim classificar as categorias. Com elas previamente definidas, e com auxílio de marca-texto, foram feitas marcações em cores para separar as categorias. Com isso, foi possível avaliar o grau de dificuldade de fazer o trabalho todo a mão e a importância de escolher uma outra forma para realizar a pesquisa.

Antes desta definição, o primeiro passo foi extrair os comentários do *Instagram*, ato realizado por meio do programa exportcomments.com²⁰ que permite, de forma livre, copiar os

²⁰ Disponível no site <https://exportcomments.com/>.

comentários selecionados diretamente do perfil do *Instagram* e colar no word. Copiou-se os textos dos cinco *posts* de cada perfil e a descrição que vem com eles, ou seja, texto legenda, bem como dos comentários feitos nestes *posts* escolhidos. Em seguida, transpôs-se para o software Iramuteq.

No segundo momento, buscou-se fazer a análise de similitude, que mostra as palavras próximas e distantes umas das outras, possibilitando a formação de uma árvore de palavras com suas ramificações a partir das relações guardadas entre si nos textos. Ocorre que, ainda com limitações no conhecimento de uso do programa, naquela fase não foi possível processar o *corpus* referente a um dos perfis, o Agla (com maior número de comentários). Conforme o programa informava, um percentual abaixo de 70% não seria um resultado de análise confiável. Dessa forma, a análise de similitude e a nuvem de palavras foram feitas apenas com Angel e Ariel.

Após esta fase, resolveu-se utilizar o Excel para analisar os dados de forma que pudesse alcançar resultados que atendessem com mais objetividade aos objetivos propostos. Neste terceiro momento da pesquisa, adotou-se nova forma de tratar o recorte das unidades de registro e de contexto. As unidades de registro podem ser a palavra, o tema, a frase, entre outros. Escolheu-se a frase, considerando-se a proposição lógica de sujeito e predicado e, em alguns casos, o critério usado foi fonético, as reticências, o ponto e vírgula. Cada frase dos comentários estudados representou uma unidade de codificação, previamente determinada, com uma exceção no caso de períodos muito longos, classificado com um só tema, então foi considerado todo o período como uma unidade.

Para definir as unidades de contexto, levou-se em conta o parágrafo ou o período para que fosse possível compreender a unidade de registro. A unidade de contexto serve para codificar a unidade de registro. Assim, a categorização foi feita agrupando as frases por critério semântico. Definiu-se um título genérico, como perda e luto, e as unidades de registro, assim entendidas, foram agrupadas neste tema. Cada categoria e subcategoria recebeu uma numeração para facilitar o trabalho de observação sobre a significação das frases e expressões.

Observou-se a orientação dada por Bardin (2016) quando da definição de categorias no que diz respeito a: exclusão mútua, no qual cada elemento não pode existir em mais de uma divisão, ou seja, estar em mais de uma categoria ao mesmo tempo; a homogeneidade das categorias, quando um único princípio deve basear a organização; a pertinência, quando é adequada ao material escolhido; a objetividade e a produtividade, produzindo resultados férteis.

Na separação do *corpus*, optou-se por analisar apenas texto, sendo retirado *emojis* e fotografias. Além disso, dentro dos perfis em estudo, escolheu-se os cinco *posts* mais

comentados daqueles perfis, excetuando-se aqueles que possuíam na publicação perguntas diretas relativas ao tempo da morte do filho (anjo); ou qual nome do “anjo” e outras similares. Como exemplo, no *feed* de Agla há uma pergunta “*Quanto tempo faz que você se tornou mãe de anjo?*”, com 524 comentários, na forma objetiva, apresentando nas respostas apenas o tempo certo que o filho havia morrido. Verificou-se que nestes casos não havia grande interação, apenas a resposta com o número ou o nome do anjo, não provocando interação maior entre as usuárias, o que não atenderia ao objetivo da pesquisa. Assim, optou-se por descartá-los, mesmo com número maior de comentários em relação aos *posts* escolhidos.

No que tange à divisão em categorias, adotou-se: Gratidão, Perda e Luto, Elogios/Autoelogio, Somente Emojis, Somente Marcação de Perfil, Marcação de Perfil + Emojis e Diversos. Importante ressaltar que as postagens destas três últimas categorias: com apenas o símbolo de arroba@, marcando/citando um usuário; o símbolo do arroba e *emojis* e apenas *emojis* não foram considerados para efeito de análise. Na classificação, para o símbolo de arroba descrito nos textos foi dado o valor 100; o símbolo de arroba junto com o *emojis*, recebeu valor 200; e quando surgiu apenas os *emoji*, o valor foi zero.

As subcategorias definidas foram para a categoria Perda e Luto: empatia/solidariedade/compaixão; demonstração de sentimentos; conforto espiritual/acolhimento; relato de dor/desabafo. Em gratidão, as subcategorias são: agradecimento e homenagem. Importante ressaltar que na categoria Diversos foram colocados, por exemplo, pedidos de oração, de ingresso em grupos ou pedido de ajuda. Após a definição geral, adotou-se um livro de códigos (Apêndice D).

Essa divisão em categorias e subcategorias foi alcançada após leituras e releituras de todo material coletado: comentários, *posts* e entrevistas. Em seguida, para conseguir a classificação final, observou-se quais eram os sentimentos mais comuns, quais as sensações relatadas e vivenciadas, bem como o sentido de muitas expressões semelhantes utilizadas pelas mães enlutadas.

Neste trabalho de categorização é importante ressaltar que a análise dos comentários foi determinante, uma vez que eram muitos, alguns deles com sentidos diversos; outros semelhantes; e ainda outros com expressões bem iguais, oferecendo um amplo panorama dos sentimentos e emoções pelos quais as mães de anjo passavam. Isto facilitou, desta forma, atender aos objetivos específicos da pesquisa que consistem, de forma sucinta, em conhecer como estas mães descrevem a experiência delas e a própria dor nas postagens e comentários; como se expressam diante da dor do outro; se há padrões de interação dentro destes perfis do *Instagram*; e quais as expressões de solidariedade são mais recorrentes.

6 ANÁLISES E RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos através da análise do *corpus* da pesquisa, dividida por grupos de análise da seguinte forma: *posts* dos *feeds*, comentários das seguidoras e entrevistas com as administradoras dos perfis. No total, foram analisados 15 *posts* e 1.943 comentários, pertencentes a três perfis de mães de anjos, e duas entrevistas. A partir desse estudo de casos, estruturou-se tabelas e gráficos para cada perfil estudado, obedecendo categorias previamente definidas. Observou-se como estas mães de anjo tendem a usar a rede social *Instagram* como espaço de interação, verificando se há reconhecimento desse luto e como descrevem essa experiência nos comentários.

Ao final da pesquisa, duas mães de anjos aceitaram efetivar a entrevista: Angel e Agla. A análise dos resultados obtida com o *corpus* que compõem a parte qualitativa da pesquisa foi realizada utilizando análise de conteúdo, baseada no estudo de Bardin (2016). Inicialmente, foi feita a leitura flutuante de todo material, categorizou-se e elaborou-se um projeto piloto (com material extraído dos comentários dos três perfis). Em seguida, foi feita exploração das entrevistas/questionários e *posts* dos *feeds*, completando o material narrativo que compõem o referido *corpus*. Identificou-se as categorias a serem trabalhadas neste estudo, que são: gratidão, perda e luto, elogios/autoelogio, somente *emojis*, somente marcação de perfil, *emojis* + marcação de perfil e diversos. Há também as subcategorias previamente definidas em gratidão: agradecimento e homenagem; perda e luto: empatia/solidariedade/compaixão, demonstração de sentimento, conforto espiritual/acolhimento e relato de dor/desabafo.

6.1 Categorias

Com base nos ensinamentos de Bardin (2016), a categorização ocorreu após reunir o maior número de informações, seguida de uma esquematização e com isso foi feita uma correlação entre subcategorias e conteúdo das frases para ordená-las. Para a referida autora, as categorias possuem as seguintes características: exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade. Assim, utilizou-se nesta pesquisa as seguintes categorias:

Perda e luto: esta categoria é a mais ampla e engloba comentários e textos relacionados à perda do filho e o processo de dor emocional causado pelo luto, bem como a forma de tratamento pela sociedade. Como exemplos de perda e luto tem-se os relatos da perda do filho, das sensações e sentimentos vividos no luto, como desamparo na dor e falta de reconhecimento

citada pelas mães nos perfis. Elas expressam sensação de ausência, tristeza, culpa, entre outros, e escrevem em forma de desabafo, ampliando o espaço de fala para revelar as emoções, bem como resgatar memórias com o filho falecido. Pode ser exemplo dessa categoria frases como: “O que mais eu ouvi quando perdi meu bebê na barriga é que ele era apenas um feto. Ele é e sempre será meu filho” (PERFIL ANGEL, 2021, *online*).

Gratidão: colocou-se textos que falam em agradecimento pelo apoio, pela ajuda e pelas palavras. É um reconhecimento do trabalho de apoio ao luto. Exemplos: “Obrigada aos nossos anjos por nos proporcionar tamanho Amor! Obrigada por suas palavras” (PERFIL ARIEL, 2021, *online*).

Elogios/autoelogio: são as frases de enaltecimento e exaltação ao fato de serem mães de anjo e viverem e sobreviverem a esse fato, bem como os elogios a si próprias pela força e coragem diante da dor. Exemplos: “Nossa, quanta sensibilidade, verdade e amor!! Parabéns!! Linda descrição!! Me define!” (PERFIL ARIEL, 2021, *online*). “Lindo o texto feliz dia das mães de anjos que somos guerreiras que somos fortes por suportar essa dor de não ter os nossos anjinhos aqui com a gente” (PERFIL ANGEL, 2021, *online*). “Somos guerreiras” (PERFIL AGLA, 2020).

Somente emojis: nesta categoria estão os pictogramas que constituem uma linguagem usual nas redes sociais virtuais na atualidade, substituindo as mensagens de texto. As figuras exprimem de forma afetuosa amor, saudade, carinho, oração, entre outros, gerando simpatia e aproximação. Exemplo: 😊 😭 😊 😭 😭 😊

Somente marcação de perfil: quando apresenta ou recomenda o endereço de um perfil a outro usuário do *Instagram*. Exemplo: @gabbi.caval (PERFIL ANGEL, 2020, *online*).

Marcação de perfil + emojis: juntos nos textos de comentários, a exemplo: @medeirosmileide ♥♥ (PERFIL ANGEL, 2020, *online*).

Diversos: enquadram-se exemplos como, “estou sem palavras”; “Meu anjo Dominic Lorenzo” (PERFIL ARIEL, 2020); “Como faço pra participar do grupo?”. (PERFIL ARIEL, 2020, *online*).

6.2 Subcategorias

As categorias Gratidão e Perda e Luto foram segmentadas em subcategorias. Dentro da categoria Gratidão, a subcategoria **Agradecimento** pode ser exemplificada: “Obrigada por cada palavra escrita nesse texto! Lindo demais” (PERFIL ARIEL, 2021, *online*). Já em **Homenagem**

um exemplo é: “Que homenagem linda” (PERFIL ARIEL, 2020, *online*).

A categoria Perda e Luto foi dividida em quatro subcategorias, sendo elas: empatia/solidariedade/compaixão; demonstração de sentimento, conforto espiritual/acolhimento e relato de dor/desabafo.

Empatia/ solidariedade/compaixão: está ligada à habilidade de imaginar-se no lugar de outra pessoa, a compreensão dos sentimentos e a busca a fim de minimizar a dor dou outro. Dessa forma, exemplificam-se aqui frases como: “@xxx nossa, eu entendo o que você está sentindo, [...]” (PERFIL AGLA, 2020, *online*). “Eu compreendo sua dor!” (PERFIL ANGEL, 2020, *online*). “Que todas tenham força suficiente pra encarar esse momento que não deve ser fácil”. (PERFIL AGLA, 2021, *online*).

Demonstração de sentimentos: buscou-se aqui destacar as frases nas quais as mães manifestam sentimentos de si próprio, como tristeza pela perda e alegria pelo bebê arco-íris. Assim como frases que mostram estar solidário e compassivo, sendo estes termos entendidos como estar junto naquela dor com apoio emocional ou prático. Exemplo: “Como doeu e ainda dói” (PERFIL AGLA, 2020, *online*). “Me emociono em ver os nomes dos meus filhos” (PERFIL ARIEL, 2020, *online*). “Acabo de ganhar meu bebê arco-íris. Alegria que não cabe no peito!” (PERFIL ANGEL, 2020, *online*). “Infelizmente existe essas pessoas sem noção, força linda” (PERFIL ANGEL, 2021, *online*).

Conforto espiritual/acolhimento: aqui foram trazidas frase que representam ato ou efeito de confortar, acolher e consolação nas aflições. Exemplo: “Só Deus sabe o quanto sofremos e só Ele pra nos dar força” (PERFIL ANGEL, 2020, *online*). “@ana sinto muito, sintase abraçada” (PERFIL ANGEL, 2020, *online*). “Estou em lágrimas, era tudo que eu precisava ouvir, obrigada amiga...” (PERFIL ARIEL, 2020, *online*).

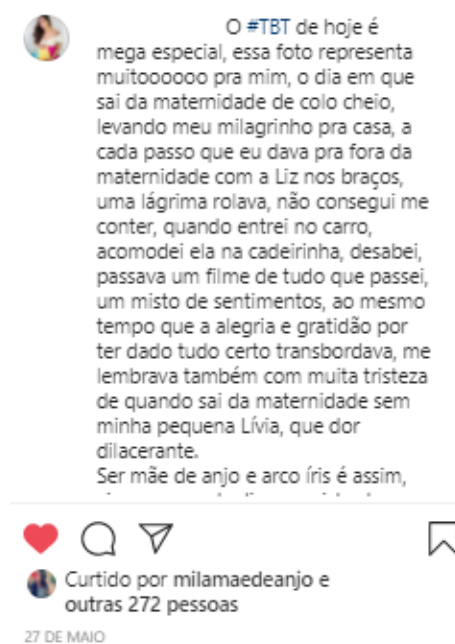
Relato de dor/desabafo: narração escrita ou oral. Expor com franqueza. Desafogar aquilo que está causando tensão, dor ou angústia (MICHAELIS, 2022, *online*). Nesse contexto, adotou-se frases e períodos com narrativas das situações. Exemplos: “Verdade. Perdi meu amorzinho com 7 meses, foi a maior dor que eu já senti na minha vida. Hoje depois de seis meses consegui meu positivo de novo, agora tô grávida da minha princesa. Descobri que tinha uma doença silenciosa”. “Pior é você estar ali e ouvir os bebês nascendo e o seu você sabe que não vai chorar” (PERFIL AGLA, 2020, *online*).

6.3 Descrição e Narrativa do luto nas publicações dos *feeds*

Este grupo de análise descritiva volta-se para o modo como as administradoras dos perfis, por meio dos *posts* nos *feeds*, descrevem e percebem a vivência do luto perinatal. O primeiro caso analisado foi o perfil intitulado Angel, que traz nos cinco *posts* mais comentados da conta dela (critério escolhido para todos os perfis), a forma de relato e textos demonstrando empatia com a dor alheia. Ela narra as dores do luto, o relato da vida após a morte do filho e incentiva, indiretamente, comentários em forma de narrativas.

6.3.1 Perfil Angel

Figura 11 – *Post* 1, Angel: “O #TBT de hoje é”



Fonte: Captura de tela (2020)

A lembrança de hoje é mega especial. Essa foto representa muito pra mim. Foi o dia em que saí da maternidade de colo cheio, levando meu milagre para casa. A cada passo que eu dava para fora da maternidade com nome_do_anjo nos braços, uma lágrima rolava. Não consegui me conter, quando entrei no carro, acomodei ela na cadeirinha e desabei, chorei. Passava um filme na cabeça referente a tudo que passei. Um misto de sentimentos. Ao mesmo tempo que a alegria e gratidão por ter dado tudo certo transbordava, me lembrava também com muita tristeza de quando saí da maternidade sem minha pequena nome_do_anjo. Que dor dilacerante. Ser mãe de anjo e arco-íris é assim, vivemos a cada dia um misto de sentimentos. São dias de alegrias, mas tem dias de tristeza. O que eu sempre digo e repito. Acredita, não perca a fé. É difícil, a gente nunca supera, mas com o tempo aprendemos a conviver. E o tempo de Deus é bom, perfeito e agradável. Nunca iremos compreender, mas sempre devemos aceitar. Obrigada meu Deus por tudo. Tem uma música que representa muito esse momento também. Quem chora colhe fé. Quem planta em meio a dor. Corre o risco de gerar. Os lindos sonhos do Senhor. Quem luta em meio a perda. Quem sorri por

mais difícil que esteja. Está se preparando para uma grande colheita. Deus está lhe ensinando e lhe fortalecendo. Por mais que você não esteja entendendo o seu milagre está acontecendo. Depois disso tem novidade de Deus para você. Isso aconteceu comigo eu posso dizer. O meu deserto está florescendo. E o seu também vai florescer. Estou sonhando, estou cantando, estou sorrindo comemorando. Estou sentindo o coração pulsando, o meu milagre já chegou. Estou mais forte, mais resistente. A perda ensina, a gente aprende a ser, de Deus, mais dependente. Você vai segurar o seu lindo presente (PERFIL ANGEL, 2020, *online*,).

Neste texto, Angel traz um misto de desabafo e de reflexão permeada pela fé que ela possui de que dias melhores estão por vir. Ela agradece pela filha que leva para casa, mas não sem tristeza lembra do sentimento de não ter saído com a outra filha da maternidade, na gestação anterior. Nesse contexto, ela passa mensagem de esperança e conforto espiritual, descrevendo a letra de uma música que retrata o que ela sente naquele momento. Na definição das subcategorias, aparece um misto de agradecimento, com tendência ao desabafo pela força do relato. Este *post* recebeu 37 comentários e 273 curtidas, sendo as curtidas, no *Instagram*, sinal de aprovação e concordância com aquilo que está escrito.

Neste trabalho optou-se por ocultar o nome dos filhos nos textos e, no local do nome próprio dado ao bebê, substituiu-se pelo termo “nome_do_anjo”, não apenas pelo anonimato, mas sobretudo por facilitar o trabalho de análise no software Iramuteq, que uniformiza e quantifica aquele termo.

Figura 12 – *Post 2*, Angel: “Hoje estou aqui”



Fonte: Captura de tela (2020)

Hoje estou aqui as 03h51 da manhã escrevendo para você, mãe, que viu seu filho partir sem poder fazer nada. Você, mãe, que sonhou, planejou, imaginou cada detalhe como tudo seria, se preparou para tudo, menos, para perder seu filho. Você, mãe, que viu seu sonho escorrer feito água pelas suas mãos, hoje eu sei o que está sentindo, o quanto é difícil essa data sem nossos anjos, eu queria poder abraçar cada uma de vocês, e

dizer, você é uma mãe especial, você foi escolhida para gerar um anjo. É uma dádiva, ser escolhida para agraciar o senhor com um anjo, mesmo que isso te custe uma dor sem fim. Parabéns, você é mais que uma mãe, é mãe de anjo, um anjo seu, que te protege 24 horas por dia e que te ama muito. Hoje o colo pode está vazio, mas o coração transborda amor, porque não importa se seu filho mora no céu, você é mãe e a mais forte que já vi e merece os parabéns todos os dias, por não desistir, por lutar, dia após dia, mesmo com o coração quebrado, por ser forte e guerreira e por ser a mulher mais incrível, que ama sem medidas e sem distância. Tenho certeza que lá do céu os anjos estão orando por cada uma de vocês, nesse dia, e enviando toda força necessária. Um beijo pra cada uma de vocês. Sintam-se abraçadas, porque sei o quanto isso é válido. Marque uma mamãe especial, curta e compartilhe (PERFIL ANGEL, 2020, *online*).

Com este texto, a administradora do perfil traz um conteúdo que podemos tratar como misto, pois escreve uma mensagem de conforto emocional e espiritual, além de demonstrar compaixão para com as outras mães de anjo, enfatizando a gratidão por serem escolhidas como mães destes anjos. Além disso, enaltece a força que elas possuem de seguir com o colo vazio, de ter sonhado e imaginado e não ter vivenciado o sonho de criar o filho. Ela reforça que continuam sendo mães, independentemente de estarem com os filhos nos braços, traz novamente a questão religiosa e espiritual quando diz que são agraciadas pelo Senhor com um anjo e finaliza com palavras de acolhimento.

Dessa forma, infere-se que há um entrelaçamento de sensações que poderiam encaixar-se em muitas subcategorias, de forma que nesta postagem é visível o tom forte de interlocução com outras mães enlutadas, oferecendo solidariedade, acolhimento e compaixão. Para Boltansky (2004), compaixão e a solidariedade são atitudes morais de ajuda. A compaixão é direcionada a indivíduos específicos, a solidariedade pode ser geral. O *post* recebeu 50 comentários e 408 curtidas.

Figura 13 – *Post* 3, Angel: “Se seu filho morreu grande”

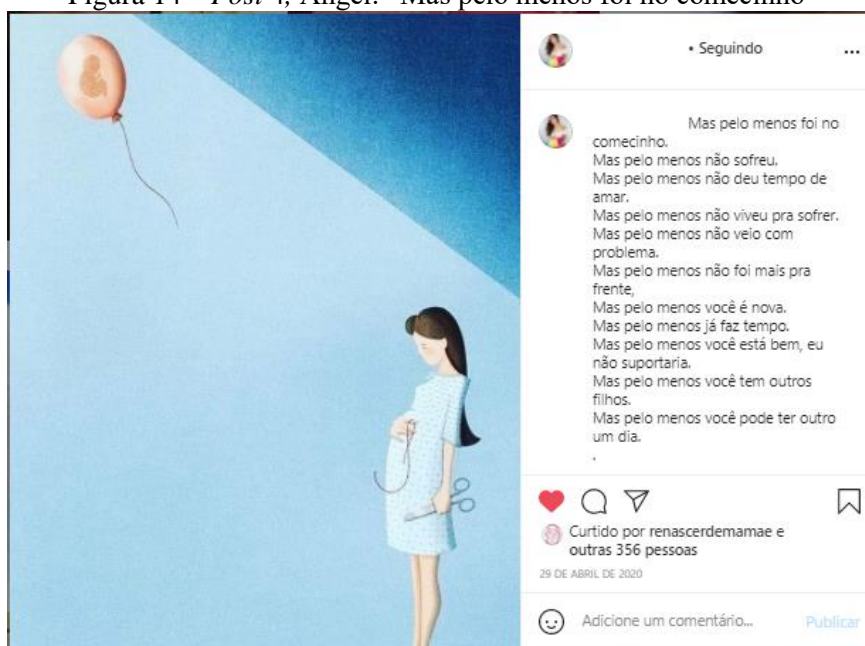


Fonte: Captura de tela (2020)

Se seu filho morreu GRANDE. Te dói porque você o viu viver grande parte da vida dele, você o viu lutar pelos seus sonhos, talvez até casar, e tenha uma família e filhos e ele partiu deixando um grande vazio no seu coração. Se seu filho morreu como uma CRIANÇA, dói porque você o viu crescer, você passou por etapas maravilhosas com ele, dói porque você estava acostumada com sua companhia e sua ausência é um profundo abismo de tristeza. Se seu filho morreu como um BEBÊ, dói porque você o teve por tão pouco tempo. Como você estava acostumada com seus belos sorrisos e seus gritos, com a necessidade que ele tinha de estar com você o tempo todo. Você estava acostumada a ficar acordada até tarde e trocar fraldas e agora, de repente, você está sozinho com seus braços vazios. Se seu bebê morreu na BARRIGA, dói porque você não pode conhecê-lo vivo. Porque você o carregou dentro de você e nunca poderia ver seus lindos olhos e seu sorriso mágico. Você nunca poderia ouvir seu precioso choro. Nunca daria as pequenas coisas que compraram com tanto amor e entusiasmo, tudo que prepararam. Tudo foi deixado em um sonho quebrado. Então, por favor. Não minimize nenhuma dor, não minimize minha dor. Somos TODAS MÃES e isso dói a todos nós. De maneiras diferentes e em situações diferentes. Mas tenho certeza que a dor continua a mesma (PERFIL ANGEL, 2020, *online*).

Neste *post*, ela também requer a valorização do sentimento delas, a fim de que a dor delas não seja desvalorizada, minimizada, pois a perda de um filho em qualquer tamanho ou idade provoca uma dor imensurável. Entretanto, ela faz um desabafo, afirmando que independentemente de ter perdido o filho em qualquer fase da vida deles, são todas mães e que mesmo o bebê não estando presente fisicamente, elas continuam sendo mães que sofrem a dor da ausência. Há no texto um desabafo que resvala para pedido gritante de reconhecimento. O *post* recebeu 35 comentários e 418 curtidas.

Figura 14 – *Post* 4, Angel: “Mas pelo menos foi no comecinho”



Fonte: Captura de tela (2020)

Mas pelo menos foi no comecinho. Mas pelo menos não sofreu. Mas pelo menos não deu tempo de amar. Mas pelo menos não viveu para sofrer. Mas pelo menos não veio

com problema. Mas pelo menos não foi mais pra frente, Mas pelo menos você é nova. Mas pelo menos já faz tempo. Mas pelo menos você está bem, eu não suportaria. Mas pelo menos você tem outros filhos. Mas pelo menos você pode ter outro um dia. Não há nenhum mas pelo menos que faça sentido. Perder um filho dói, seja um aborto inicial ou tardio, seja na barriga ou já nos braços. São planos frustrados, uma vida que não será vivida. Os primeiros passos que não serão dados, as roupinhas que não serão usadas, um ventre vazio, um berço vazio, dois braços vazios, um amor que fica no peito sufocado, sem ter para onde ir, uma dor que dói no peito, dói na alma, dilacera. Se você não sabe o que dizer a uma mãe de anjo, ofereça um abraço em silêncio ou um eu sinto muito, estou com você, mas nunca, jamais, em hipótese alguma, minimize e desrespeite nosso luto, pois isso machuca e faz doer ainda mais. Nosso luto é para sempre. Não tem prazo de validade, assim como nossa dor, que não tem cura. Isso não é fraqueza, é fato. Nós, mães de anjos, somos os seres mais fortes que vocês poderiam conhecer. Nos esforçamos, desde o amanhecer, para sair da cama e encarar mais um dia. nos esforçamos para continuar vivendo, para ver pessoas, para trabalhar, para encarar as lembranças que vêm à mente a todo momento, ao ver outro bebê e não ter o seu nos braços. Somos transformadas pela dor, guiadas pelo amor. Perder um filho dói. Vai doer para sempre. RESPEITE NOSSO LUTO (PERFIL ANGEL, 2020, *online*).

Neste texto, ela pede respeito ao luto das mães de anjo e dá um tom informativo para sociedade não invisibilizar aquela dor. Ela repete frases ouvidas como “pelo menos foi no comezinho” ou “pelo menos você tem outros filhos”, esclarecendo que as pessoas falam como se o bebê não representasse um ser humano que morreu e como se um filho substituísse outro. Acrescenta que se não souber o que dizer a uma mãe de anjo, simplesmente silencie para não magoar com comparativos ou palavras que minimizem aquela dor. A mensagem tem o tom de desabafo e ressalta que a frase “pelo menos” não faz sentido no contexto da perda do filho e que o luto delas não tem prazo de validade. Este texto recebeu 42 comentários e 357 curtidas.

Ressalta-se que na mensagem acima pode ser observado o fato de que o relato/desabafo da mãe de anjo revela que não sentem o luto delas valorizado. É como se não tivesse havido uma vida, a daquele filho, e como diz Butler (2020), uma vida não contasse como tal, que não é considerada vida. Para a autora, é preciso nos opor criticamente ao fato de que certas vidas humanas possam provocar mais luto do que outras.

Nesse contexto de desabafo, pedido de respeito e valorização da dor, ressalta-se que a comparação de sofrimento torna estas mães mais vulneráveis, tendo em vista que não se sentem respaldadas ou com direito ao sofrer.

Figura 15 – Post 5, Angel: “Só mãe de anjo entende”



Fonte: Captura de tela (2020)

Só mãe de anjo entende. Este texto eu dedico a quem não entende a nossa dor. Imagine que você ouviu essas palavras. Seu filho está morto. Imagine-se colocando teu ouvido no peito do seu filho e não ouvir um bater de coração. Imagine-se beijando seu filho e sentir o gelo da pele dele em teus lábios. Imagine-se numa sala cheia de caixões e você tendo que escolher o que guardará seu filho para sempre. Imagine que seu filho ser levado para nunca mais ser visto novamente. Imagine que você nunca vai poder olhar para os olhos do seu filho outra vez. Imagine que você nunca vai ouvir sua voz, nunca mais irá abraça-lo, ouvir a risada do seu filho novamente. Imagine-se vivendo o resto de sua vida sem o seu filho. Imagine buscar a chance de olhar nos olhos do seu filho novamente, de tentar inutilmente acordar desse pesadelo. a dor nos seus olhos diariamente. Imagine dizer EU TE AMO esperando ouvir um. Também amo você mamãe e ouvir apenas o silêncio como resposta. Imagine-se sobrevivendo diariamente para o resto da sua vida com isso. Imagine sobreviver a tudo isso. Sei que você deve pensar. Eu não consigo imaginar minha vida sem meu filho, eu morreria. Se você não pode sequer IMAGINAR estes momentos horríveis, então pare. Pare de me dizer que devo esquecer tudo e seguir em frente, de me pedir para não chorar por meu filho, pare de tentar me impedir de lembrar dele. PARE. PAREM. Coloque - se, ao menos por um minuto, no meu lugar, tente por apenas alguns segundos sentir a minha dor. Você não consegue. NÃO. Nem ao menos eu consigo entender, aceitar, suportar, sobreviver, eu apenas continuo. Cada segundo de cada dia. Coloque-se no meu lugar e em seguida, ouça um. Esquece, faz tanto tempo. Tá na hora de seguir em frente. PONHE-SE EM MEU LUGAR, TE DESAFIO A IMAGINAR (PERFIL ANGEL, 2020, *online*).

Neste último texto, Angel reforça o pedido de respeito e empatia quando convida a pessoa/internauta a imaginar o que é não ouvir o coração bater, sentir a pele gelada, enfim, ter o bebê morto. Mas também faz um desabafo pedindo que parem de minimizar a dor delas. Para ela, só uma mãe de anjo entende outra e pede para que as pessoas se coloquem no lugar delas, que entendam essa dor e evitem frases que as magoam, como: “Tá na hora de seguir em frente” ou que tentem impedir de não lembrarem deles. É um desabafo triste, porém poético, no qual

provoca os seguidores que não entendem a dor dela a imaginarem seu filho morto e a dor que ela sente.

Este *post* reforça a necessidade delas de empatia. A autora da mensagem dirige-se claramente para todos que não entendem a dor das mães de anjo, sendo um relato/desabafo de como aquela perda é um sentimento forte e importante na vida da mãe. O texto recebeu 46 comentários e 170 curtidas. É importante esclarecer aqui que o perfil da Angel foi desativado em novembro de 2021.

Diante dos *posts* apresentados, verificou-se que Angel, repetidamente, pede empatia com a dor delas e respeito ao luto perinatal, demonstrando que há, na verdade, uma desconsideração desse pesar no meio social. Ela requer ainda que não se compare dor, não diminua a força daqueles sentimentos das mães enlutadas.

Extrai-se dos textos dela, ainda, que o luto perinatal é invisível para a sociedade e que apenas quem passa pela situação entende, por isso, ela pede respeito. Como enlutada, busca sensibilizar a sociedade para o problema por meio dos testemunhos. Essas observações vão ao encontro do que diz Casellato (2015, p. 17) sobre o luto invisível: “mensagens de não reconhecimento desconsideram, desprezam, desaprovam, desencorajam, invalidam e deslegitimam ativamente as experiências e os esforços do enlutado”. Dessa forma, a análise mostrou que as mães de anjo não apenas lamentam a morte do filho ou filha, mas sobretudo lamentam o fato de não terem a dor validada, sendo um pesar duplamente reivindicado.

6.3.2 Perfil Ariel

O perfil Ariel, dentre os cinco *posts*, apenas um traz relato no *feed*. Os demais referem-se à gratidão e são endereçados ao filho por ter sido escolhida para ser mãe dele. Há também uma homenagem em formato de vídeo comemorando o dia 15 de outubro, que é Dia da Conscientização da Perda Gestacional e Neonatal. Os textos que denotam conforto emocional trazem a prosa em forma de poesia e tratam da culpa que sentem por levar a vida adiante e sorrir em muitos momentos.

Figura 16 – Post 1, Ariel: “Muito obrigada filho”



Fonte: Captura de tela (2020)

“Obrigada por me escolher como sua mãe” Muito obrigada filho, por ter me escolhido como mãe. Imagino seus olhos procurando e como que num encontro de almas, você me olhar e falar: ela será minha mãe! Ela será a mulher que vai me receber e me amar mesmo quando eu não mais estiver ao seu lado. Que honra a minha ter sido escolhida por você e saber que meu corpo foi o colo e o ninho de alguém tão raro, que de tão especial não podia se demorar, mas que mesmo assim marcou a vida de tantas pessoas. Obrigada meu filho, por me fazer compreender que amor é muito mais do que dizem e amor de mãe de anjo é não ter limites, é amar o invisível, o inexplicável e ainda assim ter a certeza que nada foi em vão. Sua vida transformou a minha, e hoje ao me olhar eu te vejo em mim também. Te vejo no meu olhar ao apreciar a lua, nas lágrimas que surgem quando a saudade aperta, no sorriso desprezioso quando simplesmente penso em você. Sua alma está em mim, quando mergulho no mar e sinto-me abraçada pelo seu amor ou quando o vento leve traz seu perfume no ar. Obrigada filho, por ter confiado e acreditado na minha coragem e fé. Obrigada por me lembrar todos os dias que nosso acordo nunca será quebrado. E que esteja você onde estiver eu continuarei te amando. Obrigada por me ensinar tanto, por me fazer olhar além dos muros e enxergar que assim como eu muitas outras mulheres também foram escolhidas por almas tão leves como a sua. E com essa leveza única de vocês, nos concederam a chance de gerar uma vida, de parir, de amamentar, de criar e ver crescer. E também a difícil missão de nos despedirmos. Uma missão que eu nunca sonhei em viver e menos ainda em cumprir, mas você sabia que eu daria conta, você tinha certeza que eu conseguiria. E por isso me escolheu, me escolheu entre tantas outras, me escolheu por ver muito além do que eu vejo, me escolheu por acreditar em mim mais do que qualquer outra pessoa, me escolheu porque sabia desde aquele dia que me viu, que eu jamais desistiria de você e da nossa história. Obrigada filho, por me fazer mãe, por me fazer a mulher mais especial que posso ser, por mudar minha trajetória e por me fazer sentir um amor capaz de quebrar a barreira da morte. (PERFIL ARIEL, 2020, *online*).

Nesta mensagem, Ariel passa a noção de gratidão por meio de mensagem escrita ao filho por este a ter escolhido e ensinado a ela “o amor maior do mundo”. De forma leve, conta que o céu, o mar e o ar trazem-no muito mais perto e a faz sentir o cheiro e o abraço de tão real que é o sentimento. O texto apresenta uma conversa com e para o bebê, porque tem certeza que ele vai sentir, quando diz que o acordo entre eles não será quebrado e mãe de anjo ama o invisível aos olhos. É uma expressão pública e visível do uso deste ambiente digital para fazer uma

homenagem, desabafar ao mesmo tempo, mas também mostrar gratidão, expressa em muitas frases. Ariel mostra no que ela acredita, na questão espiritual, e descreve um diálogo entre o filho e ela. A postagem apresentou 104 comentários e 881 curtidas.

Figura 17 – Post 2, Ariel: “Eu me liberto”



Fonte: Captura de tela (2020)

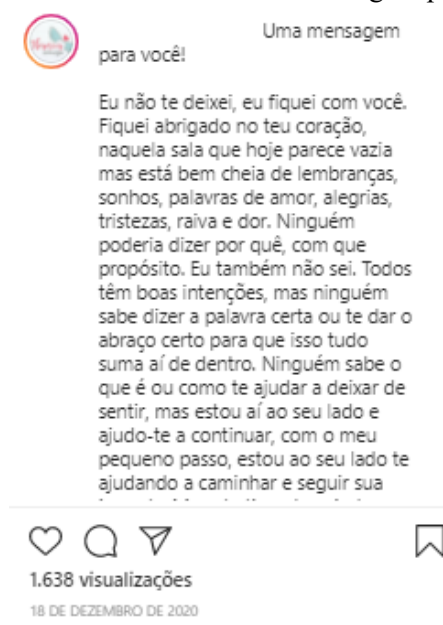
Eu me liberto. Eu te liberto. Eu me liberto da culpa, das inúmeras noites em claro onde meu coração transbordava de perguntas sem respostas. Me liberto da revolta com Deus e o mundo, das minhas brigas internas e da minha falta de paciência comigo mesma. Eu me liberto do medo de seguir sem você e da frustração que sua morte me causou. Me liberto das amarras do sofrimento, da autopiedade que me faz sentir pena de mim mesma, do lugar de vítima que me faz enxergar que sou a única a passar por esta dor. Eu me liberto das algemas que prendem minhas mãos e não permitem que eu me abraçe. Liberto meu coração dando-o asas para que volte a se encantar pelas pequenas e grandes coisas e também minha boca para que fale sobre minhas dores e amores sem medos e em breve volte a sorrir. Eu me liberto da saudade que machuca, que me enfraquece, mas permito que a saudade gostosa, aquela que aquece o peito esteja sempre por aqui. Eu me liberto do choro desesperado, mas permito que lágrimas ainda rolem, pois elas me fazem renascer. Eu me liberto de tudo o que me afasta de você e te liberto também. Eu te liberto do peso da minha tristeza e da minha raiva pela sua morte. Te liberto desse meu egoísmo que não me permite enxergar que aquela era a sua história. Eu te liberto, filho, do sofrimento, das dores, do desconforto daquela UTI que talvez ainda estejam presentes em sua memória. Eu te liberto meu amor para que você possa seguir seu destino, que você possa ir com o coração leve e a alma plena de todo o amor que por ti carrego. Eu te liberto cheia de gratidão por ter tido a honra de te receber em meu ventre, meu colo e por todo tempo que estivemos no mesmo plano. Eu te liberto, Eu me liberto. E assim livres, sei que estaremos mais próximos ainda. Unidos por um amor que não tem amarras e dores, mas sim a certeza que um dia ficaremos juntos mais uma vez (PERFIL ARIEL, 2020, *online*).

Com este texto “Eu me liberto, eu te liberto”, referindo-se às amarras e sentimento de culpa por seguir a vida e por sorrir algumas vezes, Ariel dirige-se ao filho e descreve o sentimento de libertação que ela está vivendo, das dores e dissabores do luto, libertando ao filho, a si próprio para seguir a vida, libertando-se entre outros aprisionamentos da tristeza, da revolta

com Deus, trazendo aqui a questão da religiosidade. Ao final, ela reforça o sentimento de estar grata por tudo que passou e passa, mas traz um desabafo e, de forma poética, desperta uma carga de emoção nas mães, que agradecem, se dizem emocionadas e elogiam o texto, que registrou 109 comentários e 362 curtidas.

Ariel verbaliza, no *post 2*, todo o trabalho de elaboração do luto dela, utilizando o espaço de fala viabilizado pelo perfil no *Instagram*. Além disso, algumas vezes, detalha a forma como procura transformar a dor e a relação com o filho em um sentimento que a permita viver mais livre e em paz.

Figura 18 – *Post 3*, Ariel: “Uma mensagem para você”



Fonte: Captura de tela, 2020

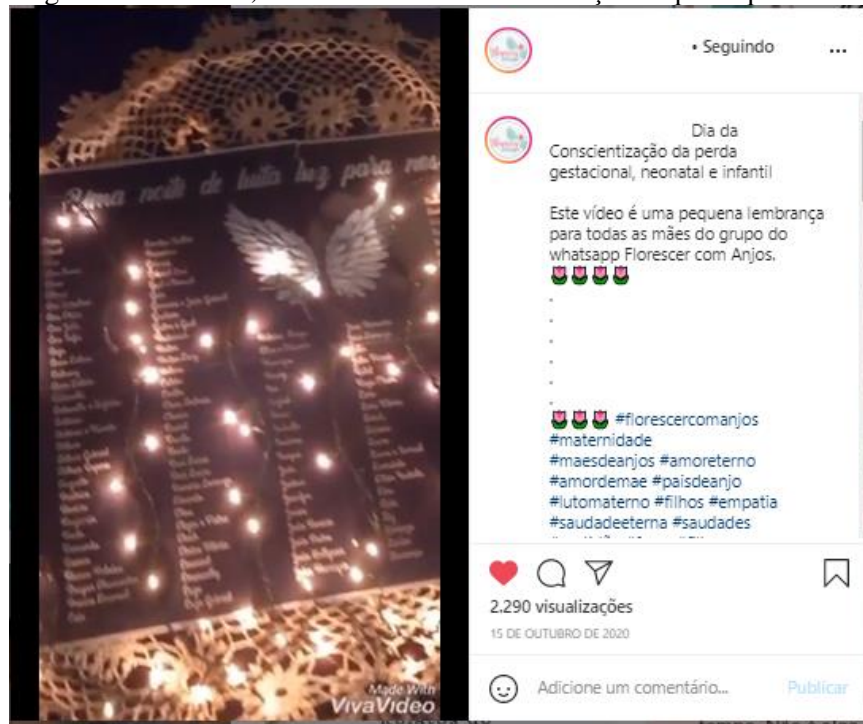
Uma mensagem para você! Eu não te deixei, eu fiquei com você. Fiquei abrigado no teu coração, naquela sala que hoje parece vazia mas está bem cheia de lembranças, sonhos, palavras de amor, alegrias, tristezas, raiva e dor. Ninguém poderia dizer por quê, com que propósito. Eu também não sei. Todos têm boas intenções, mas ninguém sabe dizer a palavra certa ou te dar o abraço certo para que isso tudo suma aí de dentro. Ninguém sabe o que é ou como te ajudar a deixar de sentir, mas estou aí ao seu lado e ajudo-te a continuar, com o meu pequeno passo, estou ao seu lado te ajudando a caminhar e seguir sua jornada. Meus batimentos ainda estão aí, escondidos entre os seus. Talvez hoje você não os perceba, não os ouça em meio à nebulosa de pensamentos que te invadem, entre a amargura do que você sofre no silêncio e a imprudência de quem te diz foi melhor assim, ele ia sofrer, Deus sabe o que faz, eu sei não é justo, não é válido, não é mesmo! Sei que os planos divinos não te confortam agora, que as razões médicas não te satisfazem, que a culpa e a impotência te atacam, mas quero que saibas que nada me faltou enquanto estive aí com você e, portanto, não fui embora. Em você fico na forma da luz, uma luz no fim desse túnel que você acha que será eterno, no riso das crianças, no café das tuas manhãs, no passarinho que visita o teu jardim, na borboleta que de repente toca sua mão, em cada ato de amor que dá a alguém. Estou em cada segundo que você precisa respirar, buscar forças para se sentir melhor, na permissão que você se tem de sentir raiva, ficar triste, estou também

nas conversas com seus amigos, no abraço forte e na lágrima que cai. Estou na coragem que você encontra para se levantar todos os dias e continuar vivendo e amando, embora não seja fácil. Estou em cada beijo de boa noite a cada pessoa que você ama, em cada vez que você se lembra de mim, na primeira risada que você deu após nossa despedida e em cada risada que vem depois, eu prometo que ainda serão muitas. Não sinta culpa de se sentir bem, de fazer coisas para o seu bem, de se cuidar. Eu sei que você tem medo de me esquecer, de me substituir, de parar de sentir minha falta. Quero que saiba que nunca vou te deixar, por mais curta que tenha sido minha passagem por ai, com os meus pezinhos deixei uma marca profunda na vida de vocês. O tempo, ah o tempo, vai te ajudar, por mais que você ache que não, ele ajuda a sarar, ajudar a curar, ele permite que você sofra sem pressão. Não tenha pressa, seja paciente com você. Nada disso é culpa sua. Você merece uma vida feliz, mesmo que de repente se sinta muito triste; tem espaço para sentir tudo, e olha que tem dia que você vai sentir tudo ao mesmo tempo, tudo bem, vai acontecer, é normal acontecer. As pessoas podem ficar desconfortáveis quando você fala sobre mim e sua voz falhar, não importa. Fale de mim e diga a eles que dói, dói muito sim, mas falar ajuda a curar e porque muitas mulheres, homens já passaram por isso e ninguém deve ficar sozinho e em silêncio. Dizem que cada criança deixa células no corpo da mãe e ela nunca mais é a mesma, e cara não é verdade, porque eu sou um pedacinho de você. Obrigado por me desejar tanto e por me abraçar com tanto amor, nesse tempo que estive ai. Mesmo que você sinta que estou longe, estou muito perto por causa do tanto do amor que você tem por mim. Eu sei que nós não ficamos juntos o tempo que você gostaria, mas tenha certeza que a gente já se conhecia muito antes, se conhecia nos seus sonhos, nos seus pensamentos, seus desejos. Eu sempre serei seu filho, e você sempre será minha mãe e meu pai. Eu não fui embora (PERFIL ARIEL, 2020, *online*).

Neste *post*, é como se Ariel recebesse mensagem do filho. Traz uma dimensão forte de espiritualidade, talvez como uma mensagem psicografada, refletindo o desejo de comunicar-se com ele, de sentir-se mais próxima dele. No contexto, o filho acalma a mãe, conforta e diz que não a abandonou, embora não saiba os planos divinos, as razões médicas. Acrescenta que nada faltou a ele, resolvendo uma culpa impregnada em muitas mães que perdem os bebês e a liberta de qualquer culpa. A mensagem diz ainda que ele está em cada manhã, em cada ato de coragem e de vida dela, e em vários momentos agradece por tanto amor dedicado. Fala, portanto, de gratidão, mostra conforto espiritual, expressa amor e força. A postagem apresentou 100 comentários e 1638 curtidas/visualizações.

Neste texto confessional, Ariel retrata visivelmente o conforto que o filho traz a ela com palavras de que o fato que aconteceu é normal e não há culpa dela. Observa-se, assim, a dimensão do perdão a si e ao outro, a necessidade de reconciliação, o pedido de libertação e a proclamação da fé em várias frases da interlocução com o objeto do luto.

Figura 19 – Post 04, Ariel: “Dia da Conscientização da perda perinatal”



Fonte: Captura de tela (2020)

Neste *post*, o vídeo trata do Dia da Conscientização da Perda Gestacional, Neonatal e Infantil, como um presente para as mães de anjo. A música traz uma reflexão e uma homenagem póstuma aos filhos. Além disso, apresenta os nomes de vários anjos e emociona muito as mães, registrando 136 comentários e 2.290 curtidas/visualizações. Aqui, os comentários são de agradecimento por ver o nome dos filhos no vídeo.

Figura 20 – Post 5, Ariel: “Histórias para emocionar e incentivar”



Fonte: Captura de tela (2020)

Há histórias que nos chegam trazendo o mais puro amor e mais ainda a certeza de que todas as vidas são compatíveis com o afeto, carinho e o coração. As palavras de hoje, vieram pelas mãos da @bacciaris. Minha história de amor. Eu passei por três abortos retidos, todos com dois a três meses de gestação, na quarta gravidez passamos do terceiro mês e comemoramos muito! Tínhamos tanta certeza de que tudo estava bem! No sexto mês, no ultrassom morfológico, o médico disse que minha filha não tinha o fêmur nas duas perninhas. Ficamos muito aflitos e decidimos repetir o exame com outro médico. O segundo médico relatou mais uma série de problemas de formação e disse que o diagnóstico era incompatível com a vida. Este mesmo médico disse que minha filha viveria apenas enquanto estivesse ligada a mim e sugeriu que fizéssemos um procedimento para interromper a gestação, foi tudo muito difícil, ficamos sem chão. Mas, escolhemos amar! A nossa filha ficaria o tempo que ela precisasse ficar! Passamos dois meses com a certeza de que teríamos que nos despedir no momento do parto e começou a nossa jornada para mostrar a ela um mundo que ela não iria conhecer. Teve praia, cachoeira, barriga com tinta, músicas infantis, tudo o que estava ao nosso alcance. Nome_do_anjo nasceu, ficou 23 dias na UTI neonatal, enfrentou bravamente todas as suas batalhas e faleceu por conta de uma infecção. Foram dias de muita alegria e amor. Todos os dias a gente cantava ao lado da incubadora: se tem bigodes de foca, nariz de tamanduá, é tão linda, não precisa mudar. Nome_do_anjo era especial, tinha problemas de formação nas pernas e no braço direito. Tinha atresia de esôfago, ausência de útero. E, além de tudo isso, tinha a carinha mais linda e fofo que eu já tinha visto. Está não é uma história triste, é a nossa história de amor. Nome_do_anjo chegou dia 8 de novembro de 2019 e partiu dia primeiro de dezembro do mesmo ano. E aprendemos que a gente vive por aquilo que a gente crê e não por aquilo que a gente escuta. E a gente crê no amor! Sempre e muito! (PERFIL ARIEL, 2020, *online*).

Neste relato, Ariel publica depoimento de uma mãe de anjo que passou por abortos e o quanto vivenciou a gravidez, tentando mostrar a filha, mesmo no ventre, como era a vida aqui por meio de passeios, conversas, músicas e carinho. Teve a informação que a filha não sobreviveria ao parto, podendo ser retirada de imediato, entretanto conta que escolheu amar e deixar no ventre o tempo que fosse possível. O relato de todo este processo de luto despertou emoção e recebeu 86 comentários e 159 curtidas.

Assim, observou-se que nas publicações de Ariel, ela mantém uma conversa com o filho, por meio de mensagens, ora ela envia, ora ela recebe a mensagem vinda dele, o que denota a espiritualidade e religiosidade florescendo na escrita e a necessidade de manter vínculo com o filho morto. Descreve a separação entre eles com amor e gratidão, e recebe muitos elogios pela forma de escrever e agradecimentos pela beleza que as seguidoras veem no texto.

Nessa perspectiva, Franco (2021) diz que o uso da internet como recurso de expressão e elaboração do luto atende a duas necessidades: encontrar seus pares e manter vínculo com o falecido. Dessa forma, percebe-se que, no geral, os textos de Ariel são confessionais e carregam todo o processo emocional no luto. Ela faz uso da escrita no espaço do *Instagram* para manter conexão com o bebê morto e sentir-se pertencente, encontrando eco nas mães que passam por situações de perda perinatal.

Na mesma linha, Melo e Vaz (2019) diz que escrever sobre o luto alivia a dor, tendo um caráter terapêutico. Nesse sentido é que a escrita sobre o processo emocional da perda por morte manifesta recordações do momento, resgata memórias do momento da perda ou da gravidez. É como se houvesse um enfrentamento daquela situação para absorvê-la melhor, compartilhando com outras pessoas e rompendo o silêncio e a solidão, trazendo a dor do luto para o contexto coletivo.

6.3.3 Perfil Agla

No perfil Agla, todos os cinco *posts* estimulam o relato com frases diretamente questionadoras ou que instigam a contar a história vivida pelas seguidoras. No *post* 1, por exemplo, a frase é:

Figura 21 – *Post* 1, Agla: “Qual a frase mais dolorosa que ouviu no processo de luto?”



Fonte: Captura de tela (2020)

Assim, Agla instiga a seguidora e mãe de anjo a contar o que ouviu e o que mais a magoou no processo de luto, possibilitando uma interação, estimulando o diálogo e provocando as mães de anjo a prontificarem-se a viver o processo de luto delas. Assim, à medida que uma mãe enlutada ouve ou lê as frases de outra mãe que perdeu o bebê e encontra-se em situação semelhante, nasce o sentimento de que não se está sozinha naquela situação.

Embora aqui ainda não seja o espaço para abordar os comentários, faz-se necessário dizer que os relatos são de várias naturezas, desde “logo, logo você terá outro”, até a inusitada: “para de frescura”, dita pelo pai de um bebê. Há muitas frases repetidas e uma das mais comuns é: “você é jovem e poderá ter outros”. Estes comentários mostram que há uma invisibilidade desse luto por parte da família, de amigos e, algumas vezes, do pai, como se pelo pouco tempo de vida ou não ter nascido vivo, o amor materno não existiu, a maternidade foi cancelada. Dessa forma, a pergunta remete ou provoca o relato sobre a perda e o luto. A postagem possui 424 comentários e 435 curtidas.

Figura 22 – Post 2, A gla: “Em qual fase do luto você está hoje?”



Fonte: Captura de tela (2020)

Aqui neste *post*, A gla quer descobrir qual momento do luto as usuárias estão vivenciando. Ela revela interesse em buscar uma interação contínua com as usuárias enlutadas, possibilitando uma dimensão diferente, mais instigadora, se comparada aos outros perfis. Para tanto, ela utiliza uma classificação/divisão de fases definidas pela pesquisadora e psiquiatra Elizabeth Kübler Ross, citada por Franco (2021), mais conhecida como os cinco estágios do luto. São elas: a negação, a raiva, a tristeza, a depressão e aceitação. Atualmente, considera-se que estas fases não são estanques e podem ser vividas conjuntamente. As respostas apresentadas nos comentários e adiantadas aqui revelam que a aceitação é maioria. Classifica-se como relato/desabafo os textos que tratam de Perdas e Luto. Este *post* apresentou 247 comentários e 413 curtidas.

Observou-se que as mães que responderam à publicação, em sua maioria, já aceitam a realidade da perda. Uma pequena parcela ainda nega. A aceitação é considerada uma das

últimas fases e está ligada à ressignificação da perda. Para Ceccon (2017), ressignificar é de fato encontrar uma nova forma de ver e viver com aquela ausência. Estes estágios não são considerados pelos estudiosos como fases estanques, uma vez que a mãe pode variar de sentimentos durante o dia e oscilar de uma fase a outra.

Figura 23 – Post 3, Agla: “Só quem saiu...da maternidade com os braços vazios sabe realmente o que é sofrer por amor!”



Fonte: Captura de tela (2020)

Neste texto, Agla faz uma reflexão sobre o sentimento de vazio da mãe sem o bebê sonhado e o tamanho do sofrimento que passa. Na concepção dela, apenas uma mãe de anjo sabe realmente a dor da perda por morte. Com a frase acima publicada, é notório o interesse do perfil em manter uma interlocução direta com as enlutadas, solicitando delas uma confirmação ou não daquela expressão, ou melhor, da situação vivenciada no luto.

A interação que essa frase provoca nos comentários gira em torno de concordar com a frase reflexiva, dizendo: “verdade”, “muito verdadeiro” e “só quem passa entende”. Isso demonstra solidariedade. No que tange aos diálogos, eles demonstram concordância, empatia e solidariedade com o sentimento das mães de anjo. Também é possível perceber sensação de pertencimento das mães enlutadas com a fala do *post*, gerando função social, isto é, engajamento no âmbito digital e apoio no âmbito social. O *post* apresentou 256 comentários e 2.391 curtidas/visualizações.

Figura 24 – Post 4, Agla: “Me conte sua história”



Fonte: Captura de tela (2020)

Com esta frase, Agla estimula o compartilhamento do sentimento de perda. Ao solicitar que conte a história delas, oferece espaço para o relato do luto, no qual podem descrever e narrar com detalhes como ocorreu a morte do bebê, bem como as reações e sentimentos gerados com a perda. Além disso, podem falar sobre a gravidez e como foi após descobrir, através dos exames e demais procedimentos, que o bebê não estava bem até chegar a constatação da morte. Outras, limitam-se a dizer o tempo que faz e que dói muito, de forma que fazem dali um espaço de desabafo, de narrativas de dores físicas e emocionais. A postagem apresentou 184 comentários e 612 curtidas.

Ressalta-se, novamente, que embora não seja o foco analisar aqui os comentários, ao instigar a narrativa, observa-se também pelos comentários que Agla propicia um ambiente para as mães interagirem, expressarem-se, neste local onde podem repetir e falar do/a filho/a sem receios, bem como soltar a emoção sem medo de julgamentos.

Figura 25 – Post 5, Agla: “As palavras mais difíceis que já ouvi foram...infelizmente, não encontramos batimentos cardíacos”



Fonte: Captura de tela (2020)

A frase deste *post* é um desabafo referente ao que foi dito sobre o bebê. Agla relata que foi difícil ouvir isso e, indiretamente, instiga as mães de anjo a relatarem o que foi mais difícil de ouvir naquele momento. Esta postagem apresentou 186 comentários e 484 curtidas.

Instigadas por essa afirmação que tem o tom de desabafo/relato, as mães de anjo tendem a dizer que ouviram a mesma frase ou similares e que foi o pior dia da vida delas. Este *post* provoca interação por meio do relato de memórias do dia da perda, dos momentos em que tiveram que enfrentar a situação difícil e como foram comunicadas ou informadas dessa notícia.

Dessa forma, na situação de sentirem-se invisibilizadas na dor, como diz Bousso (2015), dar voz a esse sentimento é uma possibilidade de romper o isolamento, por meio da escrita e do uso desse espaço coletivo para relatar a própria história.

Além disso, observou-se que o conteúdo das publicações deste perfil é questionador, interativo e provoca resposta das seguidoras. São perguntas que a exemplo do post 5 baseia-se no que ela ouviu e, com esta experiência, planeja o conteúdo. É uma forma de personalizar os posts, conforme o perfil do público alvo e despertar o interesse das seguidoras.

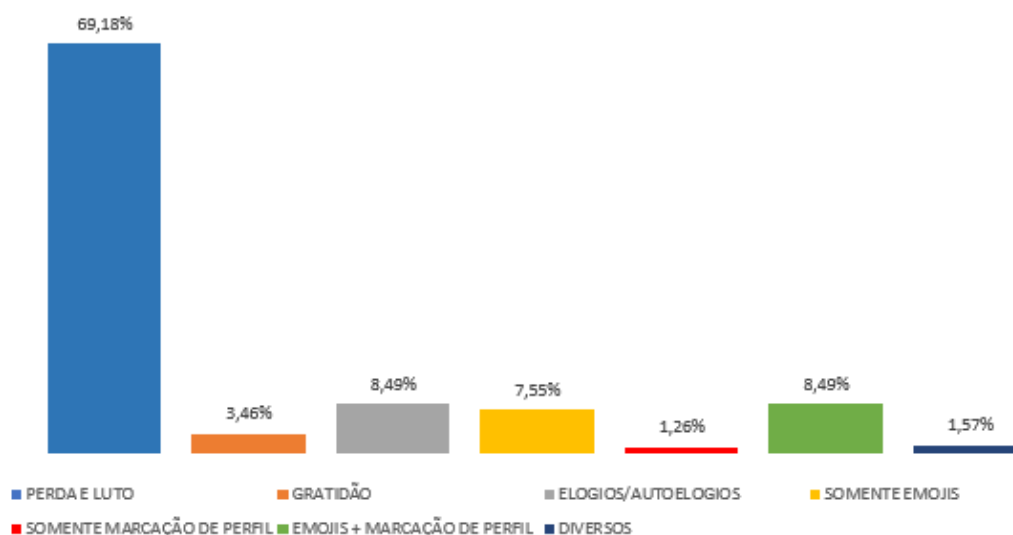
6.4 Descrição do luto nos comentários

Esta análise descritiva volta-se para os comentários das seguidoras de cada perfil em estudo. Pode-se constatar que muitas frases são frequentes no *corpus*, como: “me emocionei

bastante com o texto”, uma forma de demonstração de sentimento; “sinta-se abraçada”, conforto por meio do acolhimento; assim como “eu compreendo sua dor”, como empatia; “Foi a pior coisa que já ouvi na vida”, revelando relato/desabafo de dor; “obrigada, eu precisava ler isso” e “texto lindo”, classificadas como gratidão; e na categoria elogio/autoelogios: “somos guerreiras”. Em Diversos, está em frases como: “ore por mim estou sem forças”.

Neste eixo, apresenta-se gráficos e tabelas que fornecem compreensão visual do quão cada categoria e subcategoria representa dentro do *corpus*, ressaltando que teve-se o cuidado de não segmentar o objeto, observou-se a ênfase das frases analisadas, funcionando como espécie de balizamento para o estudo.

Gráfico 1 – Percentual por categoria do Perfil Angel



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Analisando os dados do gráfico 1, observa-se que os relatos da experiência do luto são a maioria dos comentários das seguidoras, categorizadas como Perda e Luto, o que pode revelar a necessidade de espaço de fala, fazendo do *Instagram* esse ambiente no qual as enlutadas contam, em detalhes, o evento da morte, o que se passa e como se sentem depois.

A categoria Elogios/autoelogios surge em segundo lugar, revelando que há registros de exaltação e louvor aos textos escritos nas publicações analisadas. A Gratidão é uma categoria que aparece em quinto lugar, mostrando que as seguidoras são agradecidas pelo apoio através dos textos e falas das administradoras dos perfis. As demais categorias não foram objeto desse estudo.

Para Angel e Agla, a categoria Perda e Luto é maioria com 69,18% e 76,66%, respectivamente, mostrando que o destaque são os relatos em forma de história. No perfil Ariel,

o percentual é de 32,14%, mostrando a característica base daquele perfil que trata e publica relatos com escrita mais poética. A administradora escreve textos sobre luto com suavidade e recebe muitos agradecimentos das mães enlutadas.

Tabela 1 – Categorias do Perfil Angel

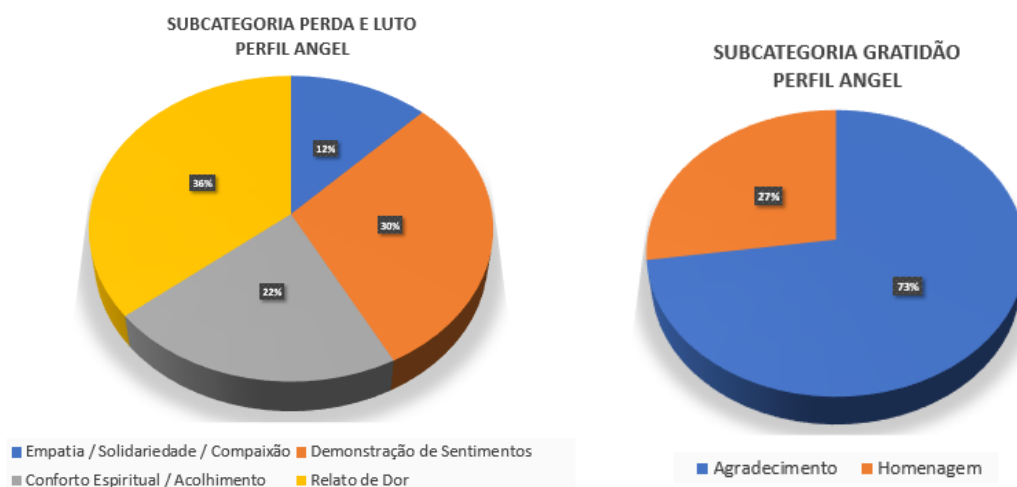
CATEGORIA		<i>f. abs</i>	<i>f. rel</i>
Perda e Luto		220	69,18%
<i>Subcategoria</i>	<i>Empatia/Solidariedade/Compaixão</i>	27	12,27%
	<i>Demonstração de Sentimentos</i>	66	30,00%
	<i>Conforto Espiritual / Acolhimento</i>	48	21,82%
	<i>Relato de Dor</i>	79	35,91%
Gratidão		11	3,46%
<i>Subcategoria</i>	<i>Agradecimento</i>	08	72,73%
	<i>Homenagem</i>	03	27,27%
Elogio / Autoelogio		27	8,49%
Somente emojis		24	7,55%
Somente marcação de perfil		04	1,26%
Emojis + Marcação de perfil		27	8,49%
Diversos		05	1,57%

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

O perfil Angel apresenta no total 69,18% dos comentários enquadrados como Perda e Luto; 3,46% Gratidão; 8,49% Elogio/autoelogio; 7,55% somente emojis; 1,26% somente marcação de perfil; 8,49% emojis + marcação de perfil e 1,57% como Diversos. A categoria Perda e Luto engloba a empatia/solidariedade/compaixão, que obteve 12,27%; demonstração de sentimentos com 30,00%; conforto espiritual/acolhimento com 21,82%; e relatos de dor, que atingiu 35,91% dos textos analisados.

Assim, os dados mostram que as narrativas sobre a dor vivida nas condições do luto são a maior parte destes comentários, inferindo-se que o espaço do *Instagram* tem sido recurso utilizado pelas usuárias do perfil para elaboração do luto, através da escrita. A demonstração de sentimentos surge em segundo lugar. O conforto espiritual e acolhimento foram observados em frase como: “Sinta-se abraçada”; “[...] que Deus possa te abraçar e te fortalecer” (PERFIL ANGEL, 2021). Já a empatia/compaixão podem ser inferidas em frases como: “[...] sei bem como é essa dor”; “A gente sente do mesmo jeito, não importa quanto tempo” (PERFIL ANGEL, 2020).

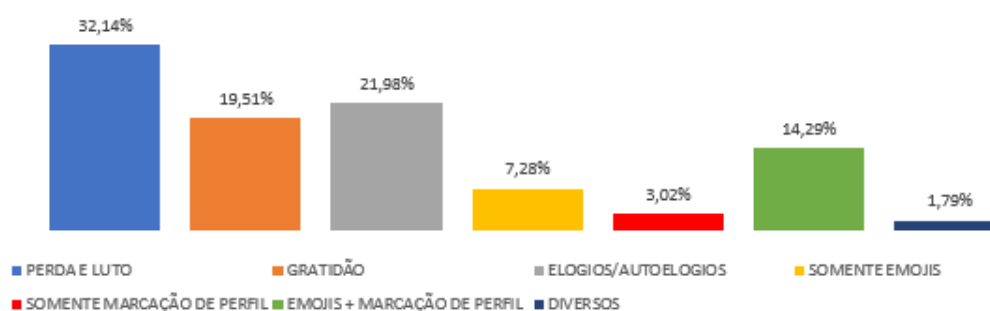
Gráfico 2 – Composição da categoria por subcategoria do Perfil Angel



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

O gráfico 2, apresentado em duas imagens, dá os detalhes das subcategorias de Gratidão e de Perda e Luto. O objetivo é ressaltar a dimensão espacial que cada subcategoria atinge dentro dos comentários do perfil analisado. Neste caso, como já mencionado, a tendência aos relatos da situação de sofrimento experienciado são a maioria. Entretanto, vale ressaltar que a empatia/solidariedade/compaixão está presente com mais de 12%, entendendo-se a compaixão como a virtude de compartilhar o sofrimento do outro (SPONVILLE, 1995). Em relação à Gratidão, os agradecimentos ficam mais evidentes com 75% dos comentários.

Gráfico 3 – Percentual por categoria do Perfil Ariel



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

O Perfil Ariel mostra 32,14% na categoria em Perda e Luto, sendo 20,09% empatia/solidariedade/compaixão; demonstração de sentimentos 41,45%; conforto espiritual/acolhimento, 26,50%; relatos de dor, 11,97%. Quanto a categoria Gratidão, apresentou 19,51%, sendo agradecimento com 95,07% e homenagem com 4,93%. As demais

categorias são distribuídas da seguinte forma: elogio e autoelogio, 21,98%, somente emojis, 7,28%; somente marcação de perfil, 3,02%; emojis + marcação de perfil, 14,29% e diversos obteve 1,79%.

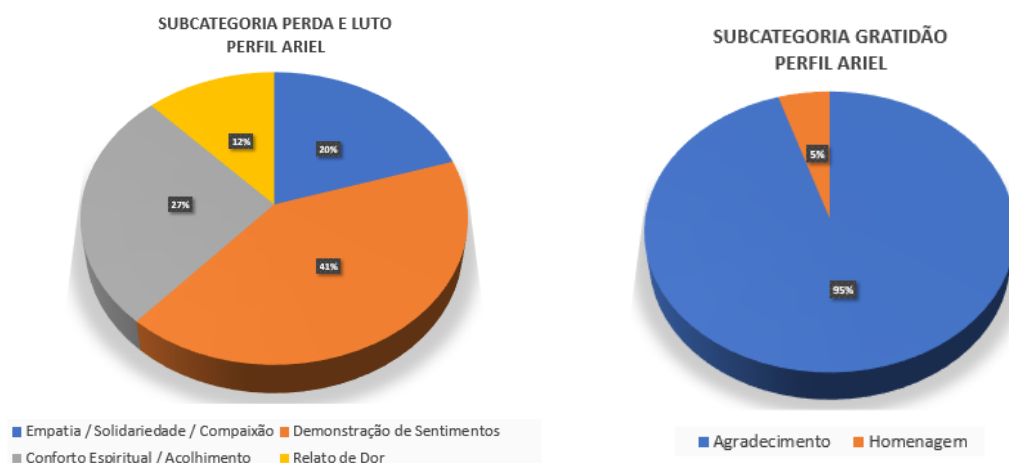
Tabela 2 – Categorias do Perfil Ariel

CATEGORIA		<i>f. abs</i>	<i>f. rel</i>
Perda e Luto		234	32,14
<i>Subcategoria</i>	<i>Empatia/Solidariedade/Compaixão</i>	47	20,09
	<i>Demonstração de Sentimentos</i>	97	41,45
	<i>Conforto Espiritual / Acolhimento</i>	62	26,50
	<i>Relato de Dor</i>	28	11,97
Gratidão		142	19,51
<i>Subcategoria</i>	<i>Agradecimento</i>	135	95,07
	<i>Homenagem</i>	07	4,93
Elogio / Autoelogio		160	21,98%
Somente <i>emojis</i>		53	7,28%
Somente marcação de perfil		22	3,02%
<i>Emojis</i> + Marcação de perfil		104	14,29%
Diversos		13	1,79%

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

A demonstração de sentimentos, neste perfil, é bem significativa e atingiu mais de 40%, revelando a necessidade dessas mães de falar como se sentem. Como exemplo: “É desse jeito que sinto. Meu Frank sempre comigo” (PERFIL ARIEL, 2020, *online*). O conforto espiritual/acolhimento surgiu num segundo lugar, revelando o espírito acolhedor, a exemplo de: “Que bom que chegaram no momento certo” (PERFIL ARIEL, 2020, *online*). Quanto a empatia/solidariedade/compaixão, a presença também é relevante e surge em frases como: “Impossível conter as lágrimas” (PERFIL ARIEL, 2020, *online*).

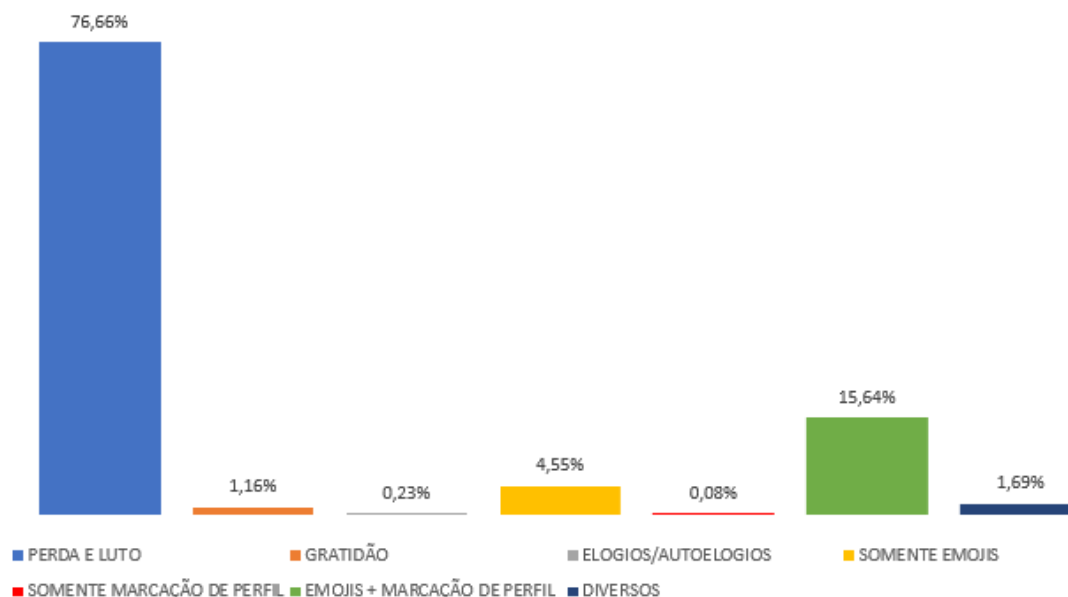
Gráfico 4 – Composição da categoria por subcategoria no Perfil Ariel



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

No gráfico acima, observa-se o detalhamento das categorias Gratidão e Perda e Luto. A primeira apresenta frases de agradecimentos, enquanto a segunda, demonstrações de sentimentos.

Gráfico 5 – Percentual por categoria do Perfil Agla



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

O Perfil Agla traz, no total, 76,66% dos comentários das usuárias do perfil na categoria Perda e Luto; 1,16% de Gratidão; 0,23% Elogio/autoelogio, 4,55%; Somente emojis; 0,08% Somente marcação de perfil; 15,64% emojis + marcação de perfil; e 1,69% como Diversos. Dentro de Perda e Luto estão: 12,26% empatia/solidariedade/compaixão; 17,49% demonstração

de sentimentos; 9,75% conforto espiritual/acolhimento; 60,50% relatos de dor. Na categoria Gratidão, são 53,33% de agradecimento e 46,67% de homenagem.

Tabela 3 – Categorias do Perfil Agla

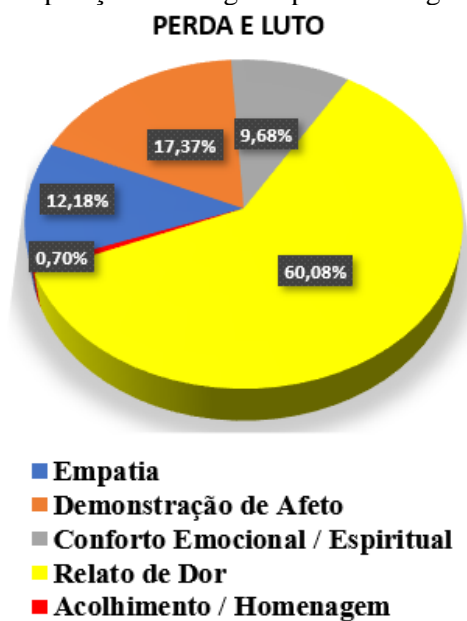
CATEGORIA		<i>f. abs</i>	<i>f. rel</i>
Perda e Luto		955	76,66%
<i>Subcategoria</i>	<i>Empatia/Solidariedade/Compaixão</i>	122	12,26%
	<i>Demonstração de Sentimentos</i>	174	17,49%
	<i>Conforto Espiritual / Acolhimento</i>	97	9,75%
	<i>Relato de Dor</i>	602	60,50%
Gratidão		15	1,16
<i>Subcategoria</i>	<i>Agradecimento</i>	08	53,33%
	<i>Homenagem</i>	07	46,67%
Elogio / Autoelogio		03	0,23%
Somente emojis		59	4,55%
Somente marcação de perfil		01	0,08%
Emojis + Marcação de perfil		203	15,64%
Diversos		22	1,69%

Fonte: Elaborada pela autora (2021)

Ao observar os dados obtidos por meio dos comentários deste perfil, verifica-se que majoritariamente estão os relatos e desabafos sobre a dor do luto. Essa é uma característica forte em Agla, que nas postagens do *feed*, costuma estimular a história de cada uma em particular. O perfil amplia o espaço da contação da história e da escuta, a exemplo desse comentário: “Tive um aborto retido com 5 a 6 semana, é depois de 1 semanas tive aborto espontâneo e uma dor que não tem fim, mais tenho fé que tudo vai dá certo” (PERFIL AGLA, 2020, *online*).

A demonstração de sentimentos vem em segundo lugar, norteados os achados neste ambiente que se mostrou propício para as mães enlutadas contarem o que sentem. Pelos demais números, as categorias e subcategorias aparecem nas interações das usuárias da rede, porém de forma mais leve.

Gráfico 6 – Composição da categoria por subcategoria do Perfil Agla



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

A partir da análise do gráfico 2, percebe-se melhor a relevância de cada subcategoria dentro dos comentários, isto é, como podem ser classificadas a escrita destas mães naquele ambiente digital, surgindo expressões de solidariedade, de conforto espiritual, mas, sobretudo, a explanação da situação enfrentada com a gravidez e a perda do filho. Como exemplo, tem-se o seguinte relato:

Foi no dia 30/11/20 que tudo começou... Mamãe foi em uma consulta com a médica para ver se eu já estava encaixado, pois já estava quase pertinho de eu nascer 38 semanas. Foi ali que tudo começou, médica colocou o aparelho do ultrassom na barriga da mamãe e viu que já estava sem líquido e o meu coração já estava sem batimentos. Mamãe foi imediatamente para o hospital, chegando lá fizeram vários ultras, e viram mesmo que eu já havia morrido na barriga da minha mãe. Mamãe está esperando sair o resultado para ver o que ocasionou minha morte, já que na quinta dia 26/11, eu estava bem, pulando que só no barrigão dela... Mamãe pode segurar eu no colinho dela mesmo sem vida. Agora sou um anjinho. Minha estrelinha (PERFIL AGLA, 2020, online).

Logo, verificando os gráficos e os textos, observa-se que tanto Angel, como Agla apresentam dados bem parecidos no que tange à categoria Perdas e Luto, assim como nas demais, o que pode ser atribuído ao fato de que os *posts* dos *feeds* destes dois perfis tratam, em sua maioria, de narração ou descrição da dor, ou desabafo pela situação vivida. São temas que estimulam as usuárias/seguidoras da rede e dos referidos perfis a fazerem uso do espaço para contarem como se sentem e a sua história.

No Perfil Ariel, dos cinco *posts*, apenas um, ou seja 20%, caracteriza-se como relato, os demais tratam de gratidão, conforto emocional/espiritual. Não há um estímulo explícito a

narrativas. Nessa categoria, como já se descreveu, há muitas postagens apenas de *emojis* ou marcações de perfis que não são objetos de estudo nesta pesquisa.

6.4.1 Análise de Similitude

Ressalta-se que entre os objetivos específicos desta pesquisa está a verificação da existência de padrões de interação e expressões mais recorrentes. Estes dados podem ser apontados por meio das frases dos comentários, analisadas por meio de classificação balizadora feita por categoria e subcategorias, bem como após o processamento do *corpus* pelo software Iramuteq. Este possibilitou a elaboração do gráfico de similitude e a nuvem de palavras, bem como a frequência de palavras dos perfis Angel, Ariel e Agla, embora esta frequência não seja um objetivo em si mesma.

Observou-se padrões de interação nas frases dos comentários, nos quais a fala de cada seguidora ou mãe enlutada estimula a outra a viver a dor e seguir com fé. Além disso, muitas expressões comunicadas denotam a solidariedade, empatia, compaixão, o conforto espiritual e o acolhimento. Algumas vezes as manifestações repetem-se, por exemplo, um “sinto muito”, nas respostas interativas. Outras são feitas com relatos da vivência das próprias seguidoras que experienciaram algo parecido e já contam o fato. Outras vezes, concordam dizendo é “verdade”, ou então, “ouvi muito isso também”.

Dessa forma, a comunicação compartilhada pelas seguidoras resvala para a empatia, compaixão e solidariedade diante do descrito, variando em intensidade e quantidade de acordo com o perfil em estudo. No Perfil Angel, os comentários são variados e vão de elogios, autoelogios, empatia, desabafo e conforto espiritual, como: “Que lindo! Também sou mãe de anjo. Ainda não tive o privilégio de ter outro filho. Está nas mãos de Deus.”; “Pura verdade”; “Que dor meu Deus, hoje faz um mês”; “Feliz dia das mães para nós que somos essas mães fortes que tivemos que devolver um filho para Deus” (PERFIL ANGEL, 2021, *online*).

No Perfil Ariel, os padrões de interação são no sentido de revelar agradecimento e gratidão, com recorrência de palavras como: “obrigado” e “lindo texto”. Mães enlutadas e seguidoras se dizem emocionadas e emotivas com os textos da administradora do perfil, por isso são gratas por se sentirem representadas, acalentadas e confortadas emocionalmente.

São muito comuns as expressões: “Obrigada! Eu me liberto!”; “Ah! Como eu amo esses textos. Como define nossos sentimentos, nos acalma, nos compreende, nos liberta”; “Linda história! Muito amor para vocês”; “Muito obrigada!”; “Que coisa linda! Em lágrimas, lendo

aqui. Obrigada por tanto”; “Impossível segurar as lágrimas, esse texto tocou meu coração como se fosse um acalanto” (PERFIL ARIEL, 2020, *online*).

Fazendo um apanhado das expressões mais comuns nos comentários do *post* em que Agla solicita às mães escreverem quais as mais difíceis frases que já ouviram, obteve-se comentários de várias naturezas, desde: “logo, logo vem outro para substituir”; “você é nova pode ter mais filhos”; “Ainda bem que tinha poucos dias de vida, imagina se fosse mais velho”; “Foi melhor assim”; (PERFIL AGLA, 2021, *online*). Houve também a manifestação de um pai de um bebê com a frase: “Para de frescura”. Há também muitas frases repetidas e uma das mais comuns é: “você é jovem e poderá ter outros”. Estes comentários mostram que não há visibilidade nesse luto, não há valorização da situação de dor.

Vale ressaltar aqui outras sentenças como exemplos da forma em que o luto pela perda é tratado em algumas ocasiões, como no ambiente hospitalar, e estão presentes nos comentários: “quando seu filho nascer, segura ele no colo até o coração dele parar porque ele é prematuro e não vai sobreviver” (PERFIL AGLA, 2020, *online*). Outro relato de como a comunicação se deu no hospital foi citada em: “Você sabe né mãezinha! O que está acontecendo é um aborto e não podemos fazer nada” (PERFIL AGLA, 2020, *online*).

Estas informações demonstram as manifestações expressas de não reconhecimento da dor do luto das mães de anjo. As frases acima descritas giram em torno do fato de que não houve tempo para o apego, que eram apenas células e não se leva em consideração o amor que a mãe já nutre pelo ser vivo no ventre. Conforme Melo e Vaz (2019), há um preconceito generalizado na sociedade com esse tipo de sofrimento, e o bebê é visto apenas como um feto, o que não demandaria grande dor.

Importante destacar que uma das publicações do Perfil Agla indaga qual fase do luto a mãe de anjo está, e as respostas apresentadas revelam que: 37,50% estão na aceitação; 26,84% tristeza; 13,97% depressão; 12,87% raiva e 8,82% estão na fase da negação. Atualmente, considera-se que estas fases não são estanques e podem ser vividas conjuntamente, entretanto, observou-se que as mães que responderam à pesquisa, em sua maioria, já aceitam. A aceitação é considerada uma das últimas fases e está ligada à ressignificação da perda.

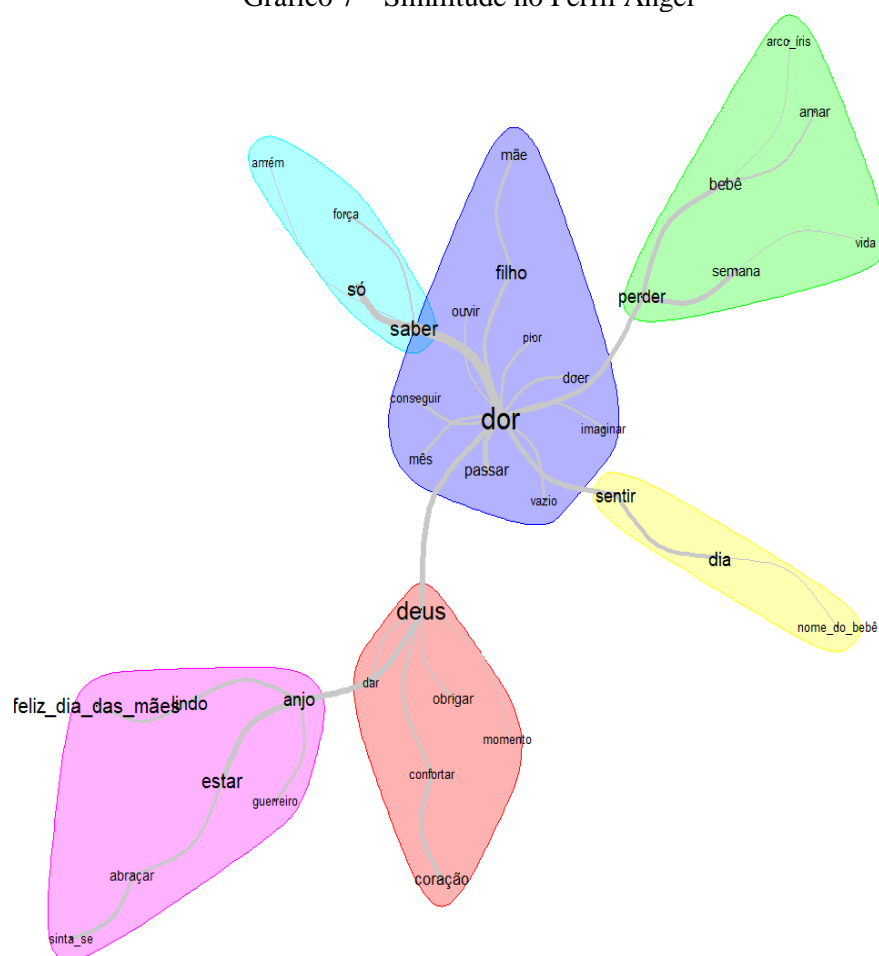
Assim, após observar os comentários deste perfil, verificou-se no *post* do *feed* da administradora e nos comentários das mães de anjo a percepção da invisibilidade do luto perinatal. A forma pelo qual as mães foram comunicadas da morte do bebê também gerou algum desconforto. As palavras/frases dirigidas a estas mães, em vez de serem empáticas durante o processo de luto, magoaram, na maioria das vezes, e foram vistas como “absurdas” e “violentas”, a exemplo do que disseram outras mães nos comentários.

Portanto, pelo relato delas, muitas frases magoam-nas e mesmo as pessoas tendo a intenção de ajudarem, na maioria das vezes, as mães de anjos sentem-se menosprezando no sofrimento vivido por elas, ferindo o direito de estar em luto, ferindo a dignidade da pessoa humana, para usar um termo utilizado por Casellato (2020).

Por meio da análise de similitude, de cada perfil, foi possível identificar as ocorrências entre as palavras e as indicações da conexão entre elas, auxiliando na identificação da estrutura do conteúdo do *corpus* textual. A análise de similitude apresenta as palavras próximas e as que estão distantes umas das outras, mostrando as relações guardadas entre si nos textos. Dessa forma, pode-se inferir a estrutura de construção do texto pelos temas apresentados em cada nó do gráfico, lembrando que quanto maior a largura da linha, maior é a conexão entre as palavras. Quanto mais fina e mais distante, menor a conexão.

Verifica-se que os termos mais periféricos em cada agrupamento ou balão se conectam ao conjunto principal com linhas mais tênues, tendo menor similaridade. Os termos ligam-se por fios, que representa o grau de conexão. Os fios mais grossos é quando a conexão é mais intensa.

Gráfico 7 – Similitude no Perfil Angel



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

No gráfico 7, que se refere ao Perfil Angel, a palavra central e em destaque é “dor”. Por essa representação, entende-se que esse vocábulo “dor” está na maior parte dos comentários e articula-se diretamente. Além disso, possui forte conexão com as outras que estão destacadas dentro dos demais balões: “perder”, “saber”, “sentir”, “Deus” e “anjo”. Cada uma delas relaciona-se à palavra dor no centro da figura. As palavras que estão distantes umas das outras, como “Deus” e “perder”, têm pouca correlação, ao passo que “sentir” e “saber” podem também relacionar-se entre si em razão da proximidade em que estão.

A partir dessa informação, infere-se que os comentários do perfil se voltam basicamente para relatos de sentimentos de dor e perda. Os termos dor, Deus, saber, perder, sentir e anjo estão vinculadas por um traço cinza mais grosso, ou seja, com uma espessura larga para mostrar que estão bem conexas, embora cada uma esteja num agrupamento diferente que são os balões. A dor é central no conteúdo das falas, permeadas pelo relato dos sentimentos de perda do anjo, assim como o termo “dor” está visivelmente menos ligado a outras expressões, como coração e arco-íris, localizados nas extremidades dos outros balões, por meio de linhas tênues.

No agrupamento em que está o termo “saber”, (que é fortemente ligado a palavra “dor”), a conexão é direta com o monossílabo “só”, tendo em vista que o conteúdo das falas das mães mostra repetidas frases em que dizem que somente Deus para amenizar a dor do luto perinatal. Já o balão no qual a palavra “perder” se sobressai, o fio condutor forte leva até o termo bebê, considerando que nos comentários as mães detalham sobre a perda do bebê, a exemplo:

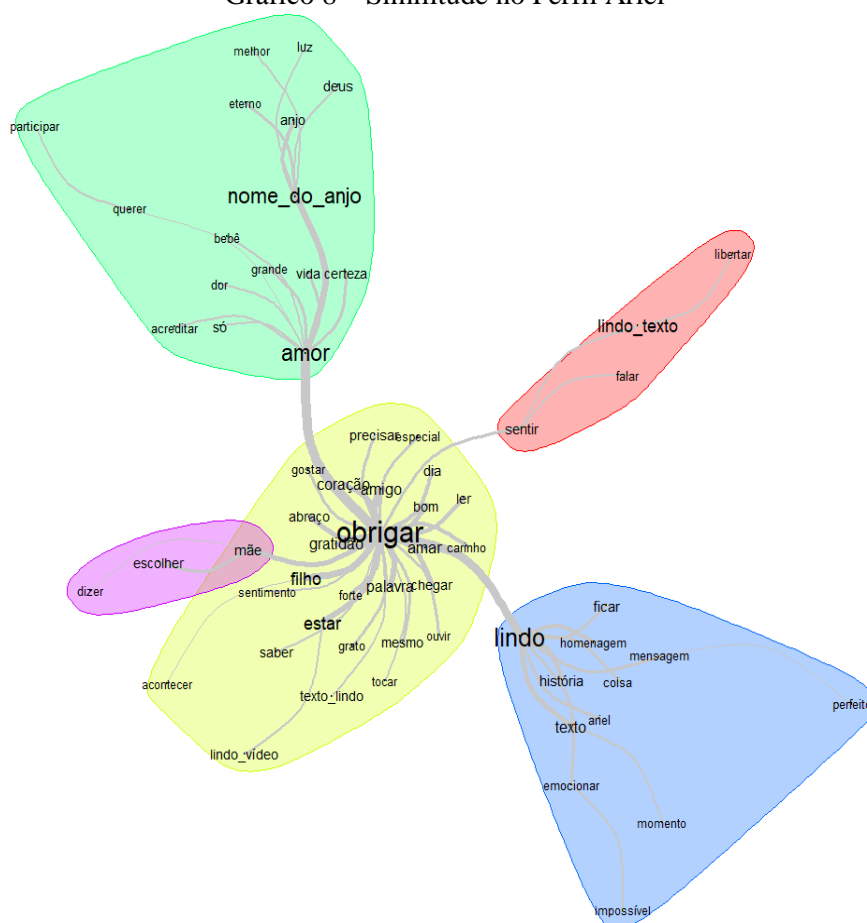
Hoje me bateu uma tristeza e ao mesmo tempo saudades. Perdi minha princesinha linda vai fazer 3 meses com 1 mês de vida, e vi uma mãe com a dela no carro, era linda e lembrava. Estava mamando, com um chorinho tão gostoso, me deu tanta saudades daquele choro e de dar de mamar. Só Deus e o tempo mesmo pra amenizar (PERFIL ANGEL, 2021, online).

Em outro balão, no qual a palavra “sentir” é destaque, o fio cinza e largo está relacionado com o termo “dia”, uma vez que nos relatos falam que sentem emoções variadas ao longo do dia. No agrupamento em que o termo “Deus” é o predominante, a palavra com a qual tem maior relação é “dar”. Nesse sentido, seria um apelo religioso de que apenas Deus poderia dar o consolo a elas, como expresso no seguinte relato: *“querida eu sinto muito mesmo por seu anjinho. Para uma mãe a perda de um filho é a pior dor do mundo independente se o filho tem um mês ou 100 anos. Eu também tenho anjos no céu e sei quanto dói. Deus está com você querida”* (PERFIL ANGEL, 2020, online).

No último balão estão em destaque a palavra “anjo” e a expressão “feliz dia das mães”, tendo em vista que as mães enfatizam que, mesmo sem os filhos no colo, são mães e não perdem essa característica por eles terem partido. Como exemplo tem-se o seguinte comentário: “Lindo o texto feliz dia das mães de anjos que somos guerreiras que somos fortes por suportar essa dor de não ter os nossos anjinhos aqui com a gente” (PERFIL ANGEL, 2021, online).

Importante acrescentar que mesmo as palavras mais periféricas em cada círculo estão conectadas ao conjunto principal, como “dor” e “amém” ou “abraçar”. Estes últimos fazem sentido uma vez que o conforto espiritual é muito presente na interação entre as mães, assim como o relato de saudade e vontade de abraçar o bebê são uma constante.

Gráfico 8 – Similitude no Perfil Ariel



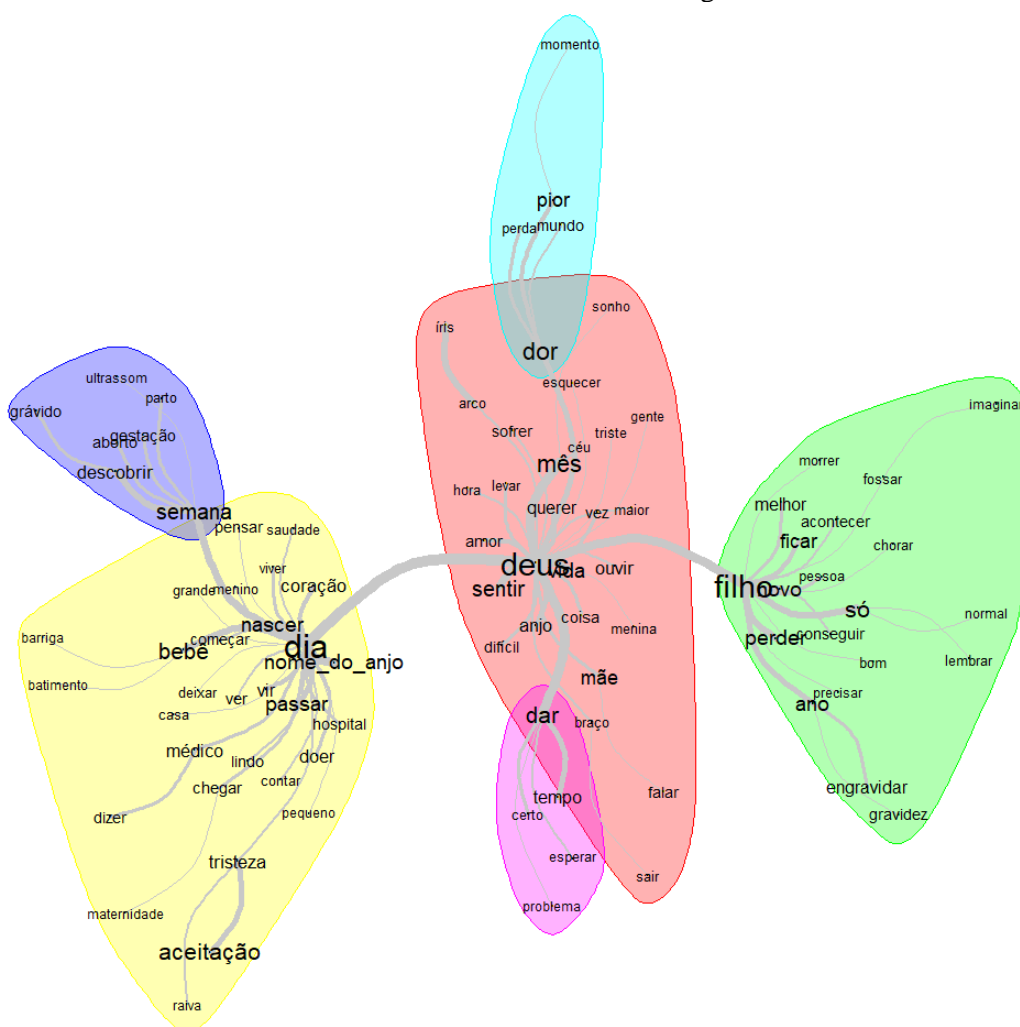
Fonte: Elaborado pela autora (2021)

No gráfico que se refere ao Perfil Ariel, a palavra central e em destaque é “obrigar” referindo-se ao vocábulo obrigado, presente na maior parte dos comentários deste perfil e articula-se diretamente com as outras que estão destacadas dentro dos demais balões, como: amor, lindo, sentir e nome do anjo. A palavra “obrigar” surge em razão de uma configuração do sistema Iramuteq, denominada lematização, que significa reduzir a palavra a sua forma base e agrupar diferentes formas da mesma palavra. Obrigor é lema das palavras obrigado e obrigada.

O balão central traz, dessa forma, o termo obrigor, interligando-o a vários outros como gratidão, texto lindo, amar e vídeo. Desta forma, percebe-se que o conteúdo gira em torno de elogio e gratidão, porque são gratas pelas palavras dos textos e homenagens aos filhos. Infere-se que Ariel registra muito agradecimento por parte das seguidoras pelos textos emocionantes que publica. É importante esclarecer que, para o programa Iramuteq reconhecer o nome próprio do filho como um dado relevante para análise, teve-se que adotar a palavra “nome do anjo” a fim de demonstrar a repetição dessa informação nos textos, pois com vários nomes distintos o dado teria uma frequência baixa, o que causaria uma perda significativa quanto a demonstração da necessidade das mães em expressar o nome do bebê.

Analisando-se o grupo de balões, aquele onde destaca-se a palavra “nome_do_anjo” está conectado, por linha larga, a palavra “amor”, o que se pode inferir que o amor é o sentido da vida destas mães. No balão que ressalta a palavra “sentir”, a conexão maior é com o termo “lindo texto”, significando a emoção que sentem com o texto considerado bonito. Já no agrupamento no qual “lindo” é a maior palavra, várias menores conectam-se umas às outras, a exemplo de “homenagem” e “texto”, mostrando que elogiam a beleza do texto e da homenagem feita naquele perfil aos filhos anjos. Já no agrupamento em que “mãe” é destacada, a correlação maior é com o termo “escolher”, no sentido de serem gratas por terem sido escolhidas por Deus para serem mães de anjo.

Gráfico 9 – Similitude no Perfil Apla



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

No gráfico 9, que representa a análise de similitude do Perfil Apla, as palavras que se destacam nos balões e são conectadas fortemente são: “Deus”, “dor”, “filho”, “dia”, “semana” e “aceitação”. Elas se entrelaçam à medida que as mães, sendo minuciosas na descrição dos

fatos, falam que somente Deus pode aliviar a dor da perda do filho, que estavam com semanas no ventre e, mesmo tristes, tendem a aceitação.

Como é a espessura dos fios que mede a dimensão da conexão entre eles, o balão central com o termo “Deus” em destaque vincula-se com mais frequência às palavras “dor” e “sentir”, que estão no mesmo agrupamento. Elas estão correlacionadas pelo fato de que o conforto espiritual é uma subcategoria que aparece com frequência, sendo, portanto, recorrentes pedidos a Deus para confortar a dor que sentem. Como ilustração dessa entrega a Deus, tem-se o seguinte comentário:

Só aqui mesmo para desabafar...minha gestação foi bem tranquila. Todos os exames tudo estava ok. No dia 16.11.20, as 3 horas da manhã minha bolsa se rompeu. Esperei começar sentir contrações para poder ir para a maternidade...as 5 horas começaram as contrações então fomos. Chegando lá já estava com 5 centímetros de dilatação, eu estava tão feliz pois estava mais perto de ver o meu bebê. As contrações só aumentaram e fui para a sala de parto. Tive meu filho muito rápido, mas infelizmente estava com o cordão umbilical no pescoço e ficou sufocado. Nossa foi uma dor tão grande que fiquei em choque. Toda segunda sofro... sinto um vazio no meu coração e em meus braços. O que me conforma é saber que ele está nos braços de Deus (PERFIL AGLA, 2020, *online*).

Outra conexão forte da palavra “Deus” é com as palavras que estão em balões diferentes, como “dia” e “filho”, revelando o que surge nos relatos sobre os dias difíceis sem o filho nos braços. O balão no qual o destaque é o termo “dia”, a conexão com “nome do anjo”, “bebê”, “nascer” e “aceitação” são fortes. Infere-se daí que relatam sobre o dia do nascimento do filho e algumas escrevem que estão em fase de aceitação. Um exemplo dessa ligação pode ser visualizado neste comentário: “Sei que não é fácil sofri por um ano meu luto... mas confia em Deus, Ele vai te dar forças para se reerguer. Se precisar pode me chamar. Que Deus te abençoe” (PERFIL AGLA, 2020, *online*).

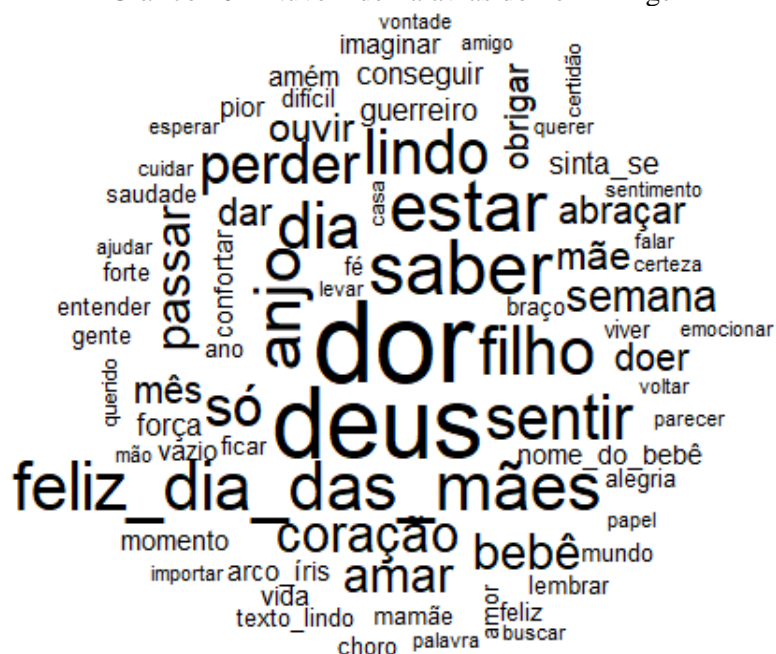
No agrupamento em que a palavra “filho” se destaca, os termos mais ligados são “perder” e “ficar”, denotando que ficar sem o filho em razão da perda é o que há de mais marcante para elas. No pequeno balão com a palavra “semana” em destaque, a ligação desta é com vocábulos como “descobrir” e “pensar”, revelando o que dizem os relatos sobre a semana que descobriam o problema na gravidez. No pequeno agrupamento de palavras, logo acima do balão principal, a palavra que reina é “pior”, alusiva ao relato de pior dia da vida ou pior dor destas mães, como uma delas relata: “Tive um parto prematuro com 32 semanas devido uma infecção muito forte, meu bebê nasceu com falta de oxigênio no cérebro ficou 5 horas não pude ver pessoalmente

devido ter feito uma cesária de emergência foi a pior dor perder o meu filho” (PERFIL AGLA, 2020, *online*).

6.4.2 Nuvem de Palavras

A nuvem de palavras, que é um gráfico digital produzido pelo software Iramuteq, nos permite mostrar o grau de frequência das palavras pelo tamanho do vocábulo, isto é, quanto maior a frequência, maior é o tamanho da palavra no gráfico. Nos perfis Angel, Ariel e Agla, as nuvens de palavras trazem praticamente todas as palavras destacadas na análise de similitude.

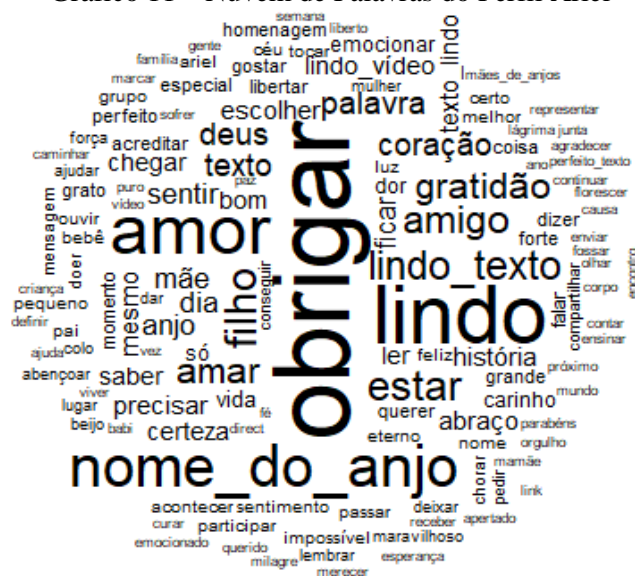
Gráfico 10 – Nuvem de Palavras do Perfil Angel



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Importante ressaltar que Angel foca no processo agudo de dor, vivido no luto, bem como na busca pelo conforto espiritual, tendo como destaque as palavras “dor”, “Deus” e “sentir”. A dor a qual as mães se referem é a dor emocional. Esta, conforme Biro (2011), se iguala a de pessoas que experimentam a dor psíquica causada pela depressão aguda ou mesmo a de pacientes com câncer que vivenciam o medo da morte e a ansiedade.

Gráfico 11 – Nuvem de Palavras do Perfil Ariel



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Os textos de comentários do Perfil Ariel focam na gratidão das seguidoras pela escrita tocante. Observa-se que, tanto no gráfico de similitude como na nuvem de palavras, no caso de Ariel, as três palavras em destaque são “obrigar”, “lindo” e “amor”, das quais se pode inferir que o conteúdo dos textos das usuárias enlutadas é inerente ao momento de luto em que muitas delas se encontram, ou seja, na condição de aceitação e gratidão por terem sido mães de anjo.

Gráfico 12 – Nuvem de Palavras - Perfil Agla



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Quanto ao perfil Agla, verifica-se que as palavras em destaque são “Deus”, “filho”, “dia” e “semana”, uma vez que se repetem muito no texto narrado pelas usuárias enlutadas. São relatos descritivos do processo de gravidez, descoberta de um problema com o bebê ou na hora do parto.

Observando os perfis, identificou-se que o Perfil Angel é um blog pessoal com objetivo, descrito na página, de apoiar mães de anjos. Ariel é intitulado como espaço de acolhimento e escuta para mães e pais de anjos que se despediram de seus filhos. Agla se define como criador de conteúdo digital, ajudando mães de anjo a se levantarem e encontrar esperança.

Assim, Angel e Ariel apresentam características mais pessoais, com relatos da vida diária e imagens, algumas em forma de desenhos, que representam os anjinhos, ou seja, os filhos mortos. Já o Perfil Agla, mostrou-se inicialmente com desenhos e fotos sem produção e, em 2021, apresentou fotos produzidas em estúdio e textos mais elaborados, com uma média de três postagens por dia, o que demonstra um trabalho profissionalizado e até sugerindo trabalho de equipe.

A característica comum deles é apresentar, nos *posts* dos *feeds*, conteúdo de solidariedade na dor, acolhimento e estímulo a narrativas direcionada às mães de anjo, em alguns casos com perguntas, como: qual a frase mais difícil que você já ouviu? Ao passo que as características diferentes estão na forma de estimular as narrativas. Ariel descreve de forma até poética as dores e agruras vividas no luto, recebendo elogios pelo texto direcionando às mães enlutadas. Agla investe nas questões mais diretas a fim de obter posicionamento ou relato da dor daquela mãe. Angel faz um misto dessas duas formas de conectar-se com as seguidoras, utilizando perguntas e relatos nos *feeds*.

Esta pesquisa corrobora com os estudos de Franco (2020) no sentido de inferir que as manifestações de luto postadas em redes sociais impulsionam, de alguma maneira, sentimentos silenciados. Além disso, favorecem a elaboração de luto de pacientes, familiares e equipe profissionais. É nesse sentido que Mello (2016) compreende o luto no ambiente virtual, como um novo espaço para trocas simbólicas, um espaço para compartilhar os sentimentos, ampliando as possibilidades de fala.

6.5 Questionário

Optou-se por aplicar um questionário com a finalidade de pontuar e fornecer informações mais estruturadas no que tange às respostas dos questionamentos que pudessem trazer mais subsídios para a análise e atingir os objetivos desta pesquisa.

6.5.1 Eixo 1 – Perfil Pessoal

As mães pesquisadas são jovens, sendo uma solteira e outra casada. Quanto a profissão, uma é auxiliar administrativo e a outra influenciadora digital.

Quadro 1 – Respostas do Eixo 1 - Perfil Pessoal

Nome	Angel	Agla
Idade	24 anos	35 anos
Estado Civil	Solteira	Casada
Profissão	Auxiliar administrativo	Influenciadora Digital

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

6.5.2 Eixo 2 – Por que usam o Instagram

As entrevistadas disseram usar para desabafar e ajudar outras mães a falar dessa dor. Elas produzem o próprio conteúdo com base no que vivenciam e sentem, além disso dizem que o *Instagram* as ajudou a viver essa fase uma vez que veem nele, também, a possibilidade de confortar outras mães. Avaliam que a experiência de serem administradoras as fazem sentir-se úteis e honradas por oferecer espaço a esse luto pouco falado. Pelas respostas, observou-se que o espaço de fala entre amigos e família é restrito.

Esses achados vão ao encontro do estudo de Muza *et al.* (2013), segundo o qual, o luto por um bebê não tem tido reconhecimento social e, em regra, não há espaço para o luto no seio familiar e social. Nesta linha de pensamento está Teodósio *et al.* (2020), ao afirmar que essa negação por parte de pessoa próximas, no que tange à importância da perda perinatal, dificulta a elaboração da dor psíquica e demonstra falta de espaço para singularização do sujeito e a dor dele.

Assim, neste espaço virtual, as seguidoras podem vivenciar a dor no coletivo. São pessoas que, mesmo distante fisicamente, estão conectadas pelo sentimento comum da dor da perda. Conforme Bousso *et al.* (2014), as interações *online* não diminuem a dor, não constituem uma forma de enlutar-se, mas o espaço de escrita e compartilhamento daqueles sentimentos causados pela ausência por morte e ajudam no suporte ao enlutado.

Quadro 2 – Respostas do Eixo 2: Por que usam o *Instagram*

Nome	Angel	Agla
Ano de criação da conta	2019	2017
Finalidade com a criação do perfil	De início foi para buscar ajuda e desabafar, encontrei alguns perfis que davam esse suporte que me ajudou muito. Então eu quis retribuir todo o acolhimento que tive e acabei usando minha conta para poder ajudar também.	Ajudar pessoas
Usava Instagram antes da perda	Sim. Usava o <i>Instagram</i> antes da perda.	Não usava o <i>Instagram</i> antes da perda.
Porque relatar as dores no Instagram	Como uma forma de desabafo e falar sem medo dos julgamentos. É diferente conversar com pessoas que não sabem a dor que você sente e com pessoas que sabem o que você está passando, porque também passou.	Passsei a usar o aplicativo porque muitas mães de anjo passaram a me procurar lá e muitas delas só tinham o <i>Instagram</i> .
Como ocorre a Interação	Faço meus relatos, comento e ofereço condolências.	Faço meus conteúdos baseados na minha vivência e as mães interagem
Instagram ajudou no luto? Como?	Sim. Me sinto acolhida, leve e ainda ajudo outras pessoas.	Sim. Ajudar as pessoas me ajuda
Espaço de fala sobre o luto	Um pouco. Com algumas pessoas percebo que não gostam de falar e se falam tem receio de que eu fique triste.	Sim
Rede de apoio	Alguns parentes. Minha irmã	Bem pouco. Parentes. Alguns amigos (bem pouco)
Tempo usado no Instagram é lazer ou trabalho	Lazer	Proposito de vida/Missão
O que costuma fazer nas horas de lazer	Navegar nas redes sociais e ir ao Parque	Passeio com a família
Experiência no Instagram	Para mim, foi uma experiência maravilhosa. Me sinto acolhida, útil em ajudar outras mães e conheci novas pessoas que quero levar para vida toda.	Considero uma honra dar voz a este assunto de extrema importância e tão pouco falado. Dar voz a essas mulheres que não tem espaço. Considero uma missão que eu cumpro à risca e com excelência depois da perda do meu filho Miguel.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

6.5.3 Eixo 3 - Interação

A interação no *Instagram* provocada pelas publicações de Angel e Agla ocorre naturalmente. Relatam que após o *post*, muitas mães as procuram para conversar no *direct*. Algumas pedem espaço para contarem história delas, enquanto outras agradecem a esperança e a inspiração que passam a ter após os relatos das administradoras.

Agla e Angel explicam que os textos dos *posts* são elaborados por elas mesmas e, no caso de Agla, recebe auxílio para produzir as fotos e artes publicadas. Para ela, “*muitas mães dizem se identificarem com meu trabalho e que sou inspiração*” e tenta falar o que aquela mãe

necessita ouvir no momento. Angel relata que as mães enlutadas dizem que veem no trabalho dela esperança no meio da dor e fala para elas o quanto são privilegiadas por terem tido filhos anjos.

Observando este Eixo de perguntas e respostas, verifica-se que essa busca por apoio na rede mostra a falta de reconhecimento social dessa dor. Eis que é nesse sentido o pensamento de Butler (2018), de que algumas vidas não são legitimadas pela sociedade a ponto de serem lamentadas, aliás nem são consideradas vidas. A morte do bebê ainda na gestação é um desses casos, a dor da mãe é desconsiderada.

Quando 3 – Respostas do Eixo 3: Interação

Nome	Angel	Agla
Maior dificuldade no processo de luto	Me encontrar de novo. Me sinto perdida muitas vezes e não sou mais a mesma.	Respeito e empatia com a dor
Dinâmica da interação	As mães me chamam no <i>direct</i> para que eu post seus relatos	Livremente. Faço post que de fato muitas estão vivenciando e elas por se identificarem, acabam interagindo.
Elaboração de posts	Sozinha	Elaboro os textos e recebo ajuda no design (tenho uma pessoa que cria aquilo que montei)
O que mais escrevem ou falam	Que através do meu relato veem esperança em meio a dor.	Que passou por isso, que através do meu <i>post</i> conseguiu entender melhor o luto e que sou inspiração.
O que responde às mães enlutadas	Escuto e tento consolá-las. Digo o quanto são fortes e privilegiadas de terem gerado anjos, e que com o tempo a dor ameniza e abre espaço para o amor.	Cada uma tem uma história e falo de acordo com o que cada uma precisa no momento. Respondo todas uma a uma.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

6.5.4 Eixo 4 - Luto

As mães Angel e Agla consideram que o luto não é reconhecido e que a sociedade não está preparada para lidar com a morte e a perda perinatal. Segundo elas, é como se a maternidade fosse anulada, e o luto invisível para muitas pessoas. Relatam que as redes de apoio delas têm sido mais virtuais.

Para Agla, o luto perinatal não é reconhecido e um dos motivos é que a sociedade não está preparada para lidar com a morte e, no caso da mãe de anjo, a dor do luto é invisível para muitas pessoas. Na opinião dela, a maior dificuldade no processo de luto foi encarar a falta de respeito e empatia com a dor emocional. Questionada sobre o conceito de luto, ela diz que “não

existe vida sem morte e morte sem vida” (AGLA, 2021, informação verbal²¹), passando uma mensagem de ressignificação. Para Agla, ser mãe de anjo é amar com um céu de distância.

Angel ressalta que é muito difícil enfrentar o fato de não ter o luto validado, sobretudo em razão do bebê não estar presente fisicamente, como se elas deixassem de ser mães por isso e conceitua o luto como a maior dor que já passou. Para ela, ser mãe de anjo é gerar o ser mais puro, que veio para torná-la uma pessoa mais forte.

Assim, o destaque, neste eixo de análise, é a invisibilidade desse pesar. Além disso, falar sobre esse luto é uma forma de abrir espaço para que outras mães possam desabafar a dor delas, ter o direito de estar enlutada sem medo de julgamento. Como diz Casellato (2015), o não reconhecimento está ligado ao desrespeito à dignidade da pessoa humana.

Quadro 4 – Respostas do Eixo 4: Luto

Nome	Angel	Agla
Tempo da perda o bebê	2 anos	3 anos e 7 meses
Luto perinatal é reconhecido?	Não. O fato de não termos o bebê ali fisicamente é como se anulasse nossa maternidade. As pessoas acham que por exemplo “não deu tempo amar ou sentir tanta falta assim”.	Não. A sociedade não está preparada para lidar com a morte e a perda perinatal é invisível para muitas pessoas.
Conceito luto	A maior dor que já passei e o ser humano pode passar, principalmente de um filho. Há lutos de várias coisas, como o fim de relacionamento. É você chegar lá no fundo do poço de tudo na vida e aí você ter que decidir se fica ali ou sai dali. É algo difícil de explicar.	Um momento que faz parte da vida! Não existe vida sem morte e não existe morte sem vida. Um momento que precisa ser vivido inteiramente.
Procurou apoio espiritual	Sim	Sim
Segue alguma religião	Sim	Sim
Significado de ser Mãe de anjo	Hoje me sinto privilegiada, eu gerei um ser tão puro, tão lindo, de luz e que veio para me tornar alguém mais forte e me ensinar muita coisa.	Significa ser escolhida por Deus a dedo para vivenciar a maior dor e o maior amor! É amar independentemente do contato físico. É amar com um céu de distância.
Significado de Bebê arco-íris	Que após toda tempestade virá a luz. Após dias cinzentos e tristes haverá cor e alegria com a chegada de um bebê arco-íris.	É um recomeço. É a calma após a tempestade.
Já participou de Grupo apoio presencial	Não	Não
As redes de apoio têm sido virtuais?	Sim	Sim

²¹ Entrevista concedida por AGLA. Entrevista I. [jan. 2022]. Entrevistadora: Janete Monteiro Gomes. Palmas, 2022. 1 arquivo .mp3 (25 min.).

Nome	Angel	Agla
Criou uma conta nova no Instagram para tratar do luto ou usa a pessoal?	Nova conta	Nova conta

Fonte: Elaborada pela autora (2022)

6.6 Entrevistas

Como instrumento de investigação, realizou-se entrevistas com as duas participantes que atenderam ao convite e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. As entrevistas foram gravadas e seguiram um roteiro semiestruturado composto pelos seguintes eixos temáticos: perfil pessoal; porque usar o *Instagram*?; interação no *Instagram*; e vivência do luto. Utilizou-se a ferramenta *Google Meet* para realizar uma entrevista. A outra foi feita por telefone, uma vez que a mãe argumentou que não se sentia à vontade, naqueles dias, para gravar vídeo e pediu que fosse por ligação telefônica normal. Com a devida autorização, a chamada foi gravada.

O material foi submetido à verificação categorial com a finalidade de compreender a pergunta de pesquisa, bem como obter dados significativos para atender aos objetivos geral e específicos. Além disso, observou-se semelhanças ou não no material, o que foi possível após elaboração de um quadro com as respostas das entrevistadas.

No processo de luto perinatal, as mães estudadas relataram enfrentar uma reorganização das suas vidas e transpareceram viver, atualmente, momentos de ressignificação. Afirmaram buscar formas de falar do assunto a fim de tornar visível o tema e ajudar outras mães. Relataram, ainda, que o apoio social da família e amigos existe, mas é pouco. A busca pela rede social virtual foi para ajudar a si mesma e as outras mães de anjos, bem como desmistificar o tema.

Notou-se diferenças e semelhanças na vivência do luto delas, mas sobretudo o sentido da ressignificação em cada uma das administradoras dos perfis. A ressignificação aqui entendida como uma nova forma de encarar a vida após a morte do filho, conciliando o antes e o depois (CECCON, 2017).

A pesquisa que objetivou compreender o uso do *Instagram* como espaço de interação e socialização do luto perinatal, bem como verificar se há reconhecimento desse luto por parte da sociedade, revelou que, na opinião das pesquisadas, não há reconhecimento social. O uso desta rede para falar desse tema é uma forma de evitar a invisibilidade do luto das mães de anjo, uma vez que a sociedade é despreparada para tratar de morte e luto.

Foram estudados três perfis, mas o questionário e a entrevista só foram respondidos por duas mães de anjo: Angel e Agla. Elas são jovens, com 24 e 35 anos de idade, respectivamente,

perderam seus bebês há mais de dois anos e vivenciam o luto compartilhando-o no *Instagram*. A experiência delas nesta rede social pode ser resumida como maravilhosa, útil e honrada, usando os termos delas próprias. Contam, também, que a forma de se expressarem é descrevendo seus sentimentos. No que tange a forma de expressão, ao lidar com a dor das outras mães, é oferecendo apoio em forma de palavras de conforto e direcionando a fala para o que as seguidoras precisam naquele momento.

6.6.1 Depoimento de Angel

“O uso do *Instagram* como apoio no luto foi um divisor de águas para mim”(ANGEL, 2021, informação verbal²²).

“Eu queria falar e eu queria ser ouvida”, foi assim que Angel respondeu quando indagada se tinha abertura para conversar sobre o luto perinatal que passava e porque buscou o *Instagram* para tratar do tema. Angel, que é solteira, tem 24 anos e atua auxiliar administrativo, mora no sudeste do país. Perdeu uma filha e teve um bebê arco-íris. Criou a conta no *Instagram* em novembro de 2019, após a perda, com a finalidade de autoajuda, de desabafar e buscar ajudar outras pessoas. No ambiente virtual, encontrou alguns perfis que lhe deram suporte e, por isso, quis retribuir criando uma conta para apoiar mulheres em situações semelhantes.

Hoje, ela sente o luto de forma diferente daquele pesar inicial, quando a perda da filha a deixou sem norte, sem planos. A nova percepção sobre a aflição da morte a fez sentir-se também diferente, mais forte e até mesmo privilegiada por ser mãe de anjo.

Quando perdi a Livia, eu fiquei mal, arrasada. É todo um processo, eu acho, e dia após dia a gente vai evoluindo aos poucos. Hoje me sinto privilegiada, por ter tido um filho em forma de anjo. Estou em fase de ressignificação, principalmente após o nascimento do meu bebê arco-íris (ANGEL, 2022, informação verbal²³).

Angel conta que o *Instagram* a ajudou na caminhada de elaboração do processo de luto em vários aspectos.

²²Entrevista concedida por ANGEL. Entrevista II. [fev. 2022]. Entrevistadora: Janete Monteiro Gomes. Palmas, 2022. 1 arquivo .mp3 (8 min.).

²³Ibid.

O *Instagram* me ajudou em tudo. Assim que perdi minha filha, era tudo novo para mim. Daí busquei no Instagram e descobri uma página que me ajudou bastante, que me deu esperança novamente a me fez acreditar e mudar a visão de mim mesma, ou seja me fez vê aquela dor de forma diferente e por ser mãe de alguém tão especial e me vê como uma pessoa privilegiada. Então primeiro o Instagram me ajudou e depois tive vontade de ajudar outras mães (ANGEL, 2022, informação verbal²⁴).

O sentimento de gratidão despertado pelo acolhimento que teve na rede social despertou nela a vontade de ajudar outras mães, de abordar mais esse tema e falar mais diretamente sobre isso.

Porque antes de eu perdê-la não sabia que isso acontecia com tanta frequência e que muitas pessoas passavam por isso. [...] me ajudou a desabafar a conhecer outras histórias, a vê que eu não estava sozinha. A gente conversa e vai ajudando o outro, aí conforta a outra pessoa e a nós mesma (ANGEL, 2022, informação verbal²⁵).

Quando indagada se sentiu-se muito julgada no processo do luto, dentre os amigos e familiares, ela respondeu:

Sim. A gente fica com medo de falar. No meu caso, eu tive pouca convivência com minha filha. Ela nasceu de cinco meses e meio e foi para UTI, sobreviveu apenas duas horas e eu não pude vê-la com vida. [...] Então, talvez por isso as pessoas acham que não deu tempo amar e falavam que não podia ficar assim. E quando eu tocava no assunto, percebia que as pessoas mudavam a conversa e eu queria falar e eu queria ser ouvida. Eu me sentia julgada por não poder falar sobre aquilo, por elas acharem que era frescura minha (ANGEL, 2022, informação verbal²⁶).

Angel relata que mostrou-se forte no dia da morte da filha para dar forças ao ex-marido e a mãe dela.

Sinto falta de ter chorada mais, extravasado aquela dor. O velório foi super rápido e eu fiquei com isso de não preocupar ninguém e guardei a dor que eu estava sentindo naquele momento. Então hoje sinto falta de ter chorado mais, gritado, expressado o que eu estava sentindo realmente. Não expressei toda minha dor (ANGEL, 2022, informação verbal²⁷).

No *Instagram*, ela diz que podia falar tudo que estava sentindo, e a escrita a ajudou na trajetória do luto porque encontrou um local para desabafo. “Lá, podia falar tudo que estava sentindo porque as pessoas ali a entendiam e já haviam passado por dor semelhante. Então ali

²⁴Entrevista concedida por ANGEL. Entrevista II. [fev. 2022]. Entrevistadora: Janete Monteiro Gomes. Palmas, 2022. 1 arquivo .mp3 (8 min.).

²⁵ Ibid.

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid.

eu me sentia acolhida à vontade para falar, desabafar, chorar” (ANGEL, 2022, informação verbal²⁸).

Na busca por entender a perda da filha, ela conta que ouviu muitas frases prontas. Entre elas: “depois você tem outro. Isso logo passa. Você é nova”. Entretanto, ela destaca o amparo recebido na rede social digital. “O uso do *Instagram* como apoio no luto foi um divisor de águas para mim. Foi onde me senti acolhida. A internet hoje em dia tem esse poder de ajudar. E por isso atualmente vivo um momento de ressignificação” (ANGEL, 2022, informação verbal²⁹).

Quando questionada sobre o perfil estar desativado, ela respondeu que estava sem tempo para administrar o perfil. “Não encontrei ninguém da minha confiança para seguir e daí resolvi desativar um tempo para depois retomar. É temporário” (ANGEL, 2022, informação verbal³⁰). O perfil Angel foi desativado em novembro de 2021. As postagens eram semanais e os textos longos, com relatos que faziam as seguidoras descreverem como emocionantes e agradecerem. Ela revela que resolveu suspender temporariamente a conta para depois retomar.

6.6.2 Depoimento de Agla

“A maioria das enlutadas me procura porque não tem espaço para falar” (AGLA, 2022, informação verbal³¹).

A mãe de anjo Agla tem 35 anos, é casada e perdeu dois filhos anjo. Atua como influenciadora digital na temática luto. Possui perfil no *Instagram* com milhares de seguidores e uma página no *Facebook* com mais de 700 mil seguidores. Perdeu o primeiro filho há nove anos e, na época, ocultou a própria dor. Diz que não sabia se aquela dor era propriamente um luto porque não se ouvia falar desse luto e, além disso, ela também não conseguia falar do filho. Agla só foi entender este luto quando a segunda perda ocorreu, há 3 anos e 7 meses. Atualmente, ela diz que mudou a forma de enfrentar a situação e evitar que aquele luto fosse invisível.

Durante a entrevista, Agla não deixou transparecer tristeza, mas entusiasmo em poder falar sobre isso e como ela mesma diz: é uma missão, um propósito. Ela diz que começou a usar o *Instagram* em 2017, após a segunda perda. Resolveu tratar da temática luto de mães de anjo

²⁸ Entrevista concedida por ANGEL. Entrevista II. [fev. 2022]. Entrevistadora: Janete Monteiro Gomes. Palmas, 2022. 1 arquivo .mp3 (8 min.).

²⁹ Ibid.

³⁰ Ibid.

³¹ Entrevista concedida por AGLA. Entrevista I. [jan. 2022]. Entrevistadora: Janete Monteiro Gomes. Palmas, 2022. 1 arquivo .mp3 (25 min.).

por verificar movimentação sobre o luto naquela rede social e, como assunto é pouco falado, queria dar voz às mulheres que não tinham espaço para expressar seus sentimentos pela perda específica de um filho e, ao mesmo tempo, entender tais sentimentos. Aqui ela destaca a importância do uso do *Instagram* como espaço de interação de um tema tão invisibilizado.

Agla inicia a conversa dizendo que o luto perinatal é invisível para muitas pessoas, que só foram entender aquele vazio profundo pelo qual havia passado muitos anos depois.

Na minha primeira perda, do Gael, há nove anos atrás, eu nem sabia o que significava o luto, nem o que era perda perinatal. Não me prontifiquei a viver esse luto e os anos passaram e só fui entender quatro anos depois quando perdi o Miguel. Nesse instante vi o quanto o luto é invisível. Se você não se prontifica a vivê-lo, você não sabe como é. Eu nem sabia que esse título de mães de anjo se dava a mãe que perdia um filho. Então para mim é um luto invisível que está sendo mais abordado (AGLA, 2022, informação verbal³²).

Ela observa que o fato de perder um filho ainda na barriga ou logo ao nascer em razão do pouco tempo de vida e convívio, na “*cabeça de muitas pessoas não existe amor por aquele filho*” (AGLA, 2022, informação verbal³³). Nesse contexto, Agla relata que tem filhos grandes, tem um filho de 19 anos e uma de 16, e a frase que mais ouviu quando saiu do hospital foi: “Ainda bem que não foi um dos teus filhos grandes. Já pensou? Como se o meu bebê não fosse filho também...e se o amor fosse medido pelo tamanho” (AGLA, 2022, informação verbal³⁴).

Agla expõe que transformou em postagem tudo que escutou. “99% do que posto, eu ouvi e vivi. E penso que se aconteceu comigo, muitas mães ouviram” (AGLA, 2022, informação verbal³⁵). Ela acrescenta que fora das redes sociais, ainda hoje, após mais de três anos trabalhando com este tema, ouve comentários que a poderiam magoar, mas aprendeu a lidar com eles. “Principalmente quando falo que três meses depois eu engravidei de novo. Daí a pessoa fala: você é louca? não tem medo de perder de novo?” (AGLA, 2022, informação verbal³⁶).

Quando indagada sobre uma sugestão de como esse luto poderia deixar de ser invisível, Agla pontuou:

a mãe se prontificando a viver esse luto. Digo por experiência própria. Tive perda gestacional. Eu não quis falar sobre isso, não queria saber, não quis viver esse luto e

³²Entrevista concedida por AGLA. Entrevista I. [jan. 2022]. Entrevistadora: Janete Monteiro Gomes. Palmas, 2022. 1 arquivo .mp3 (25 min.).

³³Ibid.

³⁴Ibid.

³⁵Ibid.

³⁶Entrevista concedida por AGLA. Entrevista I. [jan. 2022]. Entrevistadora: Janete Monteiro Gomes. Palmas, 2022. 1 arquivo .mp3 (25 min.).

não permitia que ninguém falasse dele. foi uma das formas que tive de me defender daquela dor, não sei [...] quando tive o Miguel, foi quando me permiti viver e trazer à tona todo esse sentimento de dor e transformá-lo em amor [...], mas só consegui transformar depois que eu vivi meu luto. Só assim deixa de ser invisível. Se a mãe se prontifica a viver, as pessoas em volta também começam a vê-lo... a gente tem que se posicionar diante da dor e isso reflete nas outras pessoas (AGLA, 2022, informação verbal³⁷).

Para Agla, a sociedade não é preparada para viver o luto e diz que “quem não passou por essa dor não entende mesmo. As pessoas falam algo na intenção de acolher, mas acabam machucando, entretanto, depois que a mãe de anjo encara o luto, os comentários não fazem mais efeito” (AGLA, 2022, informação verbal³⁸).

Ela lembrou que iniciou o trabalho como influenciadora digital na área do luto na rede social *Facebook*, mas adotou o *Instagram*, há três anos, porque muitas mães, que não tinham perfil no *Facebook*, a procuravam no perfil pessoal dela para conversar e falar da dor que sentiam. “*Tento influenciar pessoas para que elas encontrem a esperança depois da dor*” (AGLA, 2022, informação verbal³⁹), enfatiza.

Conforme Agla, a interação ocorre naturalmente. “As mães de anjo sempre me procuram contando a história delas inicialmente e depois pedem conselhos e fazem perguntas” (AGLA, 2022, informação verbal⁴⁰). Mas, até hoje, ela diz que tem histórias que a deixam sem reação porque, além da perda do bebê, muitas sofrem negligências.

Nesse sentido, Agla faz um relato interessante, quando indagada sobre a sensação de conversar e confortar uma mãe enlutada. “É uma sensação de dever cumprido, quando interajo com estas mães. Dez minutos que tiro para responder uma pessoa, as vezes pode impedir de alguém tirar a própria vida, como já aconteceu uma vez e lembro-me como se fosse hoje” (AGLA, 2022, informação verbal⁴¹). Ela diz que só costuma abrir as mensagens na hora exata de responde-las, mas nesse dia fez diferente. Estava almoçando, pegou o celular e abriu a mensagem sem querer.

Ouvi uma mãe desesperada chorando, chorando. Deixei meu prato de lado e fui conversar com ela. Foram cerca de 40 minutos. Estava perto do dia das mães e essa moça disse que estava prestes a se matar. Ela me passou vários áudios e falou que era a última tentativa que ia fazer. Ia me enviar uma mensagem na certeza de que eu não ia responder na hora e naquele dia eu respondo. Conversamos muito. Hoje ela está

³⁷Ibid.

³⁸Ibid.

³⁹Ibid.

⁴⁰Ibid.

⁴¹Entrevista concedida por AGLA. Entrevista I. [jan. 2022]. Entrevistadora: Janete Monteiro Gomes. Palmas, 2022. 1 arquivo .mp3 (25 min.).

bem. Conseguiu elaborar o luto. E esse dia eu não esqueço (AGLA, 2022, informação verbal⁴²).

Ela relatou que ama responder as mensagens e interagir com as seguidoras e que escuta todos os áudios. “O fato delas se sentirem acolhidas, não tem preço” (AGLA, 2022, informação verbal⁴³). Diz que elas falam muito da perda, da oscilação do humor e depois sobre a questão de as pessoas não entenderem o sofrimento que passam. “São poucas as mães que chegam até mim e falam que receberam apoio do marido, por exemplo, que ele entende,” (AGLA, 2022, informação verbal⁴⁴).

Angla diz que muitas mães de anjo não têm quem as ouça. “A maioria das enlutadas me procura porque não tem espaço para falar. As pessoas não param para ouvir. Na cabeça delas, que nunca perderam filhos, esse assunto tem que ser esquecido, tem que deixar o filho descansar e tem que seguir a vida” (AGLA, 2022, informação verbal⁴⁵). Nesse sentido, ela explica que é difícil não falar dos filhos porque “*independentemente deles estarem aqui ou não, eles existem. O amor é o mesmo*” (AGLA, 2022, informação verbal⁴⁶).

No final da conversa, ela disse que costuma confortar também por meio da espiritualidade. “Não falo em religião, mas cada uma se apegando ao que acredita. É importante nesse processo de luto” (AGLA, 2022, informação verbal⁴⁷). Quando questionada sobre o que dizer a uma mãe que sente culpa por não ter se despedido do filho como acha que deveria, ou mesmo ter tirado uma foto, Angla afirma que “naquele momento você fez o melhor que podia” (AGLA, 2022, informação verbal⁴⁸).

⁴²Ibid.

⁴³Ibid.

⁴⁴Ibid.

⁴⁵Ibid.

⁴⁶Ibid.

⁴⁷Ibid.

⁴⁸Entrevista concedida por AGLA. Entrevista I. [jan. 2022]. Entrevistadora: Janete Monteiro Gomes. Palmas, 2022. 1 arquivo .mp3 (25 min.).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho parte do interesse em compreender o uso da rede social *Instagram* como espaço de interação e compartilhamento do luto perinatal de mulheres autodenominadas mães de anjo, bem como verificar se há reconhecimento social desse luto. Para alcançar este objetivo, assim como conhecer as mães que relatam suas dores na rede e como essa dor é descrita em postagens e comentários, foi necessário historicizar como a forma de experienciar a morte e o luto foi mudando ao longo dos séculos.

O percurso da mudança foi traçado desde a vivência destes processos na Idade Média até os tempos atuais. Nesse contexto, vale destacar, também, o reconhecimento que a morte infantil adquiriu ao longo do tempo, saindo da indiferença para manifestação de pesar de toda a família, que passou a comparar a criança morta a um anjo por associá-la a pureza, instituindo todo um ritual de morte e luto como forma de homenagem.

Em razão das transformações socioculturais e comportamentais, passou-se a compartilhar nas redes sociais virtuais as narrativas da morte e, conseqüentemente, do luto, abrindo-se novos espaços para falar de dores e sofrimentos, buscando, inclusive, outros vínculos de suporte para apoio na elaboração deste pesar.

Considero que há uma quebra de paradigmas quando saímos do luto tradicional, vivenciado nas relações familiares de forma recolhida, para o luto aberto e compartilhado por indivíduos desconhecidos, mas integrantes da mesma dor em redes sociais virtuais. Isso demonstra uma sociedade contemporânea sendo cada vez mais exposta no espaço público.

Partindo do pressuposto de que as relações sociais são bases de uma sociedade e, considerando a heterogeneidade dessas interações devido as motivações que dão sentido ao agir dos indivíduos, assumimos a arriscada análise dessas relações. Dessa vez em espaços denominados redes sociais virtuais, ambiente no qual a dinâmica provocada por estas mídias contemporâneas possibilita uma movimentação de conceitos e vivências.

Assim, a pesquisa com base empírica foi realizada na rede social *Instagram*, em perfis de dados abertos de mães que perderam seus filhos na fase perinatal. Verificou-se a construção de uma rede de apoio ao luto dessas mulheres autodenominadas mães de anjo, que acolhem e apoiam-se mutuamente. Com uma abordagem qualitativa, o presente estudo analisou a intercomunicação por meios dos textos transmitidos em postagens desses perfis, contribuindo para uma compreensão sobre a comunicação da dor dessas mulheres em uma rede social.

A interação numa publicação ocorre por meio das palavras de reciprocidade que são compartilhadas, atendendo a necessidade de fortalecimento das relações sociais. Uma mãe

publica conteúdo refletindo sensações e sentimentos referente a perda do filho e uma usuária, enlutada ou não, comenta algo. O *post* sem interação é apenas mais um. Aquele que promove interação gera função social, ou seja, traz resultado de engajamento, no âmbito digital, e de pertencimento e apoio no âmbito social. O conteúdo é impulsionado ao ser comentado, curtido ou compartilhado, e cada usuária tem uma experiência diferenciada a partir de cada resposta.

Importante ressaltar que para criar conteúdo interativo é preciso personalizar o *post*, conforme o perfil daquele público-alvo e planejar o que possa despertar o interesse para o usuário(a) interagir. Esse é o desafio nas redes: atrair atenção e despertar senso de identificação e pertença. A ideia de quem trabalha com apoio ao enlutado nas redes busca sim seguidores, até porque existe uma linguagem no *Instagram* que deve ser buscada para atingir mais público. Entretanto, vai além de estar preocupado com o algoritmo, mas, acima de tudo, conforme infere-se de uma das entrevistadas, é auxiliar quem passa pelas perdas profundas. Caso contrário, o perfil também não cresce entre aquele público.

A partir das respostas das administradoras dos perfis que preencheram o questionário, faz diferença, na interação na relação de apoio ao luto, responder com certa rapidez a estas mesmas interações e observar o que cada usuária precisa ouvir ou ler naquele momento. Com isso, surgem mais comentários naquela publicação e há uma procura das usuárias enlutadas para conversar sobre a dor ou para contar a história dela.

Outra forma que as administradoras dos perfis utilizam para observarem as necessidades das seguidoras é por meio de questionamentos. Essa dinâmica traz frutos não apenas para a plataforma digital, mas, sobretudo, para essas mães, objeto deste estudo, que usam a comunicação e expressão para mostrarem a vulnerabilidade delas e com essa exposição buscar auxílio no mundo *online*. Assim, fazer da comunicação nesse ambiente um *locus* para a manifestação do pesar impulsiona e instiga a participação de quem está precisando de um conforto ou palavra amiga e não está encontrado presencialmente por inúmeros motivos e variados fatores.

Buscou-se conhecer também como as mães descrevem as suas experiências, a própria dor nas postagens e como se expressam diante da dor do outro no espaço de comentários que a rede social oferece. Assim, procurou-se verificar como essa forma de interação, via rede social, pode colaborar no processo do luto e apontar a existência de padrões de interação dentro destes perfis e quais as expressões de solidariedade são mais recorrentes.

Na divisão estratégica, a fim de facilitar a análise, adotou-se um livro de códigos com categorias e subcategorias, de forma que as expressões e frases pudessem ser referenciadas e agrupadas para demonstrar os principais sentidos ou significações daqueles textos. A partir da

extração dos dados, o relato/desabafo foi, em geral, o maior destaque dentre os mais de mil comentários analisados. Isso demonstrou que estas mães buscam um local para relatar a situação que passaram e os sentimentos que as afligem. Em relação ao conforto emocional, a frequência também é representativa, inferindo-se que o fato de as mães enlutadas sentirem o silenciamento ao seu redor, ao observarem outrem em situação similar, tendem a expressar a própria dor no *Instagram*.

Nesse sentido, diante dos achados da pesquisa, verificou-se que as mães de anjo são mulheres jovens que sentem necessidade de falar sobre o luto e colaborar com outras mães enlutadas. As pesquisadas veem o luto perinatal como invisível no seio social e, por isso, o *Instagram* serviu como ampliação do espaço de fala e local onde podem ser ouvidas. Nesse contexto, há um padrão de interação na forma de relatos da situação de luto, que atraem mensagens de conforto espiritual, agradecimentos e elogios pela força que possuem em seguir como mãe de anjo.

Percebeu-se que elas estão ali para desabafar, pedir respeito por uma dor específica, demonstrar seus sentimentos, bem como solidarizar-se com outras que passam por situação semelhante. Assim, por meio da empatia, tentam entender e aceitar a situação de perda ou visualizá-la de outra forma, para além da dor e das dificuldades, como foi possível observar em entrevista a uma mãe que passou a considerar-se uma privilegiada por ter gerado um ser angelical.

Pelos dados analisados, foi possível inferir que as mães enlutadas se sentem seguras no ambiente digital para relatar suas dores não ouvidas na rede social presencial. Isso proporciona criação de vínculos com pessoas que compreendem aquele pesar porque vivenciaram situação semelhante.

Observou-se que as mães que sofreram a perda perinatal lamentam a ausência, a saudade, mas, sobretudo, o fato de a vida perdida não ser considerada vida, não ser vista como tal e, assim, não ser digna de luto ou de dor. Elas relatam que a dificuldade vai além da ausência física. Outro agravante, que dificulta o processo de laboração do luto, é o fato das pessoas não considerarem o tempo de gravidez suficiente para criar vínculos e amor, bem como ignorar que houve uma vida perdida.

Outro dado que foi inferido nesta pesquisa é que receber apoio no momento de uma perda pessoal profunda, coma a perda de um filho, é uma necessidade das enlutadas. Mas, em regra, a rede de apoio presencial é pequena ou inexistente, conforme revelaram as entrevistas e os comentários das seguidoras. Nessa perspectiva, o relato de cada uma das pesquisadas

mostrou que o tipo de luto em estudo é invisível socialmente, que na rede de apoio próxima não foi encontrado muito espaço para falar e ser ouvida.

Observou-se, dessa forma, que o luto perinatal não é validado nos ambientes onde elas esperam apoio, abrindo espaço para a comunicação na rede social virtual. Nesse sentido, vale destacar que a mãe do bebê morto é, na literatura, o foco dos estudos e pesquisas sobre o impacto dessa perda, ao passo que o pai é relegado a um segundo plano, apenas de apoiar a mulher na dor, sendo a sua própria dor desconsiderada.

As publicações nos perfis analisados mostram o quanto a perda do filho é capaz de abalar a vida da mãe e instigam, direta e indiretamente, que as outras mães relatem esses sentimentos no *Instagram*. Busca-se, assim, receber e dar apoio social virtual, utilizando-se de frases de consolo e de solidariedade para conectarem-se às seguidoras enlutadas.

Na opinião delas, a maior dificuldade no processo de luto foi encarar a falta de respeito e empatia com a dor emocional, foi sentir que o bebê não foi e nem é visto como um ser humano, como se a morte dele anulasse a maternidade e, por não ser ainda uma vida, não deu tempo amar ou apegar-se. Para elas é diferente o acolhimento quando conversam com pessoas que não sabem a dor que elas sentem e com outras que sabem o que elas estão passando, porque também vivenciaram. Sobre o conceito de luto, dizem que é a maior dor que já passaram ou, de forma mais poética, dizem que é amar com um céu de distância.

Os dados obtidos com as mães administradoras dos perfis revelam também que as narrativas destas trazem descrição com detalhes das dores e dissabores do processo de luto. Elas explanam sobre a experiência dolorosa pela qual passaram, mostrando assim que fazem do espaço virtual um local de desabafo, de reflexão dessa dor que vivenciam. Com isso, buscam respeito, empatia e interação com as seguidoras.

Observou-se que o trabalho de interação e divulgação das vivências do luto pelas administradoras dos perfis é, de certa forma, terapêutica para elas, que se sentem úteis e honradas por ajudarem outras mães que vivem situações parecidas. A experiência de compartilhamento do pesar colabora para que o luto se torne mais suportável, uma vez que é descrita pelas administradoras dos perfis no *feed* e, pelas usuárias, nos comentários, como dolorosa e difícil de vivenciar pela ausência do filho. Além disso, destacam que as frases ruins de ouvirem neste processo também dificultam na elaboração do luto. Essas frases giram em torno de dizer que a mãe é nova e pode ter outros filhos e que não deu tempo se apegar ao bebê.

Por meio da análise das publicações no *feed*, obteve-se a confirmação da necessidade de validação daquela perda, da vida perdida na sua gênese. Nos comentários dos *posts* viu-se, também, que o acolhimento inadequado por parte da equipe hospitalar foi citado como parte

dos momentos difíceis, uma vez que as frases ditas soaram de forma grosseira e sem preparo. No que se refere a esta observação da comunicação do ambiente hospitalar, há campo para mais investigações, uma vez que não são detalhadas aqui nesta pesquisa.

Entretanto, estas mães não se limitam a reconhecer as próprias dores ou acolher com palavras de carinho, mas há também uma ponta de indignação nos textos das publicações e nos comentários. Essa indignação tem a ver com a falta de validação desse luto, do não reconhecimento da dor delas por parte de pessoas que as rodeiam ou dos locais onde foram atendidas no parto.

Com essas análises, foi possível verificar que a rede social *Instagram* é utilizada por estas mães como espaço de interação, troca de experiências, solidariedade com a dor e de reivindicação da legitimação desse luto. O fato de escreverem o que sentem e, assim, provocarem a resposta ou encontrarem a solidariedade e empatia de outras mulheres, mostrou-se como recurso auxiliar no apoio às enlutadas.

Portanto, no que tange ao uso de uma rede social como ambiente de trocas e interação, pode-se constatar nas falas das entrevistadas que o *Instagram* foi percebido como útil no decorrer da elaboração do luto das próprias administradoras dos perfis. A assimilação da rede social como lugar de fala, funcionando como um grupo de apoio virtual, sem ter essa característica institucional, proporcionou conforto suficiente para que as mães enlutadas falassem o que sentem como forma de integrar a história da morte do filho na vida que segue.

Com relação a utilização do *Instagram* como ferramenta de inclusão, conclui-se que a rede social cumpre sua função, enquanto espaço de interação de comunicação positiva de mulheres para mulheres que compartilhem suas dores não ouvidas no seio familiar e social, criando, por assim dizer, um vínculo afetivo e de pertencimento, mesmo que de forma virtual.

Pode-se inferir neste trabalho que a forma de comunicar e expressar-se na rede social digital é um meio de enfrentamento do luto. Também se trata de um recurso importante para a elaboração desse processo de perda de um ente querido, tendo em vista que, pelos depoimentos, essa vivência de sofrimento traz a necessidade de narrar a história da perda e isso requer espaço. É nesse contexto que foi possível observar a importância das redes como local de encontro para as mães de anjo interagirem sem medo de julgamento e para dar voz a quem não encontra respaldo e apoio na rede de apoio próxima.

Nesse sentido, a relevância deste estudo está, também, relacionada a possibilidade de oferecer um panorama sobre as possíveis implicações que a comunicação da perda nas redes sociais tem no processo de reconstrução da vida e como é visto este espaço de fala. Vale destacar que dois, dentre os três perfis estudados, mostraram um crescimento na quantidade de

seguidores desde o início do trabalho. Inicialmente, Ariel possuía 7.700 seguidores e conta atualmente com 12,6 mil seguidores. Agla passou de 63 mil seguidores para 94,7 mil. Estes dados podem revelar ainda que o espaço de fala sobre o luto no *Instagram* está em crescimento.

Diante de todo esse contexto, observou-se que a pesquisa foi limitada a entrevista e questionário com duas mães. Inicialmente, foram escolhidas três, mas a terceira desistiu sem explicação, apenas não atendeu mais aos chamados. Não arrisco dizer o motivo, até porque ela mostrou-se interessada em participar quando ocorreu a primeira abordagem, via *direct* no *Instagram*. Alguns meses depois silenciou, apesar de continuar com os *posts* na rede social.

Por toda a análise e abordagens teóricas, pode-se inferir que a empatia é um dos principais mecanismos de entendimento mútuo. As mães encontraram no mundo virtual, em pessoas desconhecidas, a solidariedade não presente nas pessoas mais próximas. Por último, há de se ressaltar que este trabalho tem a intenção de abrir uma nova trilha para que novos estudos aprofundem respostas para o bem-estar das mães de anjos e, conseqüentemente, das famílias e da sociedade.

Não houve aqui a busca pela compreensão e descoberta de verdade absoluta, muito menos estudar o aspecto psicológico da perda na vida das mães, mas a busca por conhecer a eficácia da comunicação da dor no *Instagram*. Com essa pesquisa procurou-se, ainda, lançar uma fresta de luz sobre como o uso da rede social *Instagram* pode ser fator de interação e socialização do luto das mães de anjo na perda perinatal.

Por fim, e não menos importante, acredito que a pesquisa poderá ser ampliada posteriormente a fim de que sejam alcançados dados mais robustos sobre o tema. Indica-se outros aspectos a ser analisado dentro da temática, como a questão da ocupação do espaço público virtual para falar do luto como ato político, no qual a decisão de sair do silêncio e falar sobre a dor da perda faz com que o assunto se torne visível. Além disso, há ainda muito para ser analisado, qualitativamente, nos comentários das seguidoras que descrevem nestes perfis, com riqueza de detalhes o que ouvem e sentem no processo de luto.

REFERÊNCIAS

- ABRITTA, Sérgio Parreiras. **Direito ao Luto como Direito Fundamental** - Coleção Direitos fundamentais e acesso à justiça no estado constitucional de direito em crise. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2018. Disponível em: https://cdnv2.moovin.com.br/livrariadplacido/imagens/files/manuais/34_direito-ao-luto-como-direito-fundamental-volume-3.pdf. Acesso em: 20 fev. 2022.
- AGUIAR, Adriana. Descubra a história, curiosidades e funcionalidades do Instagram, além de como usar a rede em sua estratégia de Marketing Digital! **Rockcontent**, [s. l.], online, 17 ago. 2018. Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/instagram/>. Acesso em: 05 set. 2019.
- ALVES, Rayssa Stéfani Sousa; CELESTINO, Kênia Alessandra de Araújo. De braços vazios, nos braços da dor: perda gestacional e neonatal. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [s. l.], v. 9, n. 11, p. e5459119804, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9804>. Acesso em: 25 jan. 2022.
- ARBULU, Rafael. Depois que morremos como ficam os perfis online? **Olhar digital**, [s. l.], online, 06 nov. 2021. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2021/11/06/internet-e-redes-sociais/depois-que-morremos-como-ficam-nossos-perfis/> 2021. Acesso em: 25 jan. 2022.
- ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução: Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBERINO, Lisi. Luto não é like? Morte e dor em tempos de Instagram. **Gits-UFBA**, Salvador, online, 06 jun. 2019. Disponível em: <http://gitsufba.net/luto-nao-e-like-morte-e-dor-em-tempos-de-instagram/>. Acesso em: 12 fev. 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 2016.
- BEGGIORA, Helito. Como editar fotos com o Instagram: aplicativo conta com dezenas de funções para melhorar as suas fotos, mesmo sem postar na rede social; basta salvar na galeria do celular. **Techtudo**, [S. l.], 12 out. 2018. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2018/10/como-editar-fotos-com-o-instagram.ghtml>. Acesso em: 28 jul. 2021.
- BIRO, David. Existe uma coisa como a dor psicológica? E porque isso importa? **Dor crônica**, São Paulo, online, 17 dez., 2018. Disponível em: <https://www.dorcronica.blog.br/existe-uma-coisa-como-a-dor-psicologica-e-por-que-isso-importa/> Acesso em: 24 fev. 2021.
- BOLTANSKY, Luc. **Distant Suffering: morality, media and Politic**. Translated: Graham Burchell. Cambridge University Press, 2004.
- BOTELHO, José Francisco. **Em que momento o feto vira ser humano?** Para a Igreja, é no momento da fecundação. Mas os cientistas se dividem: suas apostas vão da 3ª a 24ª semana de

gravidez. 01 dez. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/em-que-momento-o-feto-vira-ser-humano/>. Acesso em: 07 jun. 2022.

BOUSSO, Regina Szylit; Ramos, Daniel; FRIZZO, Heloísa Cristina Figueiredo; SANTOS, Maiara Rodrigues dos; BOUSSO, Fernando. Facebook: um novo locus para a manifestação de uma perda significativa. **Psicologia USP**, n. 25, v. 2, p. 172-179, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420130022>. Acesso em: 15 dez. 2020.

BOUSSO, Regina Szylit. A morte e o luto: a sensibilidade de uma enfermeira. *In*: CASELLATO, Gabriela. (org.) **O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Summus Editorial, 2015, p. 183-201.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Tradução: Sérgio Tadeu de N. Lamarão e Arnaldo M. da Cunha. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Tradução: Andreas Lieber. Revisão técnica Carla Rodrigues. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CABRAL, João Francisco Pereira. O conceito de animal político em Aristóteles. **Brasil Escola**, São Paulo, [s. d.], online. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/o-conceito-animal-politico-aristoteles.htm>. Acesso em: 01 ago. 2021.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>. Acesso em: 04 fev. 2021.

CARVALHO, Daniel. O luto do homem. Rodas de conversas mensais gratuitas exclusivas para homem. Rio de Janeiro. 3 jan. 2019. Instagram: @lutodohomem. Disponível em: <https://www.instagram.com/lutodohomem/> Acesso em 12 fev. 2022.

CARVALHO, Taiana S.; PELLANDA, Lucia C.; DOYLE, Pat. Prevalência de natimortos no Brasil: investigação de diferenças regionais. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, v. 94, n. 2, p. 200-206, mar-abr 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2017.05.006>. Acesso em: 2 mar. 2022.

CASELLATTO, Gabriela (org.). **Luto por perdas não legitimadas na atualidade**. (org.). São Paulo: Ed. Summus, 2020.

CASELLATTO, Gabriela (org.). **O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Ed. Summus, 2015.

CECCON, Neila Jucilene. A morte e o luto na perspectiva da psicologia humanista. *In*: EVENTO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO AUTÔNOMO DO BRASIL, 12, 2017, p. 883-889, Curitiba. **Anais do EVINCI**. Curitiba: Unibrasil, 2017. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisevinci/article/view/3181>. Acesso em: 30 mar. 2022.

COELHO, Taysa. Instagram: o que fazer com o perfil de uma pessoa falecida. Rede social permite excluir ou transformar a conta de um usuário falecido em um memorial. **TechTudo**,

[s. l.], online, 27 mar. 2018. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2018/03/instagram-o-que-fazer-com-o-perfil-de-uma-pessoa-falecida.ghml>. Acesso em: 02 fev. 2022.

COSTA, Marvin. Como criar um Instagram Comercial. **TechTudo**, [s. l.], online, 20 jun. 2021. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2021/06/como-criar-um-instagram-comercial.ghml>. Acesso em: 02 mar. 2022.

COSTA, Thais. Algoritmo do Instagram: entenda como ele funciona e o que você precisa saber para engajar na rede! **Rockcontent**, [s. l.], online, 19 out. 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com.br/blog/algoritmo-do-instagram>. Acesso em: 21 fev. 2022.

COUTINHO, Thiago. Conheça a história do Instagram e aprenda a usá-lo!: Saiba a história do Instagram e como dois jovens criaram em apenas 8 semanas um dos aplicativos mais famosos e lucrativos do mundo!. **Voitto**, [S. l.], online, 1 out. 2020. Disponível em: <https://www.voitto.com.br/blog/artigo/instagram>. Acesso em: 28 jul. 2021.

CROSSETI, Melissa Cruz. Como deixar o Instagram privado. **Tecnoblog**, [s. l.], online, 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/como-deixar-o-instagram-privado/#:~:text=Note%20que%20as%20contas%20de,primeiro%20volte%20para%20a%20pessoal>. Acesso em: 08 mar. 2022.

CUNHA, Carolina. Emojis -Imagens que substituem as palavras na comunicação. **Uol**, São Paulo, online, [s. d.]. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/emojis-imagens-que-substituem-as-palavras-na-comunicacao.htm>. Acesso em: 15 fev. 2022.

DALBEM, Juliana Xavier; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 12-24, jun. 2005. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672005000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 mar. 2022.

DALMUTH, Claudia. Luto na era digital. O uso constante das tecnologias torna as redes sociais meios de exteriorização da dor deixada pela perda. **O Nacional**, Passo Fundo, RS, Cotidiano, 2 nov. 2016. Disponível em: <https://www.onacional.com.br/cotidiano,1/2016/11/02/luto-na-era-digital,73451>. Acesso em: 02 abr. 2022.

DANTAS, Amanda. Bio do Instagram: o que colocar no perfil do Instagram pra ter mais resultados (e seguidores). **Resultados digitais**, [s. l.], online, 18 jul. 2021. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/bio-do-instagram/>. Acesso em: 28 set. 2021.

DIAS, Paulo Henrique. Tipos de Posts para o Instagram. Conheça os principais. **Plugar ideias**, [s. l.], online, 26 mar. 2021. Disponível em: [https://plugarideias.com/2021/03/26/tipos-de-posts-para-instagram/#:~:text=No%20Instagram%2C%20post%20est%C3%A1tico%20%C3%A9,\(ou%20nenhum\)%20conte%C3%BAdo%20textual](https://plugarideias.com/2021/03/26/tipos-de-posts-para-instagram/#:~:text=No%20Instagram%2C%20post%20est%C3%A1tico%20%C3%A9,(ou%20nenhum)%20conte%C3%BAdo%20textual). Acesso em: 02 mar. 2022.

DOVELLING, Katrin, HARJU. Anu A.; SOMMER, Denise. From Mediatized Emotion to Digital Affects Cutures: New Technologies and Global Flows of Emotion. **Social Media +**

Society, Helsinki, jan-mar, 2018, p. 1-11. Disponível em:
<https://doi.org/10.1177/2056305117743141>. Acesso em: 26 jan. 2022.

FANTONI, Franciele. O que é trend e por que utilizá-la como estratégia de marketing para o seu negócio? **Astrus**, Rio Grande do Sul, 15 fev. 2022, online. Disponível em:<https://www.astrus.digital/o-que-e-trend-e-por-que-utiliza-la-como-estrategia-de-marketing-para-o-seu-negocio/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

FARIA, Aline; LERNER, Kátia. “A maior das dores”: o luto de mães no espaço público. **Lumina**, Juiz de Fora, UFJF, v. 12, n. 2, p. 118-135, maio/ago. 2018. Disponível em:
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21519/11644>. Acesso em: 28 jul. 2021.

FERNANDES, Rodrigo. Instagram voltou a mostrar curtidas? Veja como ocultar número de likes. **Tec tudo**, [s. l.], online, 13 maio 2021. Disponível em:
<https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2021/05/instagram-voltou-a-mostrar-curtidas-veja-como-ocultar-numero-de-likes.ghml>. Acesso em: 15 fev. 2022.

FIELD, N. P. Whether to relinquish or maintain a bond with the deceased. *In*: STROEBE, M. S. *et al.* (orgs.). **Handbook of bereavement research and practice: advances in the theory and intervention**. Washington: American Psychological Association, 2008, p. 113-132. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/288253151_Whether_to_relinquish_or_maintain_a_bond_with_the_deceased. Acesso em: 28 jul. 2021.

FILHO, João Ferreira Coelho, LIMA, Deyseane Maria de Araújo. Luto parental e construção identitária: compreendendo o processo após a perda do filho. **Revista Psicol. Argum**, Curitiba, v. 35, n. 88, p. 16-32. jan./abr., 2017 Disponível em:
<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/18432>. Acesso em: 28 jul. 2021.

FRANCO, Maria Helena Pereira. A Teoria do apego e os transtornos mentais do luto não reconhecido. *In*: CASELLATO, Gabriela (org.). **O Resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Summus, 2015. p. 264.

FRANCO, Maria Helena Pereira. **O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno**. 1 ed. São Paulo: Summus, 2021.

FRANQUEIRA, A. M. R.; MAGALHÃES, A. S. Compartilhando a dor: o papel das redes sociais no luto parental. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 373-389, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2018.v.6.n.11.172>. Acesso 03 ago. 2021.

FREITAS, Joanneliese; MICHEL, Luís. A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 273-283, abr./jun., 2014. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pe/a/kVYCVNL5nFcJmXDkw6rrcqj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 ago. 2021.

FRIZZO, Heloísa Cristina Figueiredo; BOUSSO, Regina Szylit; BORGHI, Camila Amaral; PEDRO, Wilson José Alves. A expressão de pesar e luto na internet: um estudo de caso

mediante o processo de adoecimento e morte de um cônjuge. **Revista Kairós - Gerontologia**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 207-231, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/36628>. Acesso: 03 ago. 2021.

GESTEIRA, Solange Maria dos Anjos; BARBOSA, Vera Lúcia; ENDO, Paulo César. O luto no processo de aborto provocado. **Acta Paul Enferm**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 462-7, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/hgSMBJmG7yMrq7mRRMkM9Gx/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 03 ago. 2021.

GIBBS, Martin *et al.* #Funeral and Instagram: death, social media, and platform vernacular. **Information, Communication & Society**. v. 18, n. 3, p. 255–268, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2014.987152>. Acesso em: 02 mar. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017

GOLDBERG, Leonardo. **Das tumbas às redes sociais**: um estudo sobre a morte e o luto na contemporaneidade. São Paulo: Benjamim Editorial, 2019.

GONÇALVES, Jacinta Tânia Teixeira. **Luto parental em situações de morte inesperada**: reações à perda, estratégias de coping e percepção de qualidade de vida. 2014. 82 p. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/18271/1/ulfpie047275_tm_tese.pdf . Acesso em: 25 ago. 2020.

GOUVEIA, Eduardo. As Cores do Luto Variam Pelas Culturas no Mundo. **Coroas para velório**, [s. l.], p. 1, 21 jan. 2020. Disponível em: <https://www.coroasparavelorio.com.br/blog/as-cores-do-luto-variam-pelas-culturas-no-mundo/>. Acesso em: 03 ago. 2021.

HASHTAG: o que significa e como usá-la na sua estratégia de Marketing Digital. **Resultados Digitais**, Florianópolis, 23 jul. 2020. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/o-que-e-hashtag/>. Acesso em: 10 out. 2021

HENRIQUES, Rosali. O Virtual e o Digital: conceitos e experiências em tempos de pandemia. **Comcime**, Juiz de Fora, online, 26 maio 2020. Disponível em: <https://pesquisafacomufjf.wordpress.com/2020/05/26/o-virtual-e-o-digital-conceitos-e-experiencias-em-tempos-de-pandemia-por-rosali-henriques/>. Acesso em: 02 fev. 2022.

IACONELLI, Vera. Quando a morte visita a maternidade: atenção psicológica durante a perda perinatal. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 34-48, set./dez., 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n3/03.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.

JULIANO, Maria Cristina Carvalho; YUNES, Maria Angela Mattar. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo v. 17, n. 3, p. 135-154, jul.-set., 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/BxDVlKfcGQLGXVwnHp63HMH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04. set. 2021.

KEMP, Simon. Digital 2022: Brazil. **Datareportal**, [S. l.], online, 9 fev. 2022. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>. Acesso em: 24 jun. 2022.

KNOTH, Pedro. Instagram passa a destacar vídeos nos perfis e soma com botão do IGTV. **Tecnoblog.net**, 2021. **Tecnoblog**, [s. l.], online, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://tecnoblog.net/467469/instagram-passa-a-destacar-videos-nos-perfis-e-soma-com-botao-igtv/>. Acesso em: 20 set. 2021.

KOLOWICH, Lindsay Cox. Os 30 recursos e dicas do Instagram que todo mundo deve conhecer. **Hubspot**, [s. l.], online, 09 jul. 2019. Disponível em: <https://br.hubspot.com/blog/marketing/instagram-recursos-dicas>. Acesso: 02 ago. 2021.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O luto no Brasil no final do século XX. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 72, p. 593-612, set./dez., 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v27i72.19341>. Acesso em: 28 jul. 2021.

KREGNATO, Débora. **Meu coração foi arrancado do peito sem anestesia**. Dourados. 20 jun. 2021. Instagram: @entrelacosdourados. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CQWi-KWNCqW/> Acesso em: 20 set. 2021.

LEBRUN, F. Um em cada dois recém-nascidos. *In*: LE GOFF, J. (org.). **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1985. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/instrumentos/asdoencastemhistoria.pdf> Acesso em: 20 set. 2021.

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. *In*: CUNHA, Paulo. (org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Sulina: Porto Alegre, 2003.

LIMA, Sabrina; FORTIM, Ivelise. A escrita como recurso terapêutico no luto materno de natimortos. **Revista Latinamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 771-778, dez., 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n4p771.12>. Acesso em: 29 mar. 2022.

LOUBAK, Ana Letícia. Como funciona o Reels no Instagram? Perguntas e respostas sobre a função. **TechTudo**, [s. l.], online, 30 jul. 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/07/como-funciona-o-reels-no-instagram-perguntas-e-respostas-sobre-a-funcao.ghml>. Acesso em: 29 set. 2021.

LUNA, Ivânia Jann. Conhecendo histórias e sentidos sobre uma perda familiar na vida adulta. **Psicologia USP**, 2020, v. 31, e200058, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200058>. Acesso em: 30 mar. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo, SP: Atlas, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. 2 ed.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MARTINUZZO, José Antônio. SANGALLI, Heryck Luiz Jacob. O luto compartilhado no Infoterritório: morte e intimidade transformada no Facebook. **ECCOM**, Lorena, v. 10, n. 19, p. 47-62, jan./jun., 2019. Disponível em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/ECCOM/article/view/952/950>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MATTOS, Silvia Joly. O maravilhoso significado dos bebês arco-íris. **Blog Dra. Silvia Joly Mattos**, São Paulo, online, 20 maio, 2021. Disponível em: <https://drasilviajolyattos.com.br/2021/05/20/o-maravilhoso-significado-dos-bebes-arco-iris>. Acesso em: 24 jan. 2022.

MELLO, C. A. Ritos Digitais, Táticas e Finitude: Confrontando a Morte no Facebook. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 90-101, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2016.107113>. Acesso em: 29 jul. 2021.

MELO, Cristina Teixeira Viera de; VAZ, Paulo Roberto Gibaldi. Perda gestacional e neonatal, um sofrimento como outro qualquer. **MATRIZES**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 91-112. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i2p91-112>. Acesso em: 04 mar. 2022.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Online, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

MONTERO. Sônia Maria Pastor *et al.* A experiência da perda perinatal a partir da perspectiva dos profissionais de saúde. **Rev. Latino-Americana de Enfermagem**. São Paulo, v. 19, n. 6, p. 1-8, nov./dez., 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000600018>. Acesso em: 28.jul.2021.

MOSCOU, Marília. Feto não é bebê, grávida não é mãe. 13 dez. 2011. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2011/12/13/feto-nao-e-bebe/>. Acesso em: 08 jun. 2022.

MOSSERI, Adam. Explicando Melhor o Funcionamento do Instagram. **Instagram**, [s. l.], online, 08 jun. 2021. Disponível: <https://about.instagram.com/pt-br/blog/announcements/shedding-more-light-on-how-instagram-works>. Acesso em: 08 mar. 2022.

MOURA, Alexandre Ramos de; SILVA, Alndey Severo Leite; LUNA, Roger Augusto; LIMA, Francisco Washington Barros de. Luto online: a representação do luto no ambiente virtual. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO EMPRESARIAL E MEIO-AMBIENTE, 18, 2016, São Paulo. **Anais Engema**. São Paulo: FEA/USP, 2016. Disponível em: <http://engemausp.submissao.com.br/18/anais/arquivos/340.pdf> . Acesso em: 14 jun. 2021.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de. ARAUJO, Maria de Fátima. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia, Ciência e profissão**, v. 24, n. 1, p. 44-55, mar., 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100006>. Acesso em: 20 set. 2021.

MUELLER, Letícia. Luto midiaticado na contemporaneidade: a reação popular perante a

morte no Facebook. **Revista Temática**, João Pessoa, v. 13, n. 08, ago., p. 196-211, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica> . Acesso em: 02 jul. 2021
MUZA, Julia Costa; SOUSA, Erica Nascimento de; ARRAIS, Alessandra da Rocha;

NAÇÕES UNIDAS, Brasil. **ONU: 2 milhões de bebês nascem mortos anualmente no mundo; mortes poderiam ser evitadas**. 8 out., 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/94864-onu-2-milhoes-de-bebes-nascem-mortos-anualmente-no-mundo-mortes-poderiam-ser-evitadas> . Acesso em: 25 jan. 2022.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena. O trauma coletivo da perda e as experiências privadas do luto: reflexões sobre o caso de Santa Maria. In: SILVEIRA, Ada (org.). **Mediatização da tragédia de Santa Maria**. v. 1, Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19899/mediatizacao%20da%20tragedia%20vol1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 ago. 2021.

PARKES, Colin Murray. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. Tradução: Maria Helena Franco. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.

PAVANELLO, Alice Bianchini; MACHADO, Alisson; SILVA, Sandra Rúbia. “Hoje sou um coração pela metade”: mães enlutadas no Facebook e o cotidiano pós-tragédia. **Comunicação & Inovação**. São Caetano do Sul, SP, v. 22, n. 48, p. 115-133, 2021 Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/6719/3257. Acesso em: 28 jul. 2021.

PEINADO, Mari Luz; CALDERÓN, Verónica. Onze razões pelas quais o México vive a morte como nenhum outro país. **El País**, Cidade do México, online, 2 nov. 2014. Disponível em: Acesso em: 12 jan. 2021.

PINOTTI, Danielly. O que é direct? Entenda essa e outras funções do Instagram. **Compara Plano**, [s. l.], online, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://comparaplano.com.br/blog/o-que-e-direct/>. Acesso em: 08 mar. 2022.

RAY, Laurie. **Qual a diferença entre embrião, feto e bebê?** Entenda os diferentes estágios do desenvolvimento de uma gravidez. 24 ago. 2021. Disponível em: <https://helloclue.com/pt/artigos/gravidez-parto-e-pos-parto/qual-a-diferenca-entre-embriao-feto-e-bebe>. Acesso em: 07 jun. 2022.

REBELO, José Eduardo. **Desatar o nó do luto**: Silêncios, Receios e Tabus. 6. ed. Espaço do luto: Aveiro/Portugal, 2018.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

RIBEIRO, Renata Rezende. **A Morte Mediatizada**: Como as redes sociais atualizam a experiência do fim de vida. Niterói: Eduff, 2015.

RODRIGUES, L. *et al.* Experiências de luto das mães frente à perda do filho neonato. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 20, n. 1, p. 73-80, jan-mar., 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/vJ3gysLHH6PrLt46rqFGzsJ/?lang=pt>. Acesso em: 28 jul. 2021.

SALGADO, Heloisa de Oliveira. **Como lidar luto perinatal**: acolhimento em situações de perda gestacional e neonatal. São Paulo: Lexema: Ema livros, 2018.

SCHMITT, Juliana Luiza de Melo. A dor manifesta: vestuário de luto no século XIX. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 76–80, 2009. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/312>. Acesso em: 11 maio 2022.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu**. A intimidade como espetáculo. 2. ed., rev. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, Ana Dóris da; COSTA, Maria Emília; MARTINS, Mariana Veloso. A vivência do luto por perda gestacional na perspectiva do casal: revisão de escopo. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, [s. l.]v. 18, n. 54, p. 77-86, dez., 2019. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/124109/2/366597.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2022.

SIMONARD, Pedro. SANTOS, Anny Rochely Vieira. Identidade, Pertencimento e Engajamento político nas mídias sociais. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 14, n. 3, set/dez., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2017v14n3p14>. Acesso em: 04 fev. 2022.

SOARES, Larissa Gramazio *et al.* Mães de Anjos: (re)vivenciando a morte do filho como estratégia de enfrentamento. **Escola Anna Nery**, v. 24, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/8nVfg8MTxkj6DyXWdb4dB7r/?lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2022.

SOARES, Karol. Instagram stories: Ferramenta de interação direta com o usuário. **ZNIT**, Campo Grande, MS, online, 01 jun. 2020. Disponível em: <https://www.znit.com.br/instagram-stories-ferramenta-de-interacao-direta-com-o-usuario/>. Acesso em: 08 abr. 2022.

SOUZA, Isadora. Entenda a diferença entre feed e stories Instagram: qual devo usar? **Eficaz Marketing**, São Paulo, 11 fev. 2020. Disponível em: <https://eficazmarketing.com/blog/diferenca-entre-feed-e-stories-instagram-qual-devo-usar/>. Acesso em: 11 fev. 2022.

SPONVILLE, André Comte. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

STROEBE, Margaret S.; SCHUT, Henk. Models of coping with bereavement: a review. *In*: STROEBE, M. S. *et al.* (orgs.). **Handbook of bereavement research**: consequences, coping and care. Washington: American Psychological Association, 2001, p. 375-403. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2001-18149-016>. Acesso em: 23 jun. 2021.

STROEBE, M. S.; SCHUT, H. The dual process modelo of coping with bereavement: rationale and description. **Death Studies**, v. 23, n. 3, abr-maio, 1999, p. 197-224.

TEODÓZIO, A. M *et al.* Particularidades do Luto Materno Decorrente de Perda Gestacional: Estudo Qualitativo. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 20, n. 2, p. 1-14, 2020.

<https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/e9834> Acesso em: 20 set. 2021.

THOMPSON, Janice Allison. Making room for the other: Maternal mourning and eschatological hope. **Modern Theology**, v. 27, n. 3, p. 395-413, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1468-0025.2011.01684.x>

TINOCO, Valéria. O processo de luto na maternidade prematura. *In*: CASELLATO, Gabriela. (org.). **O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Summus Editorial, 2015, p. 29-47.

VAILATI, Luiz Lima. As fotografias de “anjos” no Brasil do século XIX. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 51-71, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5446>. Acesso em: 02 ago. 2021.

VIEIRA, Nathan. Digital Influencers: afinal, o que é ser influenciador nas redes? **Canaltech**, [s. l.], online, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/digital-influencers-afinal-o-que-e-ser-um-influenciador-nas-redes-162554/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAUJO, Elaine Vasquez Ferreira de. (org.) **Tecnologia, sociedade e educação na era digital**. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2016.

Disponível em:

http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/tecnologia,sociedadeeducacaonaeradigital_011120181554.pdf. Acesso em: 01 ago. 2021.

VOLPATO, Bruno. Ranking: as redes sociais mais usadas em 2021 no Brasil e no mundo com insights e materiais gratuitos. **Resultados Digitais**, Florianópolis, online, 24 ago. 2021. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso: 01 set. 2021.

XAVIER, Maria Rita Pereira; NEVES, Thiago Tavares das. Por uma vida afetada – afetos, tecnologia e vínculos na contemporaneidade. **Revista Inter-Legere**, Rio Grande do Norte, v. 14, n. 14, p. 1-17, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/5293>. Acesso em: 11 maio. 2022.

ZANETTI, Daniela. A Cultura do Compartilhamento e a Reprodutibilidade dos Conteúdos. **Ciberlegenda**, Niterói, n. 25, p. 60-70, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36884/21458>. Acesso em: 05 dez. 2020.

ZIVIANE, Paula. Comunicação e Cultura no campo dos Estudos Culturais. *Comunicação e Sociedade*, São Bernardo do Campo, v. 39, n. 2. p. 7-31, maio/ago., 2017. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/5288/5947>.

Acesso em: 07 dez. 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Lista de perfis



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE – PPGCom

Perfis do instagram com #maesdeanjo, #maedeanjo e #maesdeanjos

Nome do perfil	Categoria	Seguidores
maes.deanjos	peçoal (relatos e histórias)	5.126
maes.de.anjos	peçoal	2.256
mae_de_anjo_bernardo	peçoal - foi cancelado em 2021	1.289
Jackmae_deanjo	criador conteúdo digital	62,1
casamaesprasempre	grupo de apoio ao luto perinatal, neonatal e gestacional	1.453
parasempre_lucio	peçoal- morreu após 1 ano/ <i>posts</i> sobre vida peçoal	756
maesdeanjosparasempre	coletivo- por duas mães homenageando seus filhos	872
sobre_viver_maesdeanjo	peçoal - só faz repost	385
maesdeanjosMT	grupo de apoio ao luto perinatal, neonatal e gestacional	987
maesdeanjolutando unidas	grupo de apoio coordenado por duas mães	983
maesdeanjo_embusca doarcoiris	peçoal - não posta desde dez 2020	1.135
maesdeanjos_e_arcoiris	peçoal - último post novembro	260
_maesdeanjo	criador conteúdo digital com relatos- parou postar	674
maes_de_anjos1	grupo de apoio, campanha e bazares	637
maes.de.anjo	peçoal (último post outubro)	2.567
maesdeanjos	grupo de apoio - parou em 2015	659
maesdeanjo_ajuda	grupo de apoio	169
maesdeanjo12	peçoal (sem postagem desde agosto)	379
maesdeanjoslz	grupo de apoio poucas postagens	136
maesdeanjo_tere	grupo de apoio reuniões quinzenais	276
maes_de_anjo	criador de conteúdo digital	254
maesdeanjos_1	criador de conteúdo digital	60
maes_deanjo9	peçoal sem publicação	976
maes_de_anjoss	peçoal última post set 2020	1.186
maesdeanjooficial	peçoal pouca interação, último post janeiro 2021	370
maesdeanjoje	grupo de apoio	179
apoio_a_maesdeanjos	peçoal última post set 2019	430
grupo.maesdeanjos	grupo de apoio por psicólogos	51
maesdeanjonazare	peçoal	40
maesdeanjosoficial	grupo de apoio	800
maesdeanjoonlineoficial	peçoal, última postagem janeiro	476
maesdeanjoba	grupo de apoio	236
maes_de_anjo_curvelo	projeto social de apoio	121

(Continua)

Nome do perfil	Categoria	Seguidores
maesdeanjoirece	grupo de apoio	14
maesdeanjo_	peessoal sem publicação	103
maes.de_anjo	peessoal, 07 postagens, nenhum comentário	14
maesdeanjoazul	peessoal conta provada	30
maes_de_anjoh	peessoal sem publicação	60
meuanjo_otavio	blog pessoal	1.107
eternamaternidade	blog pessoal	14.800
institutoamornosso	grupo de apoio a perda gestacional e neonatal	14.000
Grupoacolhermaesdeanjos	grupo de apoio	3.488
umdiadecadavez	blog pessoal	2.730
sobrevivigrupodeapoio	grupo de apoio	293
amornocéu	psicóloga	1.818
entrelaçosedourados	grupo de apoio ao luto perinatal	1.750
meu_anjonoceu	blog pessoal	122
jaqueline20maedeanjo	blog pessoal pouca interação e não conta história	867
psiferangel	grupo de apoio ao luto gestacional e neonatal	4.782
anjinhamanuela	blog pessoal	1.083
grupoluzjf	grupo de apoio a perda gestacional e neonatal	1.360
maesdeluto	blog pessoal	1.101
florescercomanjos	grupo de apoio, acolhimento e escuta	7.151
entremaesdeanjos	criador conteúdo digital	25.600
vivendoelutandobia	blog pessoal	9.345
vivendoelutando	blog pessoal	1.179
grupo.amorinfinito	grupo de apoio, reuniões quinzenais	180
voealtomeuanjinho	blog pessoal	2.107
meuanjinhonoceu	blog pessoal	244
anjinhoantonellaaparecida	blog pessoal	240
mamaedeanjinhos	blog pessoal	1.957
mary_mãe_de_anjo	blog pessoal	626
anjinhosamukaevitoria	blog pessoal	1.226
mamae_de_umanjinho	blog pessoal sem publicação desde 2018	1.181
meuanjinhocorderosa	blog pessoal	241
anjinhootavio.ga	blog pessoal	177
meuaninhoeloah	blog pessoal	126
maedoanjinhodanilo	blog pessoal	284
anjobom00	blog pessoal	108
maedeanjo	blog pessoal	1.694
institutoanjinhofeliz	ONG	4.073
anjinho.daniel	blog pessoal	40
anjo.s7907	blog pessoal	119
maesgravidasetentantes	blog pessoal	155
maedeanjo_do_luto_a_luta	blog familiar	6.180
maedeanjoluz	blog pessoal pouca publicação/mês	2.669
maedeanjo04	blog pessoal	127

(continuação)

Nome do perfil	Categoria	Seguidores
maesdeanjosententante	blog pessoal	1.671
maedeanjo19	blog pessoal	100
maedeanjo_2020	blog pessoal	473
maed.eanjo	blog pessoal	336
eterna.maedeanjo	blog pessoal, poucas publicações/mês	4.059
maede.anjos	blog pessoal	399
psiperinatalemfoco	psicologia	1.187
meu_anjinho_daniel_jesus	blog pessoal	5
maedoanjinhodanilo	blog pessoal	314
anjinhodavilucas	blog pessoal	126
maezinha_de_anjo	blog pessoal	133
mamae_deanjinho	blog pessoal	1.386
mamae_deum_anjo	blog pessoal	394
mamae_deanjo2	blog pessoal	692
amandinhamadeanjo	blog pessoal – bebê arco-íris e trombofilia	4.239
maedeanjos02	blog pessoal	1.056
anjinhalaria	blog pessoal	98
somos.mamaes.de.anjos	ONG	1.359
mamaedoanjoarthur	blog pessoal	205
maedeanjoiris	blog pessoal	136
mamaedeumanjodoceu	blog pessoal	228
para_sempre_meu_anjo	blog pessoal	269
mamaedeanjo_lucasaugusto	blog pessoal	258

(conclusão)

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE – PPGCom

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**Título do projeto: A comunicação da dor do luto através do Instagram.****Pesquisador responsável:** Janete Monteiro GomesE-mail: jannamonteiro@gmail.com

Tel: (63) 9 8114-8484

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Tocantins / Departamento de Comunicação.**Prezada Senhora,**

Você está sendo convidado a participar como voluntário da Pesquisa: “A Comunicação da dor do luto no Instagram”, sob a responsabilidade da pesquisadora Janete Monteiro Gomes que pretende realizar uma entrevista composta por 14 questões subjetivas referentes ao motivo pelo qual as mães que sofreram perdas gestacionais e neonatais procuram perfis no Instagram para relatar suas dores e como elas interagem nestes perfis.

Atenção: Antes de aceitar participar desta pesquisa, é importante que você leia e compreenda a seguinte explicação sobre os procedimentos propostos. Esta declaração descreve a justificativa, objetivo, procedimentos, benefícios, riscos, despesas, desconfortos e precauções do estudo. Você tem direito de se retirar da pesquisa a qualquer momento se achar necessário. Nenhuma garantia ou promessa pode ser feita sobre os resultados.

A sua participação nesta pesquisa é muito importante, para nossa pesquisa sobre o uso da rede social Instagram como mãe de anjo enlutada. O objetivo primário deste trabalho é compreender o uso da rede social Instagram como espaço de interação e socialização do luto gestacional e neonatal pelas mães de anjo, bem como verificar, por meio das narrativas nos *posts* e comentários do Instagram, se há reconhecimento desse luto por parte da sociedade.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'J. Gomes', is located in the bottom right corner of the page.

Além deste, os objetivos específicos são: Demonstrar como as mães descrevem a experiência delas e a própria dor nas postagens e comentários e como se expressam diante da dor do outro; verificar como essa forma de interação, via rede social, pode colaborar na elaboração do luto; apontar a existência de padrões de interação dentro destes perfis e quais as expressões de solidariedade são mais recorrentes.

O estudo justifica-se no fato da autora vivenciar dois lutos seguidos, sendo um deles de meu pai e o outro de minha amiga Arielar, e ainda por acompanhar luto por perdas de bebê, ainda na gestação, de amigas e primas. Na ânsia de buscar entender o que sentia em relação às perdas e localizar espaços para falar dos sentimentos, a autora buscou pesquisar literatura na área do luto e em páginas das redes sociais. Da observação empírica, a autora verificou que havia muitos tipos de luto, inclusive os não reconhecidos como, por exemplo, o luto das mães de neonatos.

Diferente de outras plataformas de mídia social, o luto no Instagram é mais sobre expressões pessoais de perda pois, a gestão da vida torna-se exacerbada durante o processo de luto e começa-se a refletir muito, diante do que foi apresentado analisamos que apesar de muitos temerem o luto publicamente, muitas pessoas encontraram conforto em páginas de perfis no Instagram e descobriram que é comum expressar sua dor e manter o relacionamento reestruturado com o falecido.

Cabe ressaltar que é notório o espaço, cada vez mais preponderante, que as narrativas de dor vêm ocupando nas redes sociais, o que reforça o argumento de Vaz (2004) de que o ambiente virtual seria um ambiente utilizado para o compartilhamento de diversas situações vivenciadas. Neste caso específico do luto, surgem além de mensagens de apoio para quem está enlutado e chora sua perda, também mensagens de conforto e formas de ressignificação para as pessoas sobre a delicadeza e importância dessa dor para quem as enfrenta.

As participantes serão escolhidas dentro dos perfis listado em tabela obtida após a prospecção inicial. Serão convidadas as administradoras de perfis que se enquadrem nos critérios de inclusão e exclusão. O recrutamento das participantes será realizado por meio do contato inicial, via mensagem direta (*direct*), no próprio aplicativo Instagram. A participante receberá a TCLE por e-mail.

A coleta de dados será realizada com as pessoas responsáveis por três perfis-base totalizando três entrevistadas. As entrevistas serão aplicadas de forma virtual, via ferramentas como *google meet* ou *zoom*, com gravação de áudio, em língua portuguesa e com um tempo designado de cerca de uma hora. Em respeito à privacidade, a opção de vídeo pode ser relativizada, de forma que a câmera poderá ficar desligada se for melhor para a entrevistada.

O método a ser utilizado será o estudo de caso. Quanto aos riscos o que poderia ocorrer é a exposição não autorizada do conteúdo das entrevistas. No entanto, ressalta-se que será obedecida a Resolução nº 466/12. Será assegurado o anonimato dos participantes e as informações coletadas serão usadas somente para o estudo proposto. Será assegurado, ainda, a confidencialidade, a privacidade e a proteção da imagem garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas envolvidas, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico.

Como benefícios, esta pesquisa possibilita à sociedade a discussão de um tema negligenciado e não divulgado como o luto das mães que perdem os bebês na fase gestacional ou neonatal. Pelos relatos observados, muitas mães sentem-se oprimidas por não poderem falar de sua dor, e por conseguinte não terem a dor legitimada de forma que a pesquisa pode colaborar na desmistificação do assunto.

Assim, para a realização desta pesquisa você foi contactado pela pesquisadora via mensagem no Instagram. Foi apresentado esse termo, juntamente com a entrevista e questionário via e-mail para esclarecimento de maiores dúvidas e por meio do aplicativo *WhatsApp*®, que servirá como porta de acesso ao link do *Google Forms*®. Ambos poderão ser realizados em um momento melhor conveniência para você.

Reforçamos que sua participação neste estudo poderá trazer benefícios ao desenvolvimento científico para a sociedade levando informações mais precisas sobre o porquê as mães que perdem bebês na fase gestacional e neonatal, intituladas “mães de anjos”, usam o espaço do Instagram para relatar suas dores e sentimentos e como essa interação acontece.

Quanto aos riscos pode ocorrer a exposição não autorizada do conteúdo das entrevistas, no entanto, ressalta-se que será obedecida a Resolução nº 466/12. Será assegurado o anonimato dos participantes e as informações coletadas serão usadas somente para o estudo proposto. Será assegurado a confidencialidade, a privacidade e a proteção da imagem garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico. A pesquisadora assume a responsabilidade de fazer registros dos perfis por codinome, de forma a garantir sigilo e não expor as pessoas envolvidas; garantia de que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos; assegurara inexistência de conflito de interesses entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa. Qualquer intercorrência na pesquisa e/ou desistência do participante da pesquisa serão comunicadas ao sistema CEP/ Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). As informações coletadas serão enviadas somente para o e-mail criado pela pesquisadora com a finalidade de resguardar os dados de forma segura.

Todos os sujeitos participantes deste estudo estão isentos de qualquer custo. Caso seja lesado por algum dano decorrente da pesquisa ele será ressarcido. Qualquer despesa eventual por participação será ressarcida pelos pesquisadores, bem como algum dano gerado. A sua participação nesse estudo é voluntária e você terá plena e total liberdade para se desvincular a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

As informações relacionadas ao estudo são confidenciais e qualquer informação divulgada em relatório ou publicação será feita de forma codificada, para que a confidencialidade seja mantida. Sua identificação será mantida sob sigilo. Ressalta-se que os dados oriundos desta pesquisa serão usados apenas neste estudo e serão guardados na responsabilidade do pesquisador por um período de cinco anos após o término da pesquisa. O S.r. (a) pode fazer todas as perguntas que julgar necessário antes de concordar em participar do estudo. Esse documento será disponibilizado para as responsáveis pelos perfis selecionados, via e-mail, para esclarecimentos de maiores dúvidas.

Após os devidos esclarecimentos e estando ciente de acordo com os que me foi exposto, Eu _____ declaro que aceito participar desta pesquisa, dando pleno consentimento para uso das informações por mim prestadas. Para tanto, assino este consentimento em duas vias, rubrico todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Local e data: Palmas, 08 de agosto de 2021

Assinatura da Participante

Janete Monteiro Gomes

Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE – PPGCom

ROTEIRO DE ENTREVISTA**EIXO 1 – PERFIL PESSOAL**

- 1.1 Qual sua faixa etária?
- abaixo de 20 anos
- entre 20 anos a 30 anos
- de 31 anos a 40 anos
- acima de 40 anos
- 1.2 Em qual região do país você vive?
- Norte
- Nordeste
- Centro-oeste
- Sudeste
- Sul
- 1.3 Em relação a cidade em que mora, ela é?
- a capital
- cidade do interior de grande porte
- cidade do interior de médio porte
- cidade do interior de pequeno porte
- 1.4 Qual o seu estado civil?
- solteira
- casada
- viúva
- outro: _____
- 1.5 Qual a sua profissão?
-

EIXO 2 – POR QUE USA O INSTAGRAM

- 2.1 Quando você criou a conta no Instagram?

- 2.2 Qual a finalidade com a criação do perfil?

- 2.3 Você usava o Instagram antes de ter perdido o bebê?

- 2.4 Porque resolveu usar o Instagram para relatar as dores do luto?

- 2.5 Como costuma ocorrer a interação dentro do perfil?
 faço meus próprios relatos
 comento relatos de outras pessoas
 ofereço condolências
 outra: _____
- 2.6 Você acredita que o Instagram te ajudou ou ajuda como estratégia para lidar com o processo de luto?
 Sim Não
- 2.7 Como você se sente após interagir no Instagram com outras mães?

- 2.8 Na sua família há espaço para fala e escuta sobre as dores do luto?

- 2.9 Você conta com rede de apoio como amigos, vizinhos ou parentes?

EIXO 3 – INTERAÇÃO

- 3.1 Além da ausência física e da dor emocional, qual a maior dificuldade que você tem encontrado neste processo como mãe de anjo?

- 3.2 Como acontece a dinâmica da interação na rede social Instagram?

- 3.3 Como elabora seus *posts*?
 sozinha

() com ajuda de algum amigo ou parente

() terceirizo o serviço

() outro: _____

3.4 O que mais as pessoas escrevem ou te falam quando você faz seus relatos?

3.5 O que você fala/responde às mães enlutadas?

EIXO 4 – LUTO

4.1 Há quanto tempo perdeu o bebê?

4.2 Você considera que o luto gestacional e neonatal é reconhecido?

() Sim

() Não

Por que?

4.3 O que significa o luto para você?

4.4 Você buscou apoio espiritual?

() Sim

() Não

4.5 O que significa para você ser mãe de anjo?

4.6 O que significa o termo arco-íris na linguagem das mães de anjo?

4.7 Antes da pandemia, você participou de algum grupo de apoio presencial?

() Sim

() Não

4.8 Agora, em razão da pandemia, suas redes de apoio têm sido apenas digitais?

() Sim

() Não

4.9 Você abriu uma conta nova para tratar do luto ou usa a seu pessoal?

APÊNDICE D – Livro de códigos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
 ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE – PPGCom

CÓDIGO	CATEGORIAS	EXPLICAÇÃO - DICIONARIO
1	• Gratidão	Expressa estar grato
2	• Perda e luto	Empatia / demonstração de afeto / conforto emocional e espiritual / relato de dor / acolhimento
3	• Elogios / Autoelogios	Manifestar opinião favorável a... Elogio a si próprio
7	• Diversos	Frases aleatórias
0	• Somente emojis	❤️😊👍
100	• Somente marcação de perfil	@gabimoshandmade
200	• Marcação perfil + Emojis	@thayaneberingui 😊😊
CÓDIGO	SUBCATEGORIAS PERDA E LUTO	EXPLICAÇÃO - DICIONARIO
2	• Empatia / Solidariedade / Compaixão	• Identificação com a ideia, causa ou pessoa.
4	• Demonstração de Sentimentos	• Manifestação de sentimento.
5	• Conforto Espiritual / Acolhimento	• Amparo religioso. • Receber bem.
6	• Relato / desabafo de dor	• Narrativas de dor e do processo de luto; • Reivindicações de respeito.
CÓDIGO	SUBCATEGORIAS GRATIDÃO	EXPLICAÇÃO - DICIONARIO
1	• Agradecimento	• Expressar reconhecimento
8	• Homenagem	• Tributo

ANEXOS

ANEXO A – Parecer do CEP

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A COMUNICAÇÃO DA DOR DO LUTO NO INSTAGRAM

Pesquisador: JANETE MONTEIRO GOMES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 51037621.6.0000.5519

Instituição Proponente: Fundação Universidade Federal do Tocantins

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.999.568

Apresentação do Projeto:

Parecer avaliado de acordo com Resolução do Conselho Nacional de Saúde de nº 466 de 12/12/12 e suas complementares.

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa", "Avaliação dos Riscos e Benefícios", Comentários e considerações sobre a pesquisa foram copiadas dos arquivos "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1789089.pdf" de 09/08/2021, "Projeto_completo.pdf" de 09/08/2021.

- Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação e Sociedade.

Tratar-se-á de estudo de caso, pesquisa do tipo descritiva, qualitativa, de natureza básica, método indutivo.

- Local do estudo: O estudo será realizado na rede social Instagram com os comentários e posts das mães que vivenciaram perdas gestacionais ou neonatais e partilham suas dores emocionais nos perfis da rede social Instagram.

- Amostra: três pessoas responsáveis por três perfis-base.

- Os Critérios de Inclusão: Perfis no Instagram que tratem de perdas gestacionais e neonatais; Perfis que tenham o nome "anjos" ou "maesdeanjos" no título; Perfis que estejam atuantes com postagens até dezembro de 2020; Perfis aberto; Perfis criados há um ano ou mais; Números de seguidores acima de 5000; Responsáveis pelos perfis que concordem em participar da pesquisa

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

Continuação do Parecer: 4.999.568

mediante a leitura e confirmação do TCLE que será enviado por link pelos autores.

- Os Critérios de Exclusão: Participantes que, por qualquer motivo, desistirem de participar da pesquisa em qualquer fase da análise e/ou coleta de dados; Perfis com três ou mais publicações seguidas relacionadas à venda ou propaganda; Responsáveis pelos perfis que, por qualquer motivo, não confirmarem a leitura do TCLE.

- Os procedimentos para a coleta de dados:

- As participantes serão escolhidas dentro dos perfis listado em tabela obtida após a prospecção inicial. Serão convidadas as administradoras de perfis que se enquadrem nos critérios de inclusão e exclusão. O recrutamento das participantes será realizado por meio do contato inicial, via mensagem direta (direct), no próprio aplicativo Instagram. A participante receberá a TCLE por e-mail; A coleta de dados será realizada com as pessoas responsáveis por três perfis-base totalizando três entrevistadas. As entrevistas serão aplicadas de forma virtual, via ferramentas como google meet ou zoom, com gravação de áudio, em língua portuguesa e com um tempo designado de cerca de uma hora. Em respeito à privacidade, a opção de vídeo pode ser relativizada, de forma que a câmera poderá ficar desligada se for melhor para a entrevistada; A pesquisa será suspensa caso as entrevistadas informem que querem desistir de participar do estudo. A suspensão permanecerá até que outras mães de anjos com perfis no Instagram sejam contactadas para substituição; A pesquisadora garante que as entrevistadas terão acesso exclusivo, via email, aos resultados do estudo em questão. Os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de publicações em periódicos científicos e/ou em encontros científicos, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa.

- O plano para análise de dados: A análise de dados será baseada nas primeiras impressões acerca da realidade organizacional. As entrevistas serão organizadas em planilhas do Excel com a finalidade de realizar descrição e análise dos dados obtidos. Cada categoria será elaborada por meio de trechos selecionados das falas dos entrevistados. O software escolhido para análise de dados, inicialmente será o MAXQDA pela familiaridade com a ferramenta, e por ser uma ferramenta importante na análise de pesquisas qualitativas e adaptação ao sistema operacional Windows 2018.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário

Compreender o uso da rede social Instagram como espaço de interação e socialização do luto gestacional e neonatal pelas mães de anjo, bem como verificar, por meio das narrativas nos posts

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoxarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (83)3232-8023

E-mail: oep_uf@uft.edu.br

Continuação do Parecer: 4.999.568

e comentários do Instagram, se há reconhecimento desse luto por parte da sociedade.

Objetivos secundários

- Demonstrar como as mães descrevem a experiência delas e a própria dor nas postagens e comentários e como se expressam diante da dor do outro;
- Verificar como essa forma de interação, via rede social, pode colaborar na elaboração do luto;
- Apontar a existência de padrões de interação dentro destes perfis e quais as expressões de solidariedade são mais recorrentes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

- Riscos: "Quanto aos riscos o que poderia ocorrer é a exposição não autorizada do conteúdo das entrevistas. No entanto, ressalta-se que será obedecida a Resolução nº 466/12. Será assegurado o anonimato dos participantes e as informações coletadas serão usadas somente para o estudo proposto. Será assegurado, ainda, a confidencialidade, a privacidade e a proteção da imagem garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas envolvidas, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico."
- Benefícios: "Possibilitar à sociedade a discussão de um tema negligenciado e não divulgado como o luto das mães que perdem os bebês na fase gestacional ou neonatal. Pelos relatos observados, muitas mães sentem-se oprimidas por não poderem falar de sua dor, e por conseguinte não terem a dor legitimada de forma que a pesquisa pode colaborar na desmistificação do assunto."
- Em relação aos RISCOS descritos na Resolução CNS 466/12 no III.1, alínea b, bem como a Norma Operacional CONEP 001/2013 item 12 os pesquisadores ponderam os riscos e benefícios envolvidos na execução da pesquisa. Os pesquisadores avaliaram a gradação dos riscos e descreveram as medidas para sua minimização e proteção do participante da pesquisa, as medidas para assegurar os necessários cuidados, no caso de danos aos indivíduos e os possíveis benefícios, diretos ou indiretos, para a população estudada e a sociedade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

- Projeto de extrema relevância considerando, como os próprios pesquisadores apresentam "O uso massivo da internet e das redes sociais virtuais para compartilhar todos os assuntos do cotidiano. (...) o Instagram que é entendido mais como um prolongamento do âmbito privado, onde dizemos nossos sentimentos da maneira como os expressamos às pessoas próximas, se insere, com uma grande quantidade de perfis e espaço para discussão das mães que perderam os seus bebês, isto é que vivenciam o luto gestacional e neonatal, que ocorre quando a perda do filho acontece durante a gestação, ou na primeira semana de vida do bebê. Com esse interesse comum, muitas mães

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uf@uft.edu.br

Continuação do Parecer: 4.999.568

enlutadas procuram comunidades virtuais para falar de suas dores nestas.”

- O protocolo, em geral, apresenta de modo organizado. Como se trata de um projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins, entende-se que o protocolo atende a Resolução 466/12 estando adequado para ser desenvolvido.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Folha de Rosto - todos os campos foram preenchidos, datados e assinados, com identificação dos signatários. As informações prestadas são compatíveis com as do protocolo. A identificação das assinaturas contém, com clareza, o nome completo e a função de quem assinou, bem como está indicada por carimbo.

- Orçamento financeiro - detalha os recursos e destinação, apresentado em moeda nacional e explícita no projeto quem custeará a pesquisa.

- Cronograma - descreve a duração total e as diferentes etapas da pesquisa.

- TCLE: Elaborado em forma de convite, inclui informações quanto à justificativa, os objetivos e os procedimentos; explícita os possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação na pesquisa, além dos benefícios esperados dessa participação e apresentação das providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar dano, considerando características e contexto do participante da pesquisa; esclarecimento sobre a forma de acompanhamento e assistência a que terão direito os participantes da pesquisa; garantia de plena liberdade ao participante da pesquisa, de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma; garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa; garantia de que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; explicitação da garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes; explicitação da garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Refere ser elaborado em duas vias, garantiu espaços em todas as páginas para colher assinaturas do convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, bem como do pesquisador responsável, ou pela (s) pessoa (s) por ele delegada (s), com identificação do endereço e contato telefônico dos responsáveis pela pesquisa e do CEP local. Cumpriu as exigências éticas expressas na CNS nº 466/12.

- Declaração de Compromisso do Pesquisador Responsável – contemplada na folha de rosto em pesquisador responsável.

- Documento da Instituição Campo Autorizando o Estudo – anexado de forma correta

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoxarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uf@uft.edu.br

Continuação do Parecer: 4.999.568

considerando o delineamento do estudo.

- Instrumentos de coleta – construídos em conformidade com os objetivos da pesquisa.
- Projeto de pesquisa - anexado de forma correta.
- Os currículos dos pesquisadores atendem as exigências para esta pesquisa.

Recomendações:

- Conforme item XI (DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL) na Resolução CONEP 466/12, destacamos apenas como lembrete:

XI.2 - Cabe ao pesquisador:

- c) desenvolver o projeto conforme delineado;
- d) elaborar e apresentar os relatórios parciais e/ou finais;
- f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;
- g) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
- h) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

- Não foram observados óbices éticos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Reitera-se que, conforme Resolução CNS 466/2012, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d, e Resolução CNS 510/2016, Art. 28, inc. V, os pesquisadores responsáveis deverão apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1789089.pdf	09/08/2021 20:40:44		Aceito
Parecer Anterior	RESPOSTA_PENDENCIA.pdf	09/08/2021 20:37:51	JANETE MONTEIRO GOMES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ANEXO_A_TCLE.pdf	09/08/2021 20:23:12	JANETE MONTEIRO GOMES	Aceito

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uf@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 4.999.568

Orçamento	ORCAMENTO.pdf	09/08/2021 20:19:37	JANETE MONTEIRO GOMES	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	09/08/2021 20:15:52	JANETE MONTEIRO GOMES	Aceito
Brochura Pesquisa	BROCHURA.pdf	09/08/2021 20:14:17	JANETE MONTEIRO GOMES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_completo.pdf	09/08/2021 20:13:46	JANETE MONTEIRO GOMES	Aceito
Outros	ANEXO_F_DECLARACAO_DE_INSTIT UICAO_E_INFRAESTRUTURA.pdf	09/08/2021 17:14:40	JANETE MONTEIRO GOMES	Aceito
Outros	ANEXO_B_TERMO_DE_CONSENTIME NTO_POS_INFORMADO.pdf	09/08/2021 17:13:14	JANETE MONTEIRO GOMES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	ANEXO_C_DECLARACAO_DE_COMP ROMISSO_DA_PESQUISADORA.pdf	08/08/2021 18:27:00	JANETE MONTEIRO GOMES	Aceito
Outros	APENDICE_A_LISTA_DE_PERFIS.pdf	08/08/2021 18:26:49	JANETE MONTEIRO GOMES	Aceito
Outros	ANEXO_E_TERMO_DE_CONFIDENCI ALIDADE.pdf	08/08/2021 18:26:08	JANETE MONTEIRO GOMES	Aceito
Outros	ANEXO_D_CARTA_DE_ENCAMINHAM ENTO.pdf	08/08/2021 18:25:49	JANETE MONTEIRO GOMES	Aceito
Outros	APENDICE_B_ROTUIRO_DE_ENTREV ISTA.pdf	08/08/2021 18:25:02	JANETE MONTEIRO GOMES	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	06/07/2021 20:09:54	JANETE MONTEIRO GOMES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PALMAS, 27 de Setembro de 2021

Assinado por:
PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado
Bairro: Plano Diretor Norte CEP: 77.001-090
UF: TO Município: PALMAS
Telefone: (63)3232-8023 E-mail: csep_uf@uft.edu.br